

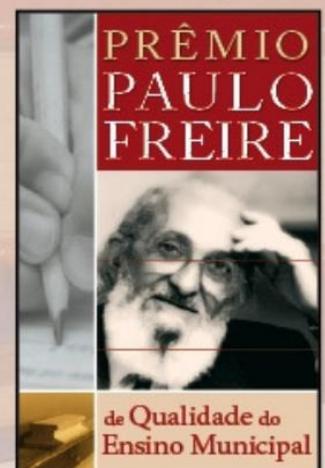
PRÊMIO PAULO FREIRE 2008

de Qualidade do Ensino Municipal



Projetos Premiados

Reconhecer e valorizar as iniciativas que contribuam para melhorar a qualidade do ensino na escola pública municipal, este é o objetivo do Prêmio Paulo Freire. Inscreva os projetos e ações que a sua escola desenvolve, compartilhe seus resultados e ajude a aprimorar o ensino municipal.



ORGANIZAÇÃO:



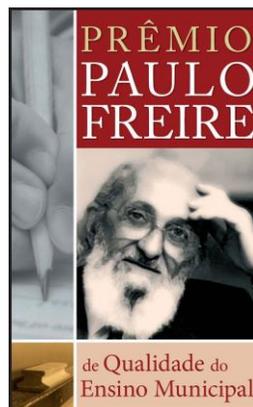
CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO



APOIO:



Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



**Prêmio Paulo Freire
de Qualidade do Ensino Municipal**

**PROJETOS PREMIADOS
2008**

Os projetos premiados da edição 2008 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto no item 5.3 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

1º LUGAR

Documentação Pedagógica - Novas Tecnologias a Favor da Educação.....4

2º LUGAR

Poesia Haikai – O olhar japonês sobre a natureza.....9

3º LUGAR

Direitos Humanos na Formação Escolar.....14

MENÇÕES HONROSAS:

Memória do Bairro e Memória da Escola.....22

Matematização, Transdisciplinar & Comece Certo.....29

Cantando com os Bichos da Arca.....32

Tocar e Trocar: A inclusão do Amor como Currículo Essencial.....38

Idoso - Legitimando a Melhor Idade.....43

Educação para a Diversidade.....46

Tum, Tum, Tum, que barulhinho bom!.....50

Artes Visuais – Questão de Cidadania.....54

Dorothy Stang – Plantada na Floresta e Semeada na Educação Infantil da Cidade de São Paulo – Uma Singela Homenagem.....61

Família – Uma Trajetória de Descobertas e Conquistas Compartilhadas.....66

Acolhimento e Adaptação – Um Caminho para Paz na Educação Infantil.....69

Cuidar da vida lendo o mundo.....106

O Brincar, Cantar e Dançar Ensinam os Pequenos.....110

Biblioteca Itinerante – Leve esta idéia para casa.....114

Urbanização e Moradia.....121

1º LUGAR

Projeto:
**“Documentação Pedagógica
novas tecnologias a favor da educação”**

Unidade Educacional:
CEI PENHA

Responsáveis:
**Irene Rodenas Marassi, Marli Peitl Tufano, Mirian Peitl Delgado e
Maria Andrea Oliveira**

INTRODUÇÃO

A educação brasileira é marcada por grandes desafios, mas também por grandes histórias. Histórias de gente que ama o que faz, que insiste, persiste e não desiste da luta por uma educação de qualidade para todos e do sonho de liberdade e equidade.

Deixar registrado aqui, uma história de avanços de um grupo de educadores ainda tão tímido e desacreditado como são as PDIs, antigas ADIs no CEI, me ajuda a nunca deixar de acreditar no ser humano, na sua capacidade de superação e no poder de transformação da educação .

Somos “plantadores de sonhos”. Talvez nunca provemos do fruto, mas fazemos parte de um grupo de pessoas que nunca desistirão de plantar as sementes.

JUSTIFICATIVA

O CEI, hoje, luta para ser reconhecido como um importante espaço de educação e cuidados que promova o desenvolvimento pleno e integral das crianças na primeira infância. Um questionário avaliativo da nossa Unidade revelou que a comunidade ainda via o CEI apenas como um lugar para alimentar, dar banho e tomar conta dos filhos das mães trabalhadoras. As educadoras não se sentiam valorizadas e reconhecidas.

O CEI precisava refletir uma proposta educativa, proposta esta, que na verdade precisava ser fortalecida dentro da própria Unidade.

Na tentativa de trazer para discussão e reflexão os principais objetivos da Educação Infantil e das propostas de trabalho da nossa Unidade com todos os envolvidos (educadores, famílias e comunidade), é que surge essa proposta.

Ainda precisamos continuar investindo na construção de uma proposta coesa que reflita de forma coerente a relação entre nossas intenções e ações docentes e que estas, estejam em consonância com os princípios e objetivos traçados para a educação infantil; Para que nosso discurso não seja vazio de prática ou para que não estejamos aspirando sermos reconhecidas como educadoras e continuando a calcar nossas práticas em concepções ultrapassadas que há muito tentamos superar.

OBJETIVO GERAL

O projeto tem como proposta, instrumentalizar os educadores do CEI para o uso das novas tecnologias a favor de suas práticas e que isso possa contribuir para a qualificação de suas ações docentes e para a qualidade de atendimento para nossas crianças buscando no uso dos recursos tecnológicos, (uso de imagens e vídeos) um eficiente instrumento informativo e formativo, capaz de promover uma maior compreensão de todos os envolvidos (educadores, famílias, comunidade, sociedade) acerca dos princípios, objetivos e propostas da educação infantil de 0 a 3 anos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Informação e formação das famílias sobre as propostas, objetivos e princípios da educação infantil de 0 a 3 anos, com a utilização de vídeos feitos pelas educadoras e divulgação de propostas e trabalhos realizados por elas com as crianças
2. Servir como importante e significativo recurso de formação para os educadores, incentivando-os á reflexão de suas práticas a partir da elaboração e análise de registros (fotografados e filmados) de sua rotina, buscando assim, a qualificação de suas ações docentes.
3. Contribuir para que os educadores se apropriem de uma nova habilidade e competência (digital) para que possam utilizá-la como importante recurso para a observação, planejamento e registro.

COMO OCORRE NA PRÁTICA

- Reservamos em nossos horários de formação, instantes para que os educadores pudessem se apropriar dos conhecimentos, competências e habilidades digitais necessárias para utilizá-las no seu dia a dia no CEI.
- Os educadores registravam suas práticas com fotos e pequenos vídeos de observação, situações estas, que podiam ter um foco pré-determinado pelo educador ou serem fruto de situações ocasionais que elas julgassem importantes e quisessem ter registrado.
- Os registros eram trazidos para nossos horários de estudo, onde buscávamos o aprofundamento teórico que permitia maior compreensão das situações observadas.

Estes registros tornam-se recursos valiosos de análise e reflexão em nossa formação, pois conferem a esta, a significabilidade imprescindível a todo e qualquer processo de formação, estabelecendo assim, a ponte efetiva entre os saberes e fazeres dos educadores

- As educadoras organizaram o material de acordo com seus objetivos, diferentes formatos para diferentes fins, ex: Portifólios impressos, Portifólios eletrônicos com links das situações observadas, vídeos das crianças focando seus marcos de desenvolvimento, vídeo relato de um trabalho ou proposta etc.
- Por fim, em nossas reuniões com as famílias reservávamos um espaço de formação onde os vídeos elaborados pelos educadores eram apresentados às famílias com o objetivo de partilhar nosso trabalho envolver as famílias nas propostas da Unidade

METODOLOGIA DE FORMAÇÃO

Ação-Reflexão-Ação

O olhar do educador para sua própria ação como objeto de análise- A possibilidade de olhar para suas ações de forma distanciada, possibilitando a reflexão crítica dos seus fazeres.

O olhar para as situações educativas com as crianças, possibilitando aos educadores perceberem as possibilidades e potencialidades de cada criança e, a partir disso, pensar e replanejar suas ações, novas intervenções e novos focos de observação e registro coerentes com as metas de desenvolvimento estabelecidas para seu grupo de crianças.

NOSSO MAIOR DESAFIO

Falta de equipamentos e recursos adequados. O CEI ainda é um segmento da educação marcado por muitas “faltas” não dispomos de equipamentos adequados que viabilizem nossa proposta. Os computadores são antigos, inadequados e sem recursos para o tipo de trabalho feito hoje pelas educadoras. Muitos dos recursos que dispomos hoje são resultados de investimento pessoal das famílias e dos educadores (quase todos os nossos educadores atualmente têm uma câmera comprada com seus próprios recursos, pois entendem que este é um material importante, uma ferramenta de trabalho que deve estar a disposição). É irônico dizer que o processo mais difícil (o de fazer senhoras, analfabetas digitais, se renderem ao encanto do conhecimento tecnológico) foi vencido, enquanto nos paralisamos diante da falta de memória em nossos computadores para que possamos trabalhar com fotos e vídeos ou até mesmo na falta de um gravador/leitor de DVD.

NOSSAS MAIORES CONQUISTAS

- O rompimento com o fazer vazio de intencionalidade e propósito e a troca do mero procedimento pela real prática educativa.
- A criança passa a ser vista como protagonista e o educador compreendendo-se como co-responsável pelo processo de desenvolvimento de todos e de cada um.
- Fortalecimento da proposta pedagógica da Unidade buscando estabelecer uma maior coesão e coerência entre as intenções e ações docentes.
- Valorização do CEI enquanto espaço educativo e dos educadores.
- Parceria significativa estabelecida com as famílias que nos apoiaram, acreditaram e auxiliaram no que podiam.
- Aos poucos, percebíamos as famílias valorizando o trabalho dos educadores, participando mais das reuniões, discutindo as propostas com a equipe do CEI e mais conscientes da importância de se discutir a qualidade do trabalho (enquanto antes já bastava ter uma vaga para seu filho para que pudesse trabalhar]) Mas nossa maior surpresa foi saber que uma família ao procurar uma escola particular para matricular seu filho cita o CEI (uma creche pública) como referência de qualidade

Julgo, porém, que nossa contribuição maior, tem sido possibilitar a discussão e reflexão de toda a comunidade envolvida quanto à importância da qualidade da educação pública, do compromisso com a equidade e com o rompimento da educação dualista que continua contribuindo para a construção de uma sociedade injusta e desigual.

Uma educação de qualidade é direito de todos e é um dos mais importantes investimentos no sonho de equidade e liberdade!

Acreditamos que todo educador precisa ser feito de duas metades: uma, que luta e lutará sempre por valorização e condições dignas de trabalho; Outra, que não espera por isso para começar a fazer um bom trabalho e tentar garantir uma educação de qualidade para todos. Somos formadores de seres humanos e gente não pode esperar!

UMA HISTÓRIA, MUITOS REGISTROS

Há muito, já sabemos da importância dos registros para a prática educativa como recurso de observação, análise e reflexão das nossas práticas. Há que se considerar, porém, as concepções que se escondem por traz destes registros.

Ao longo do tempo, o foco do nosso registro já esteve no o que e no como; realizamos nossas atividades Hoje, buscamos que ele também nos convide a pensar no porque e para que as realizamos.

Os registros realizados pelos profissionais do CEI - Centro de Educação Infantil em que atuo, eram feitos em cadernos individuais ou coletivos e possuíam uma concepção assistencialista que buscamos superar. Muitas vezes, correspondiam a apenas uma

descrição da rotina, preocupados em garantir o registro de observações sobre a alimentação, sono e banho das crianças.

Analisando tais documentos pude perceber vários tipos de registro,

1. Registros descritivos com foco na rotina - Estes registros, que eram feitos pela grande maioria dos educadores, e limitavam-se a descrever o número de crianças presentes, quantas tomaram banho, quem chorou, quem comeu, quem dormiu, etc.

2. Registros descritivos com foco na atividade - Em algumas situações, os registros contavam as atividades realizadas no dia, às vezes, até com grande riqueza de detalhes (como organizaram as crianças, quais músicas cantaram, quais desenhos pintaram, quais cores de tinta disponibilizaram etc.)

3. Registros descritivos com foco nas crianças - Um ou outro registro trazia observações detalhadas sobre as crianças: identificando a criança por nome, como participaram o que disseram e fizeram, e que apesar de detalhado ainda conservava um caráter descritivo.

O mais importante, porém era pensar na finalidade destes registros: ao final de cada ano, todos estes cadernos eram guardados, arquivados em algum armário do CEI, com o valor de quem já se fez e, portanto, cumpriu sua função, ou seja, tinham fim em si mesmos, e sua função era a mesma e única: deixar registrado.

Era preciso repensar, re-significar, o valor daqueles documentos, que pudessem convidar a refletir sobre nossas práticas e que deixassem de ter apenas um caráter afirmativo para ganhar a riqueza do olhar reflexivo, norteador de novos planejamentos e intervenções.

Eu sabia que o registro poderia ser um grande aliado na formação das educadoras, pois me permitiria olhar para suas práticas e intervir de forma a provocar reflexões, mas um grande dificultador do processo de registrar era a dificuldade que elas tinham de escrever.

Tentei “decretar” a obrigatoriedade do registro e as percebi se afastando dos horários de formação. Recuei, assim que percebi o quanto estava sendo dolorido para elas enfrentarem seus medos. Eu as estava perdendo, e um formador não pode perder pessoas no caminho.

Tive que “ler” melhor aquele grupo pesquisar suas histórias, compreender suas trajetórias de vida pessoal, social e profissional para entendê-las e conseguir ajuda-las.

Para que pudesse compreender melhor aquele grupo, pesquisei suas histórias. Era preciso compreender suas trajetórias de vida pessoal, social e profissional para entendê-las e conseguir ajudá-las, efetivamente.

A análise dos dados nos possibilitou compreender os processos de formação pessoal vividos por aquele grupo composto por mulheres que em sua maioria possuem idade entre 40 e 60 anos, com mais de 20 anos de serviço, com pouca formação inicial, mas em processo de investimento significativo de formação e marcado por longos períodos sem formação.

Os quadros evidenciaram as razões das dificuldades e dos medos daqueles profissionais, e me possibilitou constatar a força e determinação que as têm feito crescer e avançar na

tentativa de mudar o rumo de suas próprias histórias na medida em que desejavam “aprender a fazer seus planejamentos e registros”, e se “envergonhavam” de suas dificuldades para escrever.

ALGUMA CONSIDERAÇÕES

Escrever é um processo para o qual não fomos preparados. Somos resultado de uma formação que muito pouco nos ensinou a conjugar pensamento e escrita.

Passamos muitos anos codificando e decodificando palavras, copiando e transcrevendo respostas, mas compor um texto vai muito além disso, pois pede música, letra, poesia e harmonia e por que não dizer: arte!

Não saímos impunes de décadas de treinamento para o não pensar.

Se escrever é difícil para qualquer um de nós, talhados por esta história, o que dizer deste grupo: muitas tiveram seu primeiro contato com a escola na década de 50 e, terminado o então 4º ano primário, passaram 20,30 e até 40 anos longe da escola.

Outras, terminaram o ginásio ou até mesmo o ensino médio mas todas são marcadas por longos períodos sem nenhum tipo de formação.

Mulheres que ocuparam um tempo na história e na sociedade e trazem marcas de suas trajetórias de vida pessoal e social; Marcas, que hoje, se refletem em suas identidades profissionais.

Um grupo de senhoras, em sua maioria na faixa de 50, 60 anos, que têm buscado acompanhar as transformações da sociedade, dos papéis e da educação.

Uma formação que deseje auxiliá-las nesta transformação, precisa considerar esta história e respeitar estes processos.

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS A FAVOR DA EDUCAÇÃO

Para começarmos a falar de tecnologia a favor da educação é preciso, antes de mais nada, trabalharmos com alguns conceitos.

Tecnologia- conjunto de conhecimentos científicos colocados a serviço da humanidade

O avanço científico e tecnológico não tem valor em si mesmo e está atrelado ao uso que dele se faça. A descoberta da roda foi um avanço tecnológico, assim como a bomba atômica. Na verdade, é muito mais importante discutir-se: Quem está a serviço de quem e por quê? Que relações de poder se fundamentam e se perpetuam pela falta de acesso de muitos ao conhecimento?

Hoje, sofremos com um novo fator de exclusão social: o analfabetismo digital.

A educação tem um papel decisivo na luta contra qualquer tipo de exclusão e um compromisso institucional em oportunizar a todos, o acesso aos conhecimentos historicamente construídos e acumulados, entre eles, o conhecimento digital. Para tanto, é preciso que o próprio educador aproprie-se de tais conhecimentos, habilidades e

competências. A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a qualidade do ensino.

Penso que o “não uso” dos recursos tecnológicos está muito mais atrelado à falta de conhecimento do que a falta de acesso à esses recursos. Consideramos também que não é possível falar em tecnologia na educação sem falarmos de concepções.

A TV, o computador, o rádio, assim como quaisquer outros recursos tecnológicos, tão presentes na vida de todos nós, constituem-se como importantes aliados a serviço de qualquer prática e/ou intenção. Cabe a nós, educadores, decidirmos que uso faremos deles e a favor de que e de quem interesses estes recursos estarão.

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS - UM RECURSO EFICIENTE DE INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO

Na atualidade, um dos nossos maiores desafios é conseguir fazer com que o CEI seja compreendido e reconhecido como um real espaço de educação e cuidados. Sabemos que muito ainda há que se fazer para garantir que este direito seja respeitado para todas as crianças, mas sabemos também, que há um outro grande desafio a ser vencido, que é o de se superar a proposta assistencialista das creches que durante tanto tempo foram vistas apenas como um lugar para alimentar, dar banho e tomar conta dos filhos das mães trabalhadoras e hoje, tenta ser reconhecida como um espaço educativo que promova o desenvolvimento pleno das crianças na primeira infância.

Para que se construa este novo olhar para o CEI, há que se possibilitar discussões e reflexões de todos os envolvidos (educadores, família, comunidade, sociedade, governantes).

Com a intenção de contribuir para uma maior compreensão acerca dos princípios e objetivos da Educação Infantil e as propostas de trabalho da nossa Unidade é que surgiram os primeiros vídeos. Estes vídeos (ainda montados por mim) traziam temas relacionados com a educação infantil e tinham um caráter mais informativo.

EX: História da Educação e das Creches/ A Importância do brincar na Educação Infantil/ O papel do educador, etc..

Essa nova forma de registro incentivou as educadoras a quererem se apropriar do uso do computador e do uso da imagem e do vídeo como ferramenta de trabalho.

Logo sentimos necessidade de nos apropriarmos dos conhecimentos e técnicas e alguns dos nossos horários de formação foram destinados a isso. Reservamos vários encontros de formação para aprendermos a utilizar alguns destes recursos. Hoje, a máquina de fotos digital, o gravador de voz (MP3) a filmadora e o computador têm sido recursos cada vez mais utilizados por todos os profissionais do grupo.

Tirar as fotos, discutir a partir das imagens trazidas pelo grupo, pensar em que idéias o vídeo traria e em como dizê-las para que fossem coerentes com nossos objetivos e com os

princípios da Educação. Infantil, acabaram fazendo deste recurso uma importante ferramenta a favor do processo de formação do grupo.

OS RECURSOS TECNOLÓGICOS COMO FACILITADORES PARA NOSSOS REGISTROS

Na medida em que os educadores foram tomando conhecimento sobre como utilizar essas tecnologias não demorou para quererem utilizar-se deste tipo de recurso para enriquecer seus registros.

Toda idéia conta com alguém que aposte nela e que acredite na possibilidade de dar certo. Estas pessoas são decisivas para o processo de descoberta do novo, pois nos alimentam no sonho, acreditam no vir a ser; Não têm medo de se arriscar pois sabem que o que está em jogo é "... precioso demais para que ignoremos o desafio"(Giroux). Esta pessoa em nosso grupo foi a educadora Maria Andréa, que não precisou testar os resultados para acreditar na possibilidade de dar certo e trouxe como proposta que utilizássemos destes recursos para contar as famílias o trabalho que vinha sendo realizado com as crianças de um MINI GRUPO .

Esta ação foi decisiva para que percebêssemos o quanto estes recursos poderiam estar a favor das nossas necessidades. Poder disponibilizar às famílias um material que contasse o desenvolvimento das crianças e as propostas de trabalho dos educadores e da Unidade, fortaleceu processos de valorização do CEI. Muitos deles foram resultados de construções e reflexões coletivas e tinham por objetivo a. informação e formação das famílias e dos educadores sobre as propostas, objetivos e princípios da educação infantil de 0 a 3 anos. Em nossas reuniões com as famílias reservávamos um espaço de formação onde os vídeos elaborados pelos educadores eram apresentados às famílias com o objetivo de partilhar nosso trabalho e envolver as famílias nas propostas da Unidade

Aos poucos, percebíamos as famílias valorizando o trabalho dos educadores, participando mais das reuniões, discutindo as propostas com a equipe do CEI. Pais mais presentes e mais conscientes da importância de se discutir a qualidade do trabalho.

Hoje as famílias contam com a divulgação das propostas dos educadores e do trabalho realizado com as crianças no CEI

A voz das crianças, suas expressões, movimentos, e olhares, nos fez perceber que as fotos já não davam conta de registrar os detalhes e sutilezas do que observávamos nos vídeos, que vieram para enriquecer nossos registros e possibilitar um material mais rico para nossas observações e reflexões.

Estes pequenos vídeos feitos pelas educadoras nos possibilitaram trabalhar com situações reais das nossas práticas e logo se transformaram em recursos ainda mais ricos para nossos instantes de formação, pois me permitiam ter nas mãos a riqueza eternizada de um instante que agora podia ser observado, analisado e discutido por todos em nossos encontros possibilitando a reflexão sobre a prática.

A inovação tecnológica nos remete a descobrir, buscar e desenvolver habilidades e competências sobre novas formas de registrar nossas memórias com o intuito de sempre

melhorar aprimorar e redirecionar nosso olhar e nossa prática reflexiva sobre o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo e ampliando nossa visão sobre a criança, suas vivências e experiências respeitando sua e seus saberes.

A observação é condição maior para a qualificação das nossas práticas, pois nos permite replanejar nossas intervenções de acordo com as possibilidades e potencialidades de cada um e o maior beneficiário disso é a criança.

Com a câmera podíamos escolher um foco de observação e, na medida em que este instante passava a ficar registrado na forma de uma filmagem, me permitia olhar para situações reais do dia a dia dos profissionais e das crianças como para re-visitar em conjunto aquele instante e analisar coletivamente a situação ocorrida.

novamente instantes educativos, perceber sutilezas que seriam imperceptíveis num primeiro e único olhar, repensarmos em conjunto intervenções possíveis para cada situação.

A utilização deste material, em nosso processo de formação buscando ampliar e fundamentar nossos conhecimentos a partir de situações tão significativas para todos, foram elementos decisivos para provocar avanços nas formas de observação, planejamento e registros das educadoras, que agora, sentiam-se mais “amparadas” para vencer um dos seus maiores medos: o de escrever.

Aos poucos, pude perceber nos registros um olhar focado cada vez mais nas crianças e em seu processo, razões maiores da nossa docência. Olhar várias vezes um vídeo feito em uma situação na sala de atividades, para conseguir escrever suas observações, além de fazê-las superar o receio de escrever, acabou permitindo a apropriação de uma nova linguagem.

Os recursos tecnológicos usados pelas educadoras, (fotos, filmagens uso do computador), a elaboração de vídeos para compor o que passamos a denominar Portifólio Eletrônico é hoje mais do que um apoio passou a ser um conhecimento colocado a serviço da sua prática, uma ferramenta de trabalho que tem garantido a qualificação das suas ações docentes.

Observar para registrar, registrar para refletir, refletir para planejar, planejar para agir, intervir e observar... Ações interligadas e interdependentes num processo contínuo, onde nossas intenções passam a ter clara coerência com nossas ações, por nascerem da observação que delas fazemos.

Neste instante, os vídeos passam a ter um caráter ainda mais enriquecedor das nossas práticas uma vez que agora são meio e não fim em si mesmos.

Ninguém cresce sozinho. Somos o que somos como resultados das nossas relações com o outro. Nos constituímos na troca de experiências, na soma de olhares. Não haveria espaço para contar os muitos avanços de todos. Mas reservo este espaço para dizer da importância do ser junto. O progresso de cada um se reflete no trabalho do grupo e é assim que se constitui uma proposta pedagógica coesa e coerente.

ACOMPANHANDO A EVOLUÇÃO DOS REGISTROS

Muitos foram os avanços deste grupo, considerando cada profissional a seu tempo e ritmo. Escolhemos focar o trabalho de duas educadoras Miriam e Marli, por considerar que estas “meninas” representam tudo que hoje é considerado um entrave para o avanço do trabalho de um educador no CEI:

- Ambas iniciaram seu percurso profissional como pajens ainda na Secretaria do Bem estar Social.
- Com uma formação inicial precária (quando chegaram ao CEI tinham apenas o “primário”, somente em 2003 concluem o magistério em nível médio).
- Mulheres com idade acima de 50 anos (Marli - 53 e Miriam - 61anos)
- Ambas com tempo de trabalho próximo da aposentadoria (Marli 26 anos de trabalho e Mirian 20).

Estas educadoras têm realizado trabalhos belíssimos com as crianças, contrariando o senso comum que somente as veria como pessoas prestes a encerrar suas jornadas profissionais.

Ao mesmo tempo em que o sistema de ensino deseja receber pessoas “bem formadas” afirmamos que a real transformação está na formação continuada em serviço e no investimento nas pessoas que aqui estão, independente das suas condições, história ou realidade.

A qualidade do trabalho realizado por estas educadoras, a predisposição que têm de serem melhores a cada dia, a constatação da transformação da suas práticas e nos impactos que trazem para as crianças é um conjunto de fatores que reforça minha crença de que toda e qualquer transformação da educação só se faz por meio do investimento nas pessoas dos seus processos de desenvolvimento pessoal e profissional.

Para fundamentar minhas afirmações, escolhi demonstrar este avanço disponibilizando alguns registros de uma mesma educadora no período entre os anos de 2003 a 2007.

REGISTROS DA MARLI DE 2003 A 2005

Durante todo esse período, encontramos uma única forma de registro feito por elas – uma espécie de caderno de ocorrências, em que se percebe claramente o foco na rotina, privilegiando as situações de alimentação e higiene. Nesse tipo de registro a palavra “todos” e não fala de ninguém. A palavra – Atividade - aparece como algo que foi garantido numa espécie de situação para “distrair as crianças”.

REGISTROS DA MARLI E MIRIAN EM 2006

Verificamos que a partir de 2006, já se pode notar um olhar maior para a criança. Os registros ainda são descritivos, porém as educadoras percebem o desenvolvimento das crianças. Já se utilizam das fotos como recurso para enriquecer o registro, mas ainda não

sabem bem o que fazer com suas observações. O planejamento e a intencionalidade já pode ser percebido nas entrelinhas. Ainda mantém o caderno de ocorrências como a única forma de registro feito pela educadora.

REGISTROS DA MARLI E MIRIAN EM 2007

A partir de 2007 o avanço dos registros fica evidente e explícito. Outras formas de registro são garantidas pela educadora neste ano.

As educadoras decidiram elaborar um “livro” que ilustrava os marcos do desenvolvimento de cada uma das crianças. Estes “relatos” poderiam ser feitos pelas educadoras ou por pessoas da família e contavam coisas interessantes, conquistas e marcos do seu desenvolvimento ilustrados por fotos e vídeos feitos pelas educadoras durante o ano.

Ao final do ano, os pais recebiam este livro juntamente com um CD com todas as fotos e vídeos feitos pelas educadoras.

Os registros foram compostos por relatos, fotos e vídeo. Abrangeram momentos do cotidiano da criança incluindo fragmentos da chegada da criança ao CEI, aprendendo a engatinhar, seus primeiros passinhos, comendo sozinha pela primeira vez, brincando, dançando ou interagindo com os amigos.

Esse Diário de Duas Vozes com base no registro de cada criança feito em parceria com as famílias e foi entregue a elas no final do ano como uma espécie de livro da criança.

Uma cópia desse documento composto dos diários de todas as crianças ficou no CEI para servir de documento para os professores afim de que, ao longo dos três anos de permanência da criança no CEI, pudesse ser feito um livro da vida dela dos 0 aos três anos.

PORTIFÓLIO IMPRESSO

Além dos livros individuais, as educadoras passaram a elaborar Portifólio de registros de trabalhos com as crianças dos Berçários B1 A e B contendo fotos de todo o processo de trabalho em 2007.

Os processos de planejamentos, reflexões, observações feitas pelas educadoras foram enriquecidos com fotos e impresso na forma de um livro.

Essas práticas revelam o avanço na qualidade das suas práticas dando visibilidade à organização e competência escritoras.

PORTIFÓLIO ELETRÔNICO

Além do material impresso, as educadoras elaboraram um portifólio eletrônico, DVD com pastas contendo:

1. Fotos e vídeos de cada criança
2. Textos de planejamento e registros com links de vídeos de observação

Nesta versão eletrônica do Portifólio impresso na forma de um CD, estão documentados os planejamentos, reflexões, observações, enriquecidos com fotos, com links que acessam os vídeos de observação.

Hoje, elas contam com diferentes registros, diferentes propósitos, para diferentes fins, mas todas com um marco comum:

A criança como protagonista e o educador compreendendo-se como co-responsável pelo processo de desenvolvimento de todos e de cada um. Observar e registrar. Registrar e refletir. Refletir e planejar. Planejar, agir, refletir e observar. O registro deixa de ter fim em si mesmo e passa a ser um instrumento fundamental para reflexão e o replanejamento da sua ação docente.

2º LUGAR

Projeto:
“Poesia Haicai – O olhar japonês sobre a natureza”

Unidade Educacional:
EMEF Prof. José Bento de Assis

Responsável:
João Batista Tolo

APRESENTAÇÃO

No ano de 2008, vamos comemorar no Brasil os “100 anos da imigração japonesa”. Em 18 de junho de 1908, chegou ao porto de Santos o navio Kasato Maru, trazendo consigo 165 famílias japonesas. O primeiro haicai escrito em terras brasileiras aconteceu nesse mesmo dia, no desembarque dos primeiros imigrantes em nosso país. Um encarregado do navio chamado Shuhei Uetsuka, acompanhando o atracamento ao porto de Santos, mirou as encostas da Serra do Mar, fechou sua visão do horizonte e escreveu:

A nau imigrante
Chegando: Vê-se lá no alto
A cascata seca.

Estava aberto o caminho, mais uma contribuição cultural oriunda das diversas etnias que vieram formar o povo brasileiro. O haicai percorreu uma longa jornada até ser reconhecido como importante recurso literário e de linguagem para todos os tipos de pessoas. Atualmente difundido por todo Brasil, através de Grêmios ou individualmente, ele está integrado em nossa miscigenada cultura.

Sou Professor de Geografia da rede pública da cidade de São Paulo, trabalho em uma escola – EMEF Professor José Bento de Assis - na periferia de São Paulo: Vila Mara / São Miguel Paulista, onde a cidade começa. Percebi na poesia haicai um instrumento pedagógico para incentivar os alunos a escrever. O haicai possibilita um olhar sensível sobre as pequenas coisas da natureza que nos cercam.

Pesquisando atividades para o projeto de Leitura e Escrita da Secretaria Municipal da Educação, acabei chegando até o haicai. Após os primeiros contatos com a poesia, comecei a trabalhá-la de forma muito tímida em 2006, antes disso, ela era desconhecida para mim. Contudo, foi um gostar à primeira vista, desde então, estudo, pratico, leio e,

principalmente, levo o haicai para os meus alunos como uma atividade atrelada aos conteúdos curriculares fundamentados na Proposta Pedagógica da escola.

É muito comum, atualmente, a mídia dar destaque para os problemas ambientais dos mais variados temas como: poluição, desmatamento, aquecimento global, escassez da água, extinção da fauna e flora, etc. Dentro deste contexto, percebi que a poesia haicai aparece como uma indicação de atividade de poesia e para todas as pessoas comprometidas com o trabalho de educação ambiental.

Sendo um poema popular, cuja característica principal é a referência às cenas do cotidiano, retratadas por meio de linguagem simples e objetiva, não é necessário que o praticante seja um profundo conhecedor de teorias da linguagem. Brevidade e concisão, compatíveis com o ritmo frenético de nossos dias, são também pontos característicos da poesia. Acrescente-se a isso o fato de que para compor haicais, não é necessário ter nascido poeta: o mais importante é gostar da natureza.

Se observarmos o mundo com essa humildade, abraçando com o coração as árvores e as flores, não só as cultivadas carinhosamente em nossas casas, avenidas e parques, mas também as que nascem espontaneamente nas calçadas e caminhos por onde passamos; se aprendermos a olhar com respeito os animais, os insetos, os pássaros, rios, montanhas; tudo, enfim, que torna mais alegre os nossos dias, os poemas surgirão, intuitivamente, da nossa alma harmonizada com as forças da natureza, como se fossem um outro olhar sobre ela. O haicai faz a ligação entre o âmago do ser humano e essa natureza apresentada.¹

1 ODA. Teruko. **Flauta de vento**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

O trabalho com o haicai

Fundamentado como escola literária por Matsuo Bashô, mestre japonês do século XVII, a poesia parece fácil e simples. Uma brincadeira. Três versos sem rima que retratam um instante. Uma fotografia escrita de um momento, de um lugar. Apenas três versos (5-7-5 sílabas), mas que em poucas palavras devem dizer o suficiente. A origem do haicai é o Japão. Contudo, o pequeno poema japonês ganhou o mundo e alcançou o Brasil.

A referência à natureza está sempre presente no uso de uma palavra, o termo de estação, chamada kigo em japonês, que remete às estações do ano.

A essência do haicai é retratar um momento fugaz, passageiro, quase banal; fazendo com que ele transcenda.

A poesia haicai humaniza as pessoas, as crianças que desenvolvem a sensibilidade para ela enxergam o mundo diferente, com mais ternura e aceitam melhores os conflitos. O Projeto de leitura e escrita haicai em nossa escola vem sendo trabalhado desde Junho/2006, como proposta de melhorar a leitura e escrita dos nossos alunos. Nestes últimos dois anos, eles passaram a ter um olhar mais sensível para as pequenas coisas que os cercam e para o meio ambiente, aprenderam a gostar e escrever haicai.

Exemplos de haicais escritos pelos alunos:

Nas ruas paulistanas O frio apressa os passos – <u>Azaléias</u> floridas. Everton Tolentino – 11anos	Sobre o pé de pêssego A primeira flor chegou É <u>primavera!</u> Leticia Queiroz – 13 anos	Janela do barraco – Os vasinhos das <u>violetas</u> Dão vida ao lugar. Lucas R. Silva – 13 anos
Entrada da escola – Tapete de <u>espatódea</u> Recebe os alunos. Danilo Matos – 13 anos	Janela do ônibus- Por todo lado, flores... <u>Primavera</u> chegou! Gleyce K. R. Silva – 13 anos	Pétalas de <u>rosa</u> No cabelo da menina – Segredos no jardim? Monique Lanna – 10 anos

A poesia haikai humaniza as pessoas, as crianças que desenvolvem a sensibilidade para ela enxergam o mundo diferente, com mais ternura e aceitam melhores os conflitos. O Projeto de leitura e escrita haikai em nossa escola vem sendo trabalhado desde Junho/2006, como proposta de melhorar a leitura e escrita dos nossos alunos. Nestes últimos dois anos, eles passaram a ter um olhar mais sensível para as pequenas coisas que os cercam e para o meio ambiente, aprenderam a gostar e escrever haikai.

A poesia faz uma ponte imprescindível entre o indivíduo e a vida. Neste sentido, a poesia haikai trabalhada dentro dos preceitos japoneses, leva o aluno a enxergar as pequenas coisas da natureza que o rodeiam e ver as coisas nas pequenas formas naturais, e não no emaranhado de formas macros que são submetidos em seu dia a dia e que não traz muitos significados.

No trabalho com o haikai, pude constatar os benefícios e o remédio para a alma que o haikai traz para todos, principalmente para eles, crianças e adolescentes que estão em formação intelectual. É importante ouvir em sala de aula relatos como: “...eu não jogo mais bola no quintal da minha vó, antes eu detonava as roseiras e canteiros de flores, hoje eu tenho respeito...”, “...professor fui com minha mãe até o centro de São Miguel e no caminho vi uma linda quaresmeira, escrevi um haikai na hora...”, “...tem um ninho de joão-de-barro lá na árvore da quadra...”, “...qual é o nome dessa flor, desse pássaro?...” Ouvir relatos que ao lado da janela da sala de aula tem pássaros nidificando ou se alimentando em pequenos arbustos etc. É muito importante entender a essência das manifestações da natureza contida nas estações do ano.

Anualmente realizamos um concurso interno e participamos de um externo. Por exemplo, em 2008, nossa escola estará participando pelo terceiro ano consecutivo do Concurso Brasileiro de Haikai Infanto-Juvenil – Grêmio Ipê – Tema (Kigo): “Flores do meu caminho” 2 com várias premiações e estaremos realizado também, o III Encontro de Haikai José Bento de Assis, no mês de Junho, onde teremos recital de poesias haicais e premiações. Para se ter uma idéia da dimensão a que o trabalho chega, a produção final dos poemas para o nosso encontro de haikai e para o concurso nacional do qual participamos aproximou-se de quase 500 poemas haicais, com dezenas de flores, como inspiração para

os kigos. Em 2007, no último concurso nacional do Grêmio de Haicai Ipê – Kigo: Pássaros, de 3.600 trabalhos escritos, nossa escola teve 07 poemas haicais premiados entre os 20 selecionados.

Manhã de outono - No muro da escola A rolinha se esquenta. <u>Rafael Oliveira - 12 anos</u>	Nevoeiro da manhã - Sabiá-coleira morto na porta da escola. <u>Rodrigo Araújo -12 anos</u>	Manhã na escola Os alunos sonolentos Entre bem-te-vis. <u>Luan S. Lacerda - 11 anos</u>
--	---	--

Para os trabalhos dos concursos nacionais de poesia, onze professores colaboraram para o êxito dos trabalhos.

OBJETIVOS

- Entender que a poesia haicai trazida pelos japoneses é parte integrante da miscigenação cultural do povo brasileiro;
- Incentivar e criar o hábito de escrever e ler poesia haicai, pois ela humaniza as pessoas;
- Utilizar a poesia haicai como linguagem da interpretação de um acontecimento natural;
- Utilizar a poesia haicai como instrumento pedagógico para incentivar os alunos a escreverem, pois ela facilita a iniciação poética e melhora a escrita e a linguagem que são muito próximas do vocabulário deles;
- Entender que ao desenvolver habilidades para escrever haicai os alunos estão estabelecendo significados e posturas diante do meio ambiente;
- Impulsionar a oralidade, através da leitura dos poemas escritos e estimular ainda mais a produção;
- Possibilitar através da poesia haicai que o aluno pesquise novas palavras, sinônimos, substantivos etc;
- Conhecer e associar ao cotidiano as características das estações do ano e as suas manifestações climáticas e naturais;
- Estabelecer que a partir da observação constante da natureza, presente no dia-a-dia, das pequenas formas naturais que os alunos percebiam que também são agentes para um mundo equilibrado e sustentável;
- Proporcionar aos alunos através da poesia haicai que percebam a presença da natureza que os rodeiam e que se manifesta nas coisas efêmeras;

- Entender que através da observação da natureza presente no lugar (árvores, flores, pássaros etc.) que eles possam desenvolver a consciência ecológica e passem a ser cidadãos responsáveis no lugar onde moram;
- Identificar e construir referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais e globais;
- Desenvolver solidariedade, amor à natureza e ao próximo.

METODOLOGIA

O sucesso do trabalho com o haikai em nossa escola acompanha um fator importante - a seqüência pedagógica das turmas/séries – trabalho com algumas turmas pelo 2º e 3º anos consecutivos, os bons resultados aparecem a partir do 2º ano. Eles desenvolvem competências e habilidades que estão associadas à prática do haikai. Neste sentido, considero algumas idéias fundamentais para desenvolver o espírito observador no aluno haicaista, entre elas destaco para um bom trabalho:

- O haikai parte da observação direta da natureza que está ao seu redor ou que guarda como lembrança dos acontecimentos registrados na memória.
- Estudo dos ciclos das estações do ano e suas manifestações, já que eles são o eixo central do poema - o Kigo (termo de estação em japonês). O livro de Kikologia – **“Natureza - berço do Haikai ”** é a referência de todo haicaista sobre os kigos utilizados.
- Pediu-se que os alunos observassem os elementos que o cercam: na escola, no jardim de casa, nas praças, nos parques etc;
- Enfocou-se também tal observação para os elementos da natureza, em diferentes dias, horas e lugares de observação: céu, nuvens, estrelas, lua, o vento, as árvores, os pássaros, as flores, insetos, bichos, enfim, tudo o que elas achassem bonito ou interessante. Pois é aí que se constrói a poesia haikai.
- Leitura constante de haicais, de forma pausada, concentrando-se na enunciação, observando as quebras de linhas, o mais naturalmente possível. O haikai é todo feito de imagens, e são essas imagens que criam as emoções que eles sentiram durante a leitura do poema.
- No início dos trabalhos, para aqueles alunos que tiveram dificuldades para começar seu haikai, o primeiro verso foi sugerido, para que eles pudessem prosseguir. Algo referente à estação como: "tarde de inverno", "manhã de outono", "chuva de primavera" e assim por diante.
- Pesquisa na sala de informática educativa da escola e na sala de leitura sobre os temas (kigos) solicitados.
- Estudo da métrica clássica do haikai: 5-7-5 sílabas, para que os alunos pudessem escrever com base nela;

- Contato diário com a poesia haikai: ao entrar na sala, um poema é escrito na lousa, para que os alunos tomem o maior contato possível com a poesia;
- Escrita coletiva de haicais: o professor escreve haicais junto com seus alunos, para incentivá-los;
- Foi solicitado que os alunos recitassem seus haicais em sala de aula;
- Em todos os conteúdos trabalhados, solicitação de haicais com kigos pertinentes aquele ponto como: meio ambiente de São Paulo (chuva de verão, poluição, frente fria etc), ecossistema - mata dos pinhais (gralha-azul, pinheiro e desmatamento), nordeste (seca, rio minguante, festa junina etc), primavera (flor, alamanda, ipê, miosótis, lírio, dente-de-leão, açucena etc).
- Exposição dos trabalhos no pátio da escola, promoção de concursos internos e participação em concursos externos.
- Produção de livrinhos de haicais digitados, pesquisa e seleção de fotos para composição dos poemas. A ilustração do haikai é muito importante.
- Utilização de fotos da natureza para composição dos haicais, a imagem é sempre muito fundamental no resultado final.
- Leitura e interpretação de poemas e textos de autores consagrados que remetam às questões ambientais: exemplos: a poesia “A velha chácara” de Manuel Bandeira ou a carta do cacique Seattle - tema ecológico.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Os trabalhos para a produção de haicais, nestes últimos três anos, tiveram um alcance além do esperado. É muito comum os alunos cobrarem para escrever poesia haikai. “...professor não vamos escrever haikai hoje?” ou no final de uma produção de um texto eles escreverem um haikai de forma espontânea para finalizar a escrita. Muitos escrevem e ilustram livrinhos com os seus haicais produzidos espontaneamente.

Exemplos de haicais produzidos pelos alunos podem ser conferidos nos poemas abaixo ou nos arquivos enviados em CD. Os kigos estão sublinhados.

<u>Manhã de verão –</u> Entre barracos no morro Cerca de hibiscos. <u>Henrique J. Faria - 12 anos</u>	Trinca na calçada – Desponta com muita vida <u>Dente-de-leão.</u> <u>Lucas Rodrigues - 13 anos</u>	<u>Chuva de verão –</u> Cai sobre o telhado Tirando meu sono. <u>Lucas Ferreira - 10 anos</u>
<u>Chuva de verão –</u> Os rios transbordam Enchendo a cidade. <u>Vinícius Lesser - 12 anos</u>	Floresta desmatada – O <u>Bugio</u> saltador No solo seco. <u>João da Hora - 13 anos</u>	<u>Chuva de verão –</u> As crianças brincam Nas poças d’água . <u>Erily Eiriane - 12 anos</u>

Anoitecer calmo – Sob tênue luz da Lua A <u>Coruja</u> alça vôo. <u>Leticia Oliveira - 13anos</u>	Gado magro, céu azul A terra <u>seca</u> – esturricada. Sem uma nuvem. <u>Nicolli G. Pedroso - 13 anos</u>	Manhã gelada – A <u>gralha azul</u> cavouca Procura o pinhão. <u>Thayná Cezário - 13 anos</u>
Manhã Fria – No bebedouro vazio O <u>beija-flor</u> . <u>Thamires Maciel - 13anos</u>	Tarde de futebol - Jogadores correndo <u>Quero-queros</u> atrás. <u>Alef dos Santos - 13anos</u>	Caminho da missa – O sertanejo perde tudo Menos a fé. <u>Josiane Oliveira - 13 anos</u>
Nas folhas novas O jardim se renova – É <u>primavera</u> ! <u>Priscila Mota - 12 anos</u>	Casa do vizinho – O casal de <u>bem-te-vi</u> Na antena de TV. <u>Beatriz Pereira – 13 anos</u>	<u>Sabiá</u> cantando Alunos fazendo prova – –Prestar atenção em quê? <u>Wellington da Silva - 12 anos</u>
Cuidados da mãe – Finalmente desabrochou <u>Flor-de-maio</u> . <u>Anderson Oliveira - 12 anos</u>	Entrada da escola – O <u>sanhaço</u> apressado entra primeiro. <u>Igor H. Araújo – 12 anos</u>	<u>Festa junina</u> – O casal de namorados Dividem uma pipoca! <u>Thais Oliveira - 13 anos</u>
Tarde fria- Velhinhos no asilo Dançam <u>quadrilha</u> . <u>Wellington Leandro - 13 anos</u>	Hora do recreio – Crianças brincam de pic Em volta do <u>ipê</u> . <u>Anderson Rocha - 12 anos</u>	Velhinha curvada Olha com esforço Flores do <u>jacarandá</u> . <u>Wesley S. Santos - 11 anos</u>

As atividades abaixo relacionadas podem ser conferidas nos arquivos enviados em CD. Todos foram montados em livrinhos e doados para sala de leitura da escola:

a) Livrinhos: Primavera 2008, Pássaros 2007, II Concurso de Haicai / Bento 2007, Flores do meu caminho 2008, Festa Junina 2008, Natal 2007 etc.

b) Coletâneas de trabalhos – exposição no pátio (Editor de texto / World): Água, Amazônia, Festa Junina, Mata dos Pinhais, Ecossistemas, Amazônia, Nordeste, Natal, Semana Cultural 2006, Semana Cultural 2007, Primavera, Inspiração na poesia “Velha chácara” de Manuel Bandeira – (Kigo Riacho), Inspiração na carta do cacique Seattle etc.

c) Encontros de haicais na escola com premiações, recitais e presença dos pais / responsáveis.

Fotos - arquivos de fotos enviados em CD.

AVALIAÇÃO

Nas trocas de informações diárias na escola sentimos que a avaliação não poderia ter sido melhor, pois houve uma grande participação dos alunos, uma adesão gradativa dos professores, uma compreensão cada vez maior da escola, estendendo à comunidade e contagiando-a de maneira a observar e interagir de forma consciente com a natureza. A felicidade e orgulho dos pais durante a entrega das premiações dos concursos internos foram evidenciados por todos.

Percebemos que nossos alunos, depois do haicai, estão mais observadores e atuantes das pequenas coisas que estão próximo deles, essa é uma cognição que o haicai estabelece – a ligação de amor e respeito que se estabelece com a natureza e a interação com o meio ambiente local e global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEPOIMENTOS

ALUNOS:

“...os benefícios que o haicai trouxe para mim foram muitos, hoje tenho outros olhos para a natureza, valorizo muitas coisas que nela ainda existem, por perceber o quanto à natureza é importante até plantei uma árvore que achei linda e que me inspirou a escrever um haicai...” **Josiane Oliveira Souza – 13 anos – 7ª série**

“...para mim o haicai me ajudou a valorizar as coisas mais importantes que me rodeiam, ver e aproveitar o valor da natureza que sempre está ali mas não é respeitada como deveria. Hoje sinto a vida com mais sentimento e olho o mundo com mais atenção...” **Gleyce Kelly Ramos da Silva – 13 anos – 7ª série**

“...na verdade o haicai para mim com poucas palavras diz mais do que um texto enorme, a partir do haicai aprendi que a natureza é muito mais do que eu pensava...” **Nathalia do Prado Lemos - 12 anos – 7ª série**

“...hoje, meu olhar para a natureza é muito diferente porque antes eu não estava nem ai com ela, não tinha o menor respeito e agora eu me importo porque descobri o seu valor ...” **Erick da Silva Simões - 12 anos – 7ª série**

“...o haicai tem uma importância enorme no meu dia-a-dia, hoje observo a natureza além das aparências, quem me despertou para essa consciência que tenho hoje foi o haicai...” **Jordana Xavier Saraiva – 14 anos – 7ª série**

“...a partir do haicai eu enxergo a natureza com um olhar observador, prestando atenção às vezes em até pequenas formigas com o esforço de carregar o seu alimento, dá vontade de escrever um haicai na hora...” **Luan da Silva Lacerda – 11 anos – 6ª série**

“...sem ele eu não iria conseguir ver as pequenas coisas da vida, eu passaria pelas flores e não as perceberia, muito menos os cantos dos pássaros, hoje consigo ver melhor as coisas e faço até poesia haicai...” **Letícia Oliveira de Queiroz – 13 anos – 7ª série**

PROFESSORES:

“...É muito interessante ver os alunos envolvidos na produção dos seus haicais, em todas as ocasiões – produção e a premiação, pude ver o quanto eles estavam satisfeitos com a façanha, sentem-se valorizados e encontram no poema japonês a sensação de prazer que a literatura proporciona. O olhar sobre a natureza que o cerca também mudou. Reconheço que essa mudança é fruto o trabalho do professor João, sua dedicação e amor ao Haikai.”

Prof^a. Vera Lucia M. dos Santos – Língua Portuguesa

“...o projeto haikai trouxe um novo olhar para o desenvolvimento da escrita e da leitura, pois trabalha com a sensibilização e percepção dos sentidos na medida que resgata os valores da natureza e o homem como parte integrante da mesma. Parabéns ao Prof. João Tolo por esta iniciativa, demonstrando o espírito do verdadeiro educador que ao mesmo tempo que ensina, também aprende, buscando na educação uma maneira de transformar o individuo num verdadeiro cidadão...”

Prof^a Márcia Alves Coelho e Prof. Paulo Landim – Coordenadores Pedagógicos

“...percebi neste último ano que houve um aumento na procura pelos livrinhos produzidos pelos alunos e disponíveis, aqui na sala de leitura, além disso, intensificou-se a procura por livros com assuntos ligados aos temas – kigos – solicitados em sala de aula como: insetos, flores, meio ambiente, pássaros etc. Outro fator interessante é o interesse dos alunos das 1^{as} séries procurando muito pelos livrinhos, pois os temas estão muito próximo deles...”

Prof^a. Maria das Graças Urbano – Professora Orientadora de Sala de Leitura.

“...é muito difícil não ser contaminada pelo entusiasmo do professor João com o projeto de haikai em nossa escola, atingiu a todos como uma “epidemia poética”. Como professora de Artes, pude verificar o interesse dos alunos em pesquisar a forma dos temas propostos e a evolução na produção dos desenhos. Nossa escola, hoje, pode ser classificada em duas etapas: pré-haikai e pós-haikai. Para mim foi um orgulho ter participado deste projeto...”

Prof^a Deise Felix Constant - Artes

3º LUGAR

Projeto:
“Direitos Humanos na formação escolar”

Unidade Educacional:
EMEF CEU Perus

Responsável:
Rosely Fátima dos Santos Arrojo

RESUMO

Mais do que um conjunto de intenções, a EMEF CEU PERUS tem como objetivo para o mais imediato amanhã e já tem, hoje, como ação, o reconhecimento dos seus alunos, crianças e adolescentes, assim como, os jovens e adultos, sujeitos com direitos e deveres na sociedade. Nesta esteira, para além do saber ler, escrever e contar, direito absolutamente prioritário assim que assegurados os direitos à vida e à saúde; o CEU PERUS, inserido dentre as áreas de extrema violência de nossa cidade tem por missão tornar todos os seus espaços educacionais inclusivos, de formação permanente e de Humanização das relações sociais. Cabe à EMEF CEU PERUS, enquanto equipamento deste complexo educacional, envidar todos os esforços para que estas aspirações tornem-se realidade. Iniciamos o ano letivo de 2008 avaliando e refletindo, com toda a equipe, nossas ações e os resultados obtidos no ano anterior.

Desta reflexão surgiu a necessidade de uma análise mais densa do próprio sentido da Escola para esta comunidade. Como resposta às nossas inquietações buscamos nos temas centrais contidos na idéia da democracia como espaço público, direitos e respeito às diferenças condições para a busca de novas atribuições de sentido para nossa unidade escolar. Desencadeou-se, assim, uma série de ações conjuntas e simultâneas: Acolhida ao Corpo Docente, Acolhida ao Corpo Discente, Elaboração de Normas de Convivência, Inscrição de funcionários, professores e direção no Curso de Conselheiros em Direitos Humanos (DOC 18/01/2008), Inscrição da Equipe Técnica no Curso “Educação, Democracia e Direitos Humanos” Direitos Humanos nas Escolas- Programa de Formação Docente (USP/SME), CARTA DA TERRA, Reunião de Pais, acompanhados dos filhos no Teatro CEU Perus, Escola de Pais, Aulas Coletivas, Grande Gincana, Sarau e Café com Leitura, discutindo o Meio Ambiente; Projeto de Reciclagem, Água e Energia (SABESP/ELETROPAULO), combate às DROGAS, DST/AIDS. Amor, Compromisso, Respeito, Solidariedade, Elevação da auto-estima, Melhor desempenho, Reconhecimento da Comunidade Escolar e da Conquista do 1ºLugar em Atletismo do Município de São Paulo,

2º lugar em Atletismo no Estado de São Paulo, além do 1º lugar em Xadrez na Coordenadoria de Educação de Pirituba são os indicadores que passaram a ser resultados obtidos.

APRESENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A EMEF CEU Perus foi inaugurada em agosto de 2003 e constituída por alunos provenientes da demanda local de escolas do entorno, principalmente, dos bairros Recanto dos Humildes e Jardim do Russo, microregiões do Município de São Paulo, onde os índices de violência levam os homicídios a ocuparem a 6ª colocação entre as principais causas-morte, como visto no quadro 1.

Quadro 1 – Principais Causas-morte do Distrito Administrativo de Perus em 2007

Demais causas de morte	61
Doenças isquêmicas coração	49
D. cerebrovasculares	25
Pneumonias	20
Bronquite, enfisema, asma	19
Homicídios	18

Fonte: PRO-AIM, 2007

Dessa maneira, a falta de identidade dos alunos entre si e entre eles e a escola, manifestada desde a sua criação até o final do ano de 2007, momento em que a situação tornou-se crítica, podia ser explicada como a junção de dois importantes fatores: a falta de identificação com o ambiente escolar e a carga dos efeitos da violência do meio em que vivem. Assim, como situação inicial, via-se um quadro generalizado de indisciplina, conflitos, agressão a colegas, professores e funcionários e baixo desempenho escolar.

Diante desse quadro, resolvemos intervir de alguma forma que, de fato, resolvesse uma condição cada vez mais insustentável, tanto para alunos, como para a unidade escolar. Era necessário, portanto, que a ação transformadora ocorresse de forma a agir em várias frentes, a tal ponto que devolvêssemos à comunidade um indivíduo modificado e que, com o tempo, contribuísse para a multiplicação de uma cultura de paz, implicando na transformação do meio em que vive.

Assim, no final do ano de 2007, participei de uma capacitação realizada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, cujo tema era “Educação, Democracia e Direitos Humanos”. Nesse curso, me aprofundei sobre as múltiplas formas de interação entre a violência e a escola, reforçando o que para mim já era uma convicção: a Escola sempre foi e deve continuar sendo a instituição que mais representa a sociedade. É no ambiente escolar que tudo acontece; o tempo todo, todos os dias. Sendo assim, a Escola tem que ser transformadora.

Iniciamos, então, o ano letivo de 2008 de forma diferente: como primeira ação, organizamos a recepção dos professores enfocando a integração entre todas as unidades escolares sediadas no CEU Perus (CEI, EMEI e EMEF); em seguida, foi feita sensibilização a partir da exibição do filme “A Língua das Mariposas”, no teatro do CEU Perus. Tal filme, do cineasta espanhol José Luiz Corda, serviu como elemento de reflexão sobre a dificuldade de compreensão do ambiente escolar por parte do aluno, evidenciando a figura do professor como definidora não apenas da ambientação, mas também como responsável pela própria paixão a ser despertada nos campos da aprendizagem, conhecimento e pesquisa.

Dando continuidade, na semana anterior ao início das aulas do ano letivo de 2008, foi feito o estudo de alguns textos sobre convivência e disciplina na escola. A partir disso, o coletivo da escola se preparou para a recepção dos alunos. Assim, de forma inovadora, acolhemos os alunos com uma grande Gincana de Integração, em que funcionários, alunos e professores participaram, como uma forma de aproximar todos os componentes da unidade escolar, criando, portanto, equipes mistas (alunos, professores e funcionários) os quais foram incentivados a realizar tarefas que visavam o trabalho em equipe, a socialização, a disciplina, o respeito, a concentração e a criatividade. Algumas das atividades dos alunos envolveram, por exemplo: encontrar um funcionário, professor ou elemento da direção/coordenação, que entre o horário das 8h20 às 9h25 jogasse queimada com as equipes na quadra. Os alunos tiveram, também, que assistir o filme “Pequeno Vampirinho”, o qual reforça a idéia da inclusão, para, então, serem propostas atividades que abrangiam tal tema. As apresentações culturais (dançar, tocar instrumentos musicais, jogar capoeira, recitar poesias – Sarau e Café com Leitura) também fizeram parte das tarefas, sendo que, dentre os membros das equipes, era obrigatória a participação de pelo menos um funcionário, um professor ou elemento da direção/coordenação.

A partir do primeiro dia de aula, os professores começaram a trabalhar com os alunos a importância de criarem as Normas de Convivência e, após muitos debates, os próprios alunos criaram as Normas Disciplinares da EMEF CEU PERUS. Como parte dessa forma de interagir com o ambiente escolar, os alunos também elegeram representantes de classe para que pudessem, posteriormente, constituir o grêmio da escola. Havia, então, chegado a hora dos Pais ou Responsáveis serem incluídos no projeto de maneira a compartilharem da mudança que seria feita na vida dos alunos e no convívio na unidade escolar e na comunidade. Novamente, no coletivo da Unidade Escolar, discutimos a necessidade de mudanças em nossas reuniões de Pais e Mestres. Decidimos que a Reunião de Pais deveria ser dividida em dois momentos: em um primeiro momento, todos juntos – Pais, Professores, Direção /Coordenação, Funcionários e Alunos – se reuniram no Teatro CEU Perus, ocasião em que os pais tomariam ciência das atividades que estão sendo desenvolvidas na Unidade Escolar. Desta forma, em data estipulada, os pais tomaram conhecimento e receberam cópia das Normas Disciplinares da Escola, elaboradas pelos próprios alunos. No segundo momento, já na sala de aula do seu filho, junto com o professor coordenador da classe, tomariam conhecimento do seu desempenho escolar, o que também foi realizado com sucesso.

Contido no projeto de Educação em Direitos Humanos, estamos implantando o que chamamos de **Escola de Pais**, em nos preocupamos em trazer profissionais que contribuam com o nosso projeto, nos ajudando, assim, na conscientização e na aproximação da família e da comunidade local. Um exemplo que retrata com exatidão a Escola de Pais foi a palestra ministrada pela psicóloga Vera Massudi, cujo tema era: “A Escola e a Família – Uma parceria possível”.

Como maneira de não perder o vínculo criado com os alunos e pelos alunos em relação à escola e à pesquisa, resolvemos elaborar um calendário de grandes temas, incluídos no contexto dos Direitos Humanos em Educação, a serem abordados durante o ano, dentre eles: 1) Março - “Mulher”; 2) Maio – “O Mundo do Trabalho”; 3) Junho – “Meio Ambiente”; 4) Julho/Agosto – “Olimpíadas”; 5) Setembro/ Outubro – “Eleições”; 6) Novembro/Dezembro – “Feira Cultural”, além de trabalhos realizados durante o ano letivo e outros temas, como, por exemplo, DST/Aids e a Consciência Negra. Nos meses de junho e julho, ainda com o tema “Meio Ambiente”, desenvolvemos o projeto de reciclagem/água e o projeto energia, este em parceria com a AES-Eletropaulo, em que, a partir de redações e desenhos confeccionados pelos alunos houve, após seleção, a premiação dos melhores trabalhos, ocasião em que receberam 9 bicicletas.

É necessário registrar que, a todo momento, contamos com o apoio e envolvimento de toda a comunidade escolar: Funcionários, Coordenação e Direção se preocuparam e atenderam ao chamado de capacitação e participaram do Curso de Conselheiros em Direitos Humanos, promovido pela Prefeitura do Município de São Paulo.

No próximo dia 04/09/2008 concluirei, juntamente com a diretora da Unidade Escolar, Profª Vera Lúcia Soares Perussi, o curso: “Educação, Democracia e Direitos Humanos” promovido pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Atualmente, o projeto Direitos Humanos e Formação Escolar na EMEF CEU Perus continua sendo executado e continuará em vigor, pois os frutos que estão sendo colhidos, dia após dia, nos sinalizam que a decisão do coletivo da unidade escolar foi acertada e caminha rumo ao sucesso.

ESCOLA

Escola é...

...o lugar onde se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadras.

Programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo: gente.

Gente que trabalha, que estuda.

Que alegre, se conhece, se estima.

O diretor é gente.

O aluno é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comportar
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada por todos os lados”
Nada de conviver com pessoas e depois
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada é como tijolo que forma parede.
Indiferente, frio, só.
Importante na Escola não é só estudar.
Não é só trabalhar.
É também criar laços de amizade.
É criar ambiente de camaradagem.
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
Numa Escola assim vai ser fácil estudar.
PAULO FREIRE

OBJETIVOS

Constituem-se como objetivos desse projeto:

- criar identidade dos alunos entre si e com a Unidade Escolar;
- reestabelecer e potencializar a função transformadora do ambiente escolar;
- preparar para o exercício da cidadania e a formação de uma conduta ética e solidária entre todos os atores da escola;
- erradicar a violência no ambiente escolar, agindo, principalmente, de maneira conscientizadora, proporcionando para além dos muros da escola cidadãos-multiplicadores de uma cultura de paz;
- atrair pais e comunidade para a participação e convívio escolar;
- elevar a auto-estima dos alunos;
- melhorar o desempenho dos alunos.

MÉTODOS

Como métodos para o desenvolvimento do trabalho, investimos, principalmente, na conscientização de alunos, professores e funcionários, de maneira que percebessem que a situação de violência e conflitos no ambiente escolar só mudaria se, além dos alunos, o próprio ambiente escolar também se modificasse, visando uma maior possibilidade de identidade e integração entre seus componentes, as famílias e o entorno, possuindo não só caráter formador, mas também transformador. Para tanto, foram realizadas ações, obviamente, na esfera da conscientização (recepção diferenciada de professores e alunos, além da inscrição no curso de capacitação em direitos humanos – PMSP/FEUSP); atividades integradoras, como por exemplo, a Gincana, a criação das normas de convivência pelos próprios alunos; atividades culturais, como o Sarau, o Café com Leitura e os projetos de reciclagem, água e energia; e atividades informativas, como as palestras sobre DST/Aids e sobre a parceria entre a família e a escola.

RESULTADOS

Com a efetiva implantação do projeto há 8 meses, já obtivemos resultados animadores e significativos, tais como, a queda no índice de indisciplina e violência no ambiente escolar, maior participação dos alunos, além de sua preocupação em manter o espaço da escola preservado, tanto fisicamente, quanto nas relações interpessoais, característica essa conseqüente à criação de identidade entre os alunos e entre esses e a escola. Além disso, os pais e a comunidade passaram a freqüentar mais assiduamente a escola e a participar das atividades e reuniões.

Com a melhoria dessas relações, automaticamente, obtivemos também melhorias no desempenho dos alunos, no índice de satisfação e nos níveis de auto-estima.

Dessa forma, a escola EMEF CEU Perus se afirma e, com a continuidade do projeto, continuará se afirmando, como um espaço de transformação de simples alunos em cidadãos-multiplicadores de uma cultura de paz, com formação e conduta ética e solidária, o que pode ser observado em uma carta endereçada espontaneamente à direção da escola e que foi um dos auxiliares na indicação de que estamos no caminho correto – vide anexos.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. As cidade invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Sérgio. A Formação de professores e os valores da cidadania. Série Documentos Cátedra Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância. São Paulo: USP/IEA, nov.1997.
- ESCOLAS públicas de São Paulo sofrem 1668 depredações só no primeiro semestre. Folha de São Paulo, Cotidiano, quarto caderno, p.1 14 set. 1991.
- ESCOLAS usam detector de metal nos EUA. Folha de São Paulo, Follhateen, p.3.9 maio 1994.

GALVÃO, Izabel. Conflitos no cotidiano escolar. In: CARVALHO, José Sergio Fonseca de Educação, cidadania e direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

SPOSITO, Marília. A instituição escolar e a violência. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Educação, cidadania e direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEITURAS COMPLEMENTARES:

ENDO, Paulo César. A violência no coração da cidade. Um estudo psicanalítico. São Paulo: FAPESP/ Escuta, 2005.

SCHILLING, Flávia. A sociedade da insegurança e a violência na escola. São Paulo: Moderna, 2004.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Memória do Bairro e Memória da Escola”

Unidade Educacional:
EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro

Responsável:
Clarice Aparecida Martinez

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que no ano de 2007 nossa unidade escolar completaria 20 anos de atividades educacionais, contribuindo na formação da cidadania, optamos por realizar um projeto que resgatasse e integrasse a memória da escola, ao longo desses anos, com a memória da Comunidade da Cidade Kemel no bairro do Itaim Paulista, onde a mesma está inserida. A problemática ambiental no bairro Itaim Paulista é marcada com construções dos CDHUS e poluição dos córregos, restando poucas áreas verdes na região. Essas duas questões culminaram na elaboração e desenvolvimento deste projeto.

A Escola está localizada numa área de mananciais e em vista a implementação do Parque das Águas, uma luta da comunidade local e da escola, vimos a importância de trabalhar os impactos ambientais ao longo da história do bairro X escola.

O tema “Memória do Bairro e Memória da Escola”, foi escolhido diante da possibilidade de integrar todas as áreas do conhecimento num projeto interdisciplinar, partindo da realidade do aluno e de toda a comunidade, valorizando os educandos como agentes construtores do conhecimento, desenvolvendo a consciência de que o exercício da cidadania é importante na construção da história.

Esse resgate realizado pela escola fez com que desse um novo olhar para o presente, repensando o futuro que queremos para as próximas gerações. Nossa identidade é ao mesmo tempo individual e cósmica.

OBJETIVOS

Os objetivos propostos foram:

Propor ações para levantamento histórico do bairro e da escola, valorizando a comunidade que nele habita. Partindo do objetivo de conscientizar o aluno do seu papel como sujeito da história, para que ele conheça não apenas alguns aspectos históricos, mas, sua evolução até os dias atuais, que resultaram em riquezas culturais, artísticas e econômicas, valorizando essas conquistas, percebendo seu papel como cidadão e agente de transformação histórica, política e social.

Resgatar a história do bairro e da escola através da memória dos alunos e seus familiares, valorizando os conhecimentos que foram construídos pela comunidade.

Os alunos devem perceber ao longo do desenvolvimento deste projeto, que tanto a história como os aspectos culturais, são dimensões do processo social e da vida em sociedade.

Que os alunos iniciem uma reflexão que o modo de construção de sua “identidade não tem uma conotação individualista, visto que seu individual não constitui separadamente de seu social” (Campi, Helenice: Peixoto, Maria do Rosário e Moreira, Maria de Fátima Salum em O tempo e a sua importância na formação da criança p. 1491), além de identificarem as transformações do ambiente do bairro decorrente do processo de urbanização.

Valorização dos educandos como agentes construtores do conhecimento.

Desenvolver nos alunos a consciência que as ações do ser humano são muito importantes na construção da história.

Conhecer o ambiente onde se vive a história, para preservar as memórias do local.

Motivar os estudantes a estabelecerem relações sociais e desenvolverem a conscientização da valorização do ambiente em que se vive.

Buscar a implementação do Parque das Águas da Cidade Kemel junto as autoridades.

Desenvolver metodologias de trabalho a partir dos relatos de memória, leitura e escrita e utilização de tecnologia de informação e comunicação.

Inclusão não só do aluno deficiente mas do aluno em geral, conhecendo nova forma de comunicação e expressão com a língua de sinais (LIBRAS).

METODOLOGIA

O projeto “Memória do Bairro e Memória da Escola”, resgatou as memórias a partir de fotografias, documentos, cartas e principalmente das memórias de pessoas entrevistadas no local (moradores, funcionários e ex-funcionários).

Escuta e transcrição das gravações dos entrevistados.

Reuniões periódicas com os grupos de professores para discussão e verificação dos avanços e aplicação de novas estratégias quando era necessário.

Levantamento preliminar com base em dados qualitativos e quantitativos coletados na Unidade Escolar e na comunidade local.

Reescrita da letra do Hino do Itaim Paulista.

Leitura e escrita de poesias (sarau de poesias organizado pelos professores da sala de leitura).

Apresentação de slides no Power Point (confeccionados nas aulas de leitura e informática).

DESCRIÇÃO DO PROJETO

INTRODUÇÃO

Este projeto foi realizado pelo grupo de professores e comunidade escolar da EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro, DRE-São Miguel, com a coordenação da professora Clarice Aparecida Martinez no decorrer do ano letivo de 2007.

A construção e reconstrução de uma história viva, original e significativa a partir da memória da comunidade foi o eixo central do projeto “Memória do Bairro e Memória da Escola” juntamente com a implementação do Parque das Águas, que após muitos anos de lutas dos moradores e escolas, as obras iniciaram-se no mês de agosto deste ano, contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos moradores.

Por meio de relatos orais, descobrimos experiências, saberes construídos e aspectos originais da cultura local que muitas vezes não constam de qualquer registro. Daí a importância da história de cada pessoa.

Quando os alunos entrevistavam moradores ou assistiam alguns depoimentos, por meio de vídeos exibidos após a conclusão das atividades, observava-se nitidamente a sua identificação com aquela história, eles percebiam que faziam parte desta história.

A preparação das entrevistas foi uma prática que nos mostrou o envolvimento e comprometimento dos alunos, sentindo-se valorizados por entenderem que seriam capazes de desenvolverem as entrevistas, criou-se assim um vínculo afetivo entre os entrevistados e os educandos, tanto que, durante uma das tarefas da gincana cultural, moradores foram representando grupos de alunos, participando de uma das tarefas, em que cada equipe deveria levar um morador antigo do bairro e contar sua história.

A origem dos primeiros moradores, de acordo com a senhora Ilza Donizete Barbosa (residindo à 42 anos no bairro), são libaneses e italianos. Os libaneses lotearam a região, antiga fazenda, e a família Fava (italianos) foram umas das primeiras a chegarem neste local. Sendo posteriormente habitado por migrantes principalmente nordestinos.

Todas as atividades desenvolvidas durante o ano letivo de 2007 tinham como eixo central o tema Memória do Bairro e Memória da Escola, entre elas, a gincana cultural, interagindo

folclore e memórias e o Sarau de poesias. Estas atividades foram registradas por meio de transcrições das entrevistas; fotografias; vídeos e coletâneas de documentos e textos que auxiliaram na elaboração do projeto e sua conclusão. Porém, o assunto não se esgotou, pois a história é dinâmica e todos os dias estamos construindo-a.

HISTÓRIA DO LOCAL

Com a chegada da ferrovia Estrada do Norte, antiga Central do Brasil, começou lentamente o crescimento da região do Itaim Paulista.

O nome Itaim vem do Tupi-Guarani e significa “Pedra Pequena”. A região é cortada por seis córregos que correm no sentido norte-sul para desaguar no rio Tietê.

Em 1980 o Itaim Paulista emancipou-se de São Miguel Paulista. Seus moradores declaram seu amor pela região, com histórias e boas lembranças.

A Cidade Kemel é um distrito do bairro Itaim Paulista e que faz limite com três municípios: Poá, Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquetuba. Sua formação foi parecida com o processo de conurbação que ocorreu em toda a Grande São Paulo. A conjuntura formada pelas quatro cidades talvez atrapalhou o seu desenvolvimento, já que as divisas são complexas. Quem vive em São Paulo e conta suas histórias tem a sensação que a cidade cresceu e transbordou para as cidades vizinhas.

A região era uma fazenda que pertencia a família Kemel. O primeiro loteamento da região começou a ser construído em 1954 e acabou sendo batizado o bairro de Kemel. De tão extenso, acrescentou-se o nome “cidade”, ficando Cidade Kemel.

Kemel Adas doou uma área para a prefeitura do Município de São Paulo, onde foram construídas as EMEI Tancredo Neves e Cidade Kemel, ainda foi construída nesta área a nossa EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Cidade Kemel” foi criada pelo decreto Municipal nº 21536, de 29/10/1985 e posteriormente com a denominação “Dr. José Pedro Leite Cordeiro” determinada pelo decreto nº 22.099/04/1986, passando a funcionar em 1987.

José Pedro Leite Cordeiro nasceu em Campinas (SP), aos 14 de julho de 1914, filho de Líneo Cordeiro e de Dulce Hermínia Leite Cordeiro.

Cursou o antigo primário na Escola Mista Joaquim Nabuco e no Grupo Escolar Francisco Glicério, ambos em Campinas. Os seus estudos secundários foram realizados no Ginásio Santista e no Liceu Nacional do Rio Branco, da Capital. Teve uma vida profissional de muito destaque. Deu publicidade a diversos trabalhos científicos sobre sua especialidade; foi chefe de Clínica no Hospital Municipal de São Paulo, diretor de Assistência à Maternidade e à Infância, na Prefeitura Municipal, eleito orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, eleito para a cadeira 19, patrono barão de Itapetininga, da Academia Paulista de Letras. Em 1975, foi eleito presidente da Academia Paulista de Letras.

José Pedro Leite Cordeiro, o médico, o escritor, o historiador, o acadêmico, grande exemplo que foi, faleceu aos 2 de janeiro de 1986, na Capital.

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

Inicialmente os grupos de professores organizaram um cronograma de ações a serem cumpridas ao longo do ano (até a data do aniversário dos 20 anos da escola).

O embasamento teórico das diferenças entre história e memória foi baseado numa bibliografia anexa e no “Filme Narradores de Javé” e “Dona Cristina perdeu a .”(trabalhados com alunos e professores) e livros como por exemplo, Guilherme Augusto Araújo Fernandes, explorados também com os alunos.

A coletânea de fotos nos arquivos da escola, moradores e pais de alunos nos subsidiou para uma releitura do ambiente local. Essa releitura fez com que os alunos refletissem sobre a importância da preservação das memórias.

Entrevistas e transcrições com antigos moradores, alunos do EJA e com os primeiros profissionais que a escola teve após sua inauguração (filmagem e gravações autorizadas pelos participantes).

Elaboração de questionário sócio-econômico, ambiental e cultural do bairro para possível análise de seu perfil, em parceria com a U.B.S (Unidade Básica de Saúde) do bairro.

Exploração do tema pelos alunos do Ensino Fundamental I no contexto “Memória da Vovó” onde realizaram pesquisa das principais brincadeiras da infância de seus avós, originando um rico trabalho de construção de bonecos de pano entre as famílias. (exposição em painel folclórico).

Pesquisa biográfica do patrono Dr. José Pedro Leite Cordeiro realizada pelos alunos em Sala de Leitura e no Laboratório de Informática Educativa.

Realização da Gincana Cultural “Vinte anos de Cordeiro” com tarefas, abordando as memórias e o folclore.

Realizou-se o primeiro Sarau de Poesias – apresentando o poeta Mário Quintana e o aniversário da escola, com a recitação de poesias criada pelos alunos em homenagem ao aniversário da escola, com orientação dos professores da Sala de Leitura, Língua Portuguesa, incluindo a professora de SAAI (deficiência auditiva), interpretando em LIBRAS poesias com os alunos do fundamental I.

Apresentação do Hino Nacional e do Hino do Itaim com regência da Fanfarra da Escola e interpretação em LIBRAS por alunos do Ensino Regular e SAAI.

Este projeto foi desenvolvido durante o período letivo de 2007 com o envolvimento e interesse da comunidade escolar; pesquisas, entrevistas, gincana cultural e demais atividades, culminaram na festa dos 20 anos da EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro (08/12/2007) realizada no final do ano com exposição de trabalhos, banners, apresentações artísticas dos alunos e exibição de um vídeo mostrando uma síntese das atividades desenvolvidas pelos alunos.

RESULTADOS

O projeto possibilitou a organização de várias estratégias, com a melhoria da relação do processo de ensino e da aprendizagem dos ciclos I e II.

A Inserção do educando no espaço social e real como sujeito de sua história e membro convicto de uma sociedade a serviço do bem estar da pessoa humana.

A integração de várias gerações e conscientização da preservação dos ambientes para as futuras gerações e preservação da memória local.

A satisfação de todos os envolvidos foi notória, no dia da Festa em comemoração aos vinte anos da EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro.

A interação no processo de inclusão dos alunos do ensino regular e da comunidade com a LIBRAS (forma de comunicação dos alunos deficientes auditivos), inseridos na Unidade Escolar.

A implementação do Parque das Águas como uma conquista de uma história da luta da comunidade escolar.

AVALIAÇÃO

“O estudo é uma fonte de riqueza para todos aqueles que vivem” **Alda dos Santos- aluna da EJA**

“O projeto baseado nas iniciativas do grande educador Paulo Freire, teve como objetivo propiciar a humanização e a libertação dos sujeitos que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais.

Esta compreensão motiva a realização e a consolidação de ações para articular e fortalecer as iniciativas referenciadas na obra de Paulo Freire.

Assim sendo, o projeto desenvolvido pela escola apresentou as experiências plurais, comprometidas com a educação e que visaram a garantia da diversidade cultural existente na clientela escolar da U.E, a inclusão e a transformação social.

Avalio o projeto desenvolvido de forma positiva na escola, como uma excelente iniciativa.

O projeto serviu de motivação para repensar o futuro que queremos para as próximas gerações e confiando na Educação como um dos instrumentos de libertação do Ser Humano.

Para finalizar parabênzo os Professores envolvidos neste projeto e toda Equipe Escolar e em especial a Professora Clarice Aparecida Martinez, uma das responsáveis pelo projeto que demonstrou grandes iniciativas para com o mesmo.” **Beatriz Campacci - Supervisor Escolar**

BIBLIOGRAFIA

BOSI, E *Tempo vivo da memória*. São Paulo, Ateliê, 2003.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CAMPI, Helenice: Peixoto, Maria do Rosário e Moreira, Maria de Fátima Salum em O tempo e a sua importância na formação da criança p. 1491).

FOX, Mem , Guilherme Augusto Araújo Fernandes, tradução Gilda de Aquino.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, RJ. Paz e Terra, 2000.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia do Oprimido*, RJ. Paz e Terra, 44ª Ed., 2005.

SITES CONSULTADOS:

www.itaimpaulista.com.br

www.museudapessoa.org.br

www.educarede.org.br

www.dicionarioderuas.com.com.br

www.prefeitura.sp.gov.br

DOCUMENTOS

Livros de registros da EMEF. Dr. José Pedro Leite Cordeiro.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Matematização, Transdisciplinar & Comece Certo”

Unidade Educacional:
EMEF Professor Queiroz Filho

Responsável:
Cecília Aparecida Cocco

OBJETIVOS PREVISTOS

Objetivos Gerais:

- Resolver situações-problema, sabendo validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processos, como intuição, indução, dedução, analogia, estimativa, e utilizando conceitos e procedimentos matemáticos, bem como instrumentos tecnológicos disponíveis;
- Estabelecer conexões entre temas matemáticos e, entre esses temas, conhecimentos de outras áreas curriculares;
- Sentir-se seguro da própria capacidade de construir conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a auto-estima e a perseverança na busca de soluções;
- Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na resolução dos problemas propostos, identificando aspectos consensuais ou não na discussão de um assunto, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles.

Objetivos Específicos:

- Envolver os temas estudados na matemática: Lucros, Prejuízos e Juros;
- Fornecer material de apoio dos bancos, imobiliárias e lojas de móveis, entre outros;
- Elaboração do Projeto tendo como suporte o Projeto Comece Certo do SEBRAESP

INTRODUÇÃO

Mostra Pública de uma experiência educativa: No dia 07 de junho de 2008, na EMEF Prof. Queiroz Filho, 89 alunos(as), na faixa etária de 13 a 17 anos, dos 7^{os} Anos A, B e C, autores(as) do Projeto Comece Certo, inauguraram suas 27 pequenas empresas, onde os próprios alunos(as) organizaram-se como proprietários(as), sócios(as), projetaram seus

negócios, criando suas logomarcas, denominações empresariais, gastos: investimentos iniciais, custos e despesas, preço de venda e projeção de lucros, bem como a escolha do ponto para abertura da empresa, plantas baixa e alta e respectiva maquete. Para visualizar seus produtos criaram standers, sites, DVDs e prêmios aos visitantes da Feira de Negócios, na Festa de Inauguração.

Projeto Matematização: um Projeto para além dos muros da escola, iniciado em 20 de novembro de 2007 e concluído em 30 de junho de 2008. A concretização e execução do Projeto Matematização implicaram o Projeto Transmidisciplinar, o qual envolveu também autores(as) professores(as) de diversas disciplinas, parceria com a comunidade local e pesquisa em sites na web, de modo especial com o Comece Certo do SEBRAESP, Banco do Brasil e Google. Para além dos livros didáticos, apoiou-se em folhetos de bancos, imobiliárias, lojas e outras propagandas veiculadas na mídia. Os resultados do Projeto Matematização superaram as expectativas, destacando-se, ainda, que incentivados por familiares, empresários e instituições da comunidade local, os(as) alunos(as) criaram seus próprios sites, DVDs e outras alternativas de marketing utilizadas na Festa de Inauguração das pequenas empresas e na Feira de Negócios.

JUSTIFICATIVA

Nosso desafio: uma educação de qualidade e humanizadora - Uma educação que integre todas as dimensões do ser humano e envolve diferentes variáveis: organização inovadora - aberta e dinâmica, projetos pedagógicos participativos orientados por currículos ricos e atualizados; infra-estrutura com acesso a tecnologias e à informação; relação entre professores e alunos que permita, mutuamente, conhecer, respeitar, orientar, ensinar e aprender; interação da escola com as famílias e com outras instituições.

Matemática como a arte da língua materna, na descoberta do mundo da quantidade e apropriação do seu código, aberto às novas e outras perspectivas do uso da informática na educação dentro do contexto de atuação do Projeto. A era da informação e da ecologia acontecem juntas, abrindo caminho para a nova sociedade. Essa sociedade exige liderança, inovação e decisão diante dos novos desafios.

Saber como os alunos pensam é fundamental em matemática. É tão necessário numeralizar os alunos como alfabetizá-los. Ser numeralizado não significa saber calcular. É ser capaz de pensar e discutir relações numéricas. É ter familiaridade e habilidade com números, capacitando o indivíduo a enfrentar e resolver situações matemáticas práticas da vida cotidiana.

Na rua ainda lidamos com números grandes, na imprensa falada ou escrita, importa a ordem de grandeza: mil, bilhão, trilhão... Na rua encontramos números negativos: temperatura, saldo bancário. As frações que encontramos na rua são todas muito simples. Se você trabalha com mecânica ou ferramentas em geral, as frações têm denominadores 2, 4, 8, 11, 32 e 64, por exemplo, jogo de chaves de boca. Frações são raramente somadas, subtraídas ou multiplicadas, porque usamos representação decimal. (v. Polya G. A). E ainda, problema não é enunciado-pergunta, mas relação situação-aluno-meio. A situação

de ensino necessita movimentar o professor, o aluno e o saber, observando o projeto de cada um e as regras do jogo. (v. Borin, Julia e Polya).

A aprendizagem na resolução de problemas determina uma relação professor -aluno-problema, do tipo entre a situação e os alunos, relação professor-aluno e relação professor-situação. Orientar o currículo para solução de problemas significa procurar projetar situações abertas para introduzir nos alunos uma busca de apropriação de estratégias adequadas. Oportunizar diferentes situações-problemas quanto ao número de soluções, ao enunciado e à oferta de dados e aos temas matemáticos.

Destaca-se ainda que “nas situações do dia-a-dia, misturam-se os números, as operações, as formas, as medidas, os gráficos, as tabelas,” o Planejamento das atividades ensino-aprendizado realizado em bloco de conteúdo, interligados e seqüenciados. Conteúdos: Números, Operações, Álgebra, Espaço e Forma, Grandezas e Medidas, Tratamento da informação. Temática: Lucros, Prejuízos, Juros, entre outros.

METODOLOGIA UTILIZADA

Estratégias Metodológicas

- Resolução de problemas com diferentes características: quanto ao número de soluções: com mais de uma, sem ou apenas uma; quanto ao enunciado e à oferta de dados: com mais dados que os necessários, com falta de dados ou com exatamente os dados que serão utilizados; quanto aos temas matemáticos.
- Investigação como situação aberta e colaborativa, envolvendo: reconhecimento da situação, formulação de conjecturas, realização de testes, argumentação, demonstração e avaliação do trabalho realizado. Possibilitar as interligações entre os campos da aritmética, da álgebra, da geometria e de outras áreas de conhecimento.
- Recurso da Etnomática: de modo a articular as aprendizagens que o aluno constrói na escola com o contexto cultural e social.
- Recursos tecnológicos: computadores, softwares, Internet, calculadoras, vídeos, livros e jogos.
- Leitura e escrita: aprender a comunicar-se matematicamente: descrever, representar, apresentar resultados com precisão, argumentar; fazer uso da linguagem oral, estabelecendo relações entre ela e diferentes representações matemáticas e da linguagem escrita produzir textos, interpretar dados, formular situações-problema, elaborar sínteses ou descrever conjecturas.
- Projetos: com temática que envolva respeito à diversidade e às diferenças e temas inter-multi-transdisciplinares: artes, ciência, educação física, geografia, história, inglês, matemática e português.

OS MOMENTOS, AS FASES OU ETAPAS

Projeção: A implantação do projeto aconteceu na comunidade escolar, mas especificamente, nos 3^{os} Anos do Ciclo II da rede municipal de ensino, através da disciplina matemática. Entretanto, envolveu professores de todas as disciplinas dessas turmas e/ou outras turmas, educadores da escola, coordenação pedagógica e direção. Esses alunos eram seus alunos nos 2^{os} Anos do ciclo II. Assim, sua projeção aconteceu em fins de 2007, sua sensibilização em fevereiro de 2008. E, após a criação da terceira turma, foram desenvolvidas, outras 4 fases, de março a junho, contando com o trabalho transdisciplinar, o apoio dos familiares e a parceria da comunidade local

Sensibilização: No mês de fevereiro, o enfoque “Sensibilização” ocorreu junto aos(as) alunos(as) para que sentissem a necessidade da sua realização e ainda para que o Projeto fosse deles(as) e não dos(as) professores(as), da coordenação pedagógica ou da direção. Para tanto, as etapas foram construídas, modificadas ou substituídas ao longo do processo. Por exemplo, uma pequena empresa desistiu de seus negócios e associou-se a uma outra, por motivos afins. Considerou-se a realidade dos estudantes e sua compreensão da temática a ser abordada.

Como ponto de partida, os próprios alunos criaram situações-problemas, as quais apontaram o uso de um pensamento mágico e fantasioso. Por exemplo, um aluno apresentou a seguinte situação-problema: Vendia 3 canetas a R\$ 1,00 cada. Depois fez uma promoção 3 por R\$ 5,00. Portanto, afirmava que teve um lucro de R\$ 2,00. Outro comprou uma TV por R\$ 700,00, depois de um tempo de uso ela quebrou e ele resolveu vendê-la por R\$ 400,00, dizendo que esse valor foi o seu lucro. Um terceiro efetuou a compra de uma casa na praia por R\$ 50,00 e gastou na sua reforma R\$ 100,00, portanto, afirmava que teve um prejuízo de R\$ 150,00, entre outras. Refletiram-se as situações-problemas a fim de determinar realmente o que era lucro, prejuízo, valor real, despesas e patrimônio. A partir dessas constatações introduziu-se o cálculo do preço de venda, projeção de lucros e juros.

Outras três etapas: Primeira em março; Segunda em abril e Terceira em maio.

A avaliação aconteceu ao longo do processo. Avaliação diária e contínua, dissertativa e objetiva; individuais, em dupla e em grupo. Atividades de pesquisas e seqüenciais. Auto-avaliação: participação, colaboração e autonomia. Foram avaliados todos os conteúdos além do projeto. As avaliações aconteceram ao longo do Projeto de Matematização e em momentos específicos: sensibilização em 27.03.08 e as etapas em 25.04.08, em 16.05.08, em 06.06.08 e finalmente a auto-avaliação dia 09.06.08. A premiação foi resultado da auto-avaliação final, tendo presente a melhor empresa na opinião do público e do grupo. Também houve depoimentos de alunos no período de 23 a 30.06.08.

Etapas Conclusivas: Um Projeto Aberto - o trabalho continua, pois é um projeto que não finda em si mesmo. As questões, temas, problemas, e experiências, entre outras, estão longe de se esgotarem ou de serem resolvidas. A construção coletiva, projetada, vivida e compartilhada de modo solidário faz eco ao século XXI.

AS PRINCIPAIS AÇÕES

A utilização da informática e da multimídia como ferramenta pedagógica. Para tanto, oportunizou-se um trabalho integrado com a Profª de Orientação de Informática Educativa (POIE), valendo-se dessas aulas, das aulas de matemática e/ou aulas de outras disciplinas no Laboratório de Informática.

Cada Professor(a) orientava os(as) alunos(as) conforme suas necessidades, ou seja, Matemática (juros, lucros e prejuízos) Português (gramática e redação), Inglês (denominações dos produtos para pequenas empresas), Educação Física (escolas de futebol e campeonato), Ciência (nutrição e cardápio), Geografia (paisagem do bairro e localização), História (comunidade local e pesquisa), Artes (logomarca e propaganda). Os(as) alunos(as) aproveitaram as orientações específicas de empresas locais para a realização do Plano de Negócios de suas pequenas empresas, bem como, a utilização de outros locais, como por exemplo, escolas de informática e Lan Houses. Puderam sentir o apoio dos familiares e parentes com experiência em computação e Internet para realizarem suas pesquisas e/ou seus trabalhos.

Projeto Comece Certo: E por fim o Projeto Comece Certo, dentre as especificações do SEBRAESP para pequenas empresas: comércio, serviço e indústria. Assim, os(as) alunos(as) se organizaram como empresários(as), sócios(as) escolhendo conforme sua iniciativa, o tipo de negócio e determinando o número de sócios(as) que atendiam as suas necessidades.

Procurou-se uma forma de tornar essa experiência, a mais concreta possível. Por exemplo, numa mesma turma, os(as) alunos(as) poderiam optar por um mesmo ramo de negócio, o importante era como eles(as) enfrentariam a concorrência, valendo-se para tanto da diferença de atendimento ao cliente. O número de sócios (as) não era pré-determinado, mas regia-se de acordo com a escolha do perfil de cada negócio. Um outro dado apresentado era que cada turma representasse um pólo empresarial. Assim o cuidado de atender a população com diversos tipos de negócios e tinham presente que as três turmas constituíssem uma região empresarial, formada pelo pólo empresarial de cada sétimo ano envolvido.

AS ATIVIDADES REALIZADAS

Situação-problema & Solução-concreta: Tendo uma pequena noção desses conteúdos, iniciaram-se outras três etapas. Primeira Etapa (março):7 1. Atividades empresariais das pequenas empresas: Comércio, Serviços e Indústria; 2. Empresário e Sociedade Empresária; 3. Plano de Negócio: O que é? Como elaborar? O que considerar num Plano de Negócio (PN)? Segunda Etapa (abril):8 4. Gastos: Investimento Inicial, (antes da inauguração) – construção da tabela, conforme cadernos do SEBRAESP; criação de folhetos – chaveiros ou objetos de recordação; Propaganda – jornais, rádio, TV ou alternativa – outdoor, sites e DVDs; 5. Custos e Despesas, Preço de Venda – construção da tabela, de acordo com os cadernos do SEBRAESP; Lucro é o que sobra; 6. A escolha do ponto para abertura da empresa, proposta dos cadernos do SEBRAESP; Planta baixa e alta, fachada do prédio, pontos de referência. Terceira Etapa (maio):9 7. Maquete; 8. Festa da

inauguração, na Feira de Negócios com explicação do portfólio, maquete, stander, sites, DVDs e prêmios relativos aos produtos das respectivas empresas. Por exemplo, as pequenas empresas com atividades de serviço: escolas de futebol realizaram um campeonato entre times organizados pelos próprios alunos, envolvendo outras séries.

Na terceira etapa em relação aos gastos de Investimento Inicial, além do SEBRAESP os(as) alunos(as) consultaram os materiais de propaganda relativo ao tema. Os alunos criaram de acordo com a sua atividade empresarial objetos de recordação e/ou prêmio que foram distribuídos em forma de sorteio na Feira de Negócios. Para a escolha do ponto para abertura da empresa, além da orientação do SEBRAESP incentivou-se o aproveitamento de espaços existentes para a instalação da pequena empresa, com adaptação através de reforma. Mostrou-se a possibilidade de “simulação de empréstimo” para pequena empresa oferecida pelo Banco do Brasil, uma maneira concreta para se perceber o cálculo e tabela do financiamento. Com relação à planta baixa e alta, fachada do prédio, pontos de referência, eles aproveitaram várias idéias vinculadas em propagandas imobiliárias e no Google Earth.

Projeto Comece Certo: EMEF Prof. Queiroz Filho - Com o intuito de aprofundar as atividades de serviço na área educacional a Profª Cecília também fez o seu Projeto Comece Certo e sua logomarca voltada para a própria unidade educacional, com os dados empresariais, logomarca da Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria de Educação e da educa Sampa, fotos da escola, mapa de localização, biografia do Patrono, dados gerenciais – Ano Letivo 2008 e planta baixa da Escola. Como contribuição elaborou um Jornal Especial 10 com Encarte¹¹ e dois convites para a Festa da Inauguração: dos alunos e dos Professores. Destaque: “Excelentes notícias: vamos dar uma festa! ... Nossos produtos e serviços trazem a Marca Brasil Exportação” (convite-alunos).

AVALIAÇÃO E DEPOIMENTO DA ESCOLA

A Profª Geni, CP da Unidade Escolar orientou, acompanhou programas e projetos. Outro aspecto relevante foram os horários de JEI, constituído por professores(as) dos Ciclos I e II. Assim, nesse espaço coletivo aconteceu a socialização dos Projetos, em andamento. A Feira de Negócios e a Mostra Cultural, também estavam integradas à Proposta Pedagógica da Escola, sendo realizadas na mesma data, ou seja, 07.06.08. Esse fato foi observado pelos alunos do Projeto Matemática ao afirmarem: “Eles também estão de parabéns, pois não foram só as empresas que ficaram ótimas, todas as salas ficaram fantásticas.” (Larissa). Nesse contexto, incentivada pela Profª Geni CP e demais Professores(as) a autora do Projeto Matemática inscreveu-se no “Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal - 2008.”

Certificação, Premiação e Depoimentos: Etapa Final em junho – Auto-avaliação: realizada pelas três classes envolvidas no Projeto, bem como, o olhar de cada uma para a outra. O resultado foi divulgado para toda a escola em forma de tabelas e gráficos, aproveitando para refletir o sentido da votação (quarto item da auto-avaliação) e da consciência do eleitor, destacando-se os votos válidos, os em branco e o total de votos. Ressaltando que

a votação da 7º Ano B constituiu-se somente de votos válidos. A certificação¹⁴ e premiação¹⁵ ocorreram no anfiteatro da EMEF Prof. Queiroz Filho, no dia 18.06.08 com a presença e participação da Profª Geni – CP, da Profª Sonia de Ciências, do Prof. Pedro, de Geografia, da Profª Cecília de Matemática e com a presença de todos(as) alunos(as) atores e protagonistas do Projeto. Depoimento dos(as) alunos(as):

“A Profª Cecília chegou na sala e pediu uma sugestão sobre as aulas de matemática, como fazer para os alunos aprenderem de modo prático. No começo, eu fiquei com medo de falar, mas me encorajei e falei que seria legal os alunos compartilharem seus conhecimentos. ...apesar de tudo e de todos mostramos mais uma vez nossa capacidade de pensar juntos, e que dividindo conhecimento somos invencíveis.” Gleice Q.

“Eu pensei que não ia conseguir, mas no final acabei conseguindo, as outras empresas também foram muito bem, melhores que a minha. ...eu espero que tenha outros trabalhos como esse porque eu gostei muito.” Jhonatan R.

“Eu achei o sábado muito legal. Os Projetos de todas as empresas saíram ótimos, todos se empenharam durante meses na empresa para fazer o melhor para o público e para eles mesmos, porque o resultado não foi só apreciado pelo público, foi uma satisfação para quem fez também.” Larissa

“Parabéns, professora pelo excelente projeto, o qual nos ensinou a ‘viver’ como sócios de verdade. ...os filmes da professora e do Willians foram excelentes. Todas as pessoas viram e acharam lindos, ficaram emocionadas e aplaudiram.” Gabriela F.S.N.

“Esse Projeto ensina sobre os gastos que as empresas têm, não importa se é Lan House, mercado, mas trabalha com seus gastos, prejuízos e lucros.um Projeto incrível!!!” Priscilla T.F.

AVALIAÇÃO E DEPOIMENTO DO SUPERVISOR DA ESCOLA

EMEF Prof. QUEIROZ FILHO, Senhora Diretora Professora Márcia Cristina S. Rizzon. *“Trata o presente de Parecer da Supervisão Escolar sobre o Projeto “Matematização: Transdisciplinar & Comece Certo” que a Unidade Escolar Professor “Queiroz Filho” desenvolveu no período de 20/11/2007 à 30/06/2008 com os alunos de 13 a 17 anos matriculados no 2º ano do Ciclo II e 3º ano do Ciclo II em 2008. O Projeto foi pensado com o objetivo de criar condições concretas para a aprendizagem e a construção do conhecimento dos alunos de forma a garantir que os conceitos matemáticos e linguagem matemática fizessem parte do cotidiano dos adolescentes. Durante o desenvolvimento do Projeto percebe-se o envolvimento dos alunos, pais e empresas da região, o que resultou em uma aproximação dos alunos com a pesquisa, e a identidade da comunidade em que a Unidade Escolar está inserida. Parece a Supervisão Escolar que o Projeto atende a função precípua da Escola e acima de tudo resgata os adolescentes como protagonistas de seu próprio desenvolvimento e por considerar como fundamental o trabalho da Escola como protagonista de Humanização é que acreditamos ser pertinente a inscrição do Projeto no Prêmio Paulo Freire.” Professora Ana Lucia Ferreira Couto RF. 549.749.3.01 Supervisora Escolar – DRE-IP/SME-SP*

Louvor e Gratidão: A todos e todas que se apaixonam na construção do projeto coletivo, compartilhem suas experiências, constituem-se em fundamento do trabalho e aparecem nas entrelinhas, para que possa aparecer somente o brilho da obra.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Cantando com os Bichos da Arca”

Unidade Educacional:
CEI Genoveva D’Ascoli

Responsável:
Sônia Regina Garcia de Oliveira

O projeto “Cantando com os bichos da Arca” foi desenvolvido com a turminha do Minigrupo, com crianças de dois a três anos (em sua maioria completados no final de 2007). Teve a duração de seis meses, sendo iniciado em março de 2007 e finalizado em setembro do mesmo ano. Foram três as principais motivações que nos levaram a desenvolver este trabalho: o sentido de continuidade, pois queríamos aproveitar o potencial das crianças, que haviam respondido positivamente aos estímulos musicais promovidos em 2006; o envolvimento familiar que havia sido despertado e o fato de sabermos da importância da música para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, principalmente para “bebês”, em plena fase de desenvolvimento da linguagem oral. O projeto anterior, desenvolvido com o mesmo grupo de crianças no ano de 2006, tinha como objetivo o desenvolvimento e a construção da identidade e da autonomia, favorecendo e valorizando a cultura familiar por meio da música. O desafio agora seria compartilhar com as famílias uma cultura musical diferente da corriqueira e isso nos animou: escolhemos por apresentar às crianças as canções do CD “Arca de Noé I e II”, compostas por Vinicius de Moraes e parceiros, pois acreditávamos ser essa uma fonte riquíssima no que se refere à linguagem oral e musical. Conhecíamos a forte expressão e representatividade dessas músicas, sabendo que, por meio delas as crianças poderiam brincar e aprender com os ritmos, rimas e melodias desse repertório.

Apostamos na continuidade e na extensão do primeiro projeto, entendendo que, uma boa canção, desenvolve a musicalidade das crianças e ajuda a construir conhecimentos, ampliando as possibilidades para o desenvolvimento da linguagem oral. E investimos nessa fase em que a criança atinge o auge da oralidade e vivencia a explosão de novas palavras e significados.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Proporcionar às crianças o contato com o gênero musical e a linguagem poética, ampliando seu repertório musical e cultural.

Objetivos específicos:

- Estimular o gosto pela música e aumentar a familiaridade com essa linguagem;
- Estimular a escuta atenta das canções e suas sonoridades;
- Desenvolver a expressão corporal, identificar expressões e emoções e favorecer o autoconhecimento;
- Desenvolver a autonomia/identidade escolhendo as músicas preferidas;
- Que as crianças reconhecessem algumas das músicas e poesias do CD;
- Que as crianças aprendessem o significado (função) de novas palavras acrescentando-as em seu vocabulário;
- Compartilhar com as famílias as canções apresentadas, por meio de envio do CD para casa.

CONTEÚDO

A fim de que fossem atingidos os objetivos propostos, trouxemos para o grupo situações que propiciavam atitudes de comportamento pessoais (tais como interesse, participação, curiosidade) e relacionais (como respeito, afeto e partilha). Escolhemos trabalhar com o tema de forma a articulá-lo com as demais áreas do conhecimento, tornando-o acessível aos pequeninos, promovendo situações em que as crianças pudessem comparar e relacionar com suas próprias vivências:

- um cartaz inicial introduzia o texto musical do animal a ser estudado e sintetizava o conteúdo a ser trabalhado. A música pôde ser vista, ouvida, cantada e comentada; tal conhecimento possibilitou o desenvolvimento do gosto musical.
- consultas em livros de pesquisa trouxeram para o grupo conhecimentos específicos sobre as características dos animais que cantavam as músicas, fazendo com que se interessassem cada vez mais pelas canções.
- as atividades que envolveram o corpo (cantar, dançar, imitar) puderam explorar o movimento e a expressão: deixar se levar pela sugestão da música, ora relaxante ou mais lenta, ora agitada ou mais compassada, introduziu conceitos de melodia e ritmo.
- a imitação dos movimentos de cada animal, além de explorar a expressividade e as emoções, demonstrou ser um instrumento primordial de aprendizado: imitando os gestos dos animais, a criança observa e experimenta, trabalhando sua capacidade de ver a si próprio e o outro. A imitação de alguns gestos permitiu o confronto: atitudes podem ser aprovadas, reprovadas ou simplesmente constatadas; a observação e a imitação, que leva o grupo a uma experiência de autoconhecimento, identificação e

estabelecimento de preferências; possibilita também uma reflexão sobre as relações interpessoais e a preservação da natureza e do meio ambiente.

- as atividades envolveram diferentes manifestações plásticas (desenhos, pinturas, modelagens, dobraduras, mímica) e musicais. Atitudes como cantar, dançar, ouvir e apreciar, tocar instrumentos de percussão e utilizar o próprio corpo como instrumento (com palmas e marchas) transformou-se na marca do projeto, provando que “cantar” com os bichos da arca vai além da simples utilização da voz.
- além do texto musical, foram usados outros materiais de suporte que auxiliaram na assimilação dos conteúdos como: a turma do Cocoricó (que contém o dedoche do personagem Júlio, com quem as crianças se identificaram de imediato) – TV Cultura; a coleção Palavras mágicas – Todo livro; diferentes versões da história da arca de Noé; um álbum de figurinhas da Arca; CD da Arca de Noé (I e II); vídeo “O mundo maravilhoso dos animais” - Coleção Walt Disney; O Reino Animal – Abril.
- foi confeccionado um jogo da memória com a imagem e o nome dos animais da arca. O jogo propôs uma relação com o cartaz, criando um vínculo direto com o mundo letrado. O trabalho com o cartaz, o jogo da memória, as figurinhas e as rodas de conversa fizeram com que as crianças focalizassem as particularidades e a identificação dos animais, ampliando assim o vocabulário da turma.
- a aquisição de novas palavras e significados abrangeu também conceitos matemáticos (como igual/diferente – maior/menor); a divisão do compasso musical também explora indiretamente conceitos aritméticos, vivenciados pelo corpo em movimento.
- conceitos especificamente musicais permearam o trabalho do início ao fim: as noções de ritmo, concomitantes ao ato de cantar – que desenvolve a fala e desvela palavras – propiciou a associação de rimas e a expressão de idéias, sentimentos e emoções.
- o envolvimento das crianças com o projeto sensibilizou as pessoas de seu convívio familiar. Os pais puderam participar de atividades com seus filhos dentro do espaço do CEI e, no decorrer, foram envolvidos nas atividades de pesquisa sobre os animais. O repertório do CD (que foi levado para casa), por conter canções escritas nos anos 70 (algumas consagradas e clássicas), contagiou grandes e pequenos.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido a partir da exploração da música (ritmo, melodia, sonoridade etc.) e da letra das músicas: a compreensão do texto foi fundamental para que pudessemos trabalhar temas importantes

como a amizade, o carinho, a cordialidade, o respeito e o amor ao próximo, aos animais e à natureza. É importante ressaltar que o trabalho aconteceu de forma cíclica, retomamos os conteúdos ao longo do projeto, procurando atender as necessidades de aprendizagem do grupo. Consideramos o momento vivido e o trabalho cíclico inerente ao processo de aprendizado que envolve crianças pequenas.

Num primeiro momento coloquei o CD e deixei que as crianças o ouvissem sem interferir, minha intenção era a de observá-los para ver quais as músicas chamariam mais a atenção e que tipo de reações provocariam nas crianças.

A música “O Pato” fez com que dançassem e repetissem alguns versos. Observei o entusiasmo com que Victor se expressou, bastaram poucos minutos de contato com a música para que ele repetisse com alegria: O pato, o pato!

A música “A Corujinha” acalmou o grupo. Sentaram-se para ouvi-la enquanto balançava-se lentamente. Outras músicas como “A Casa”, “A Foca”, “As Abelhas” também agradaram o grupo. Victor, Gabriel e Giovanna L. foram os que mais se alegraram com as músicas, demonstraram cantando e dançando. Percebi neste momento que havíamos feito uma boa escolha, o passo seguinte foi o de elaborar o planejamento partindo dessas primeiras músicas. (Houve alterações, pois ao ouvirem mais vezes o CD, demonstraram outras preferências).

Em 09/03 ocorreu nossa primeira Reunião de Pais, aproveitamos esse espaço para compartilhar as idéias do projeto. Num primeiro momento explicitamos nossa justificativa e objetivos, mas como a intenção maior era que os pais vivenciassem um pouco do que falávamos entregamos a eles a letra da música “Aquarela” de Vinicius e Toquinho e colocamos a música para que a apreciassem. Ao final conversamos mais um pouco. Os pais puderam falar sobre o que sentiram e quais foram suas impressões (falaram pouco). Em seguida pedimos que fizessem um desenho partindo da música ouvida. Os desenhos foram muito significativos. A participação em número foi muito boa, de onze compareceram nove, mas senti o grupo muito quieto, retraído até. Para mim o desafio já havia sido lançado, como tornar nossa reunião de pais mais dinâmica e prazerosa?

No dia seguinte expus os desenhos dos pais em nossa sala, para que os pequenos pudessem apreciá-los. A reação das crianças foi vibrante, consegui o “primeiro desenho” da turma e uma idéia para a próxima reunião.

Diretamente foram trabalhados os conteúdos de cinco músicas: A foca, O pingüim, A corujinha, O pato e O leão. Seguindo esta seqüência:

- 1- Escuta da música
- 2- Confecção do cartaz
- 3- Exploração da letra (roda de conversa)
- 4- Pesquisa
- 5- Parte prática (brincadeira, atividade plástica)
- 6- Conversa (retomada de conteúdos necessários)

A seguir podemos acompanhar como foram desenvolvidas as atividades referentes à música “A foca”:

- Iniciei a atividade estimulando a curiosidade do grupo perguntando quem queria aprender uma música muito legal. Assim que coloquei a música começaram a dançar e bater palmas, algumas crianças lembraram de alguns trechos, então sugeri

cantarmos sem o CD. A primeira parte da música foi assimilada pela maioria do grupo. O cartaz também foi exposto nesse dia, não deram muita atenção para ele num primeiro momento, por isso adiantei a atividade de pesquisa.

- Apreciação de livros de pesquisa sobre animais marinhos: quando mostrei a foca não conseguiram identificá-la, confundindo-a com o tubarão, mas após vermos diversas figuras conseguiram distingui-la. Giovanna Barros ao manusear livremente revistas da sala encontrou a figura de uma foca compartilhando sua descoberta com o grupo.
- Roda de conversa a partir de gravuras de crianças em atividade (brincando, conversando, chorando etc.) Chamei-os a observar as ações de modo a perceberem as diferentes expressões (feliz, triste, bravo). Partindo daí quis saber dos pequenos o que os deixavam felizes ou ao contrário, das coisas que gostavam ou não. Relacionaram as brincadeiras à alegria.
- Brincadeira com bola e as partes do corpo: quer ver a foca ficar feliz é por a bola no seu nariz, no seu braço etc. Alegria e prazer em realizar os movimentos solicitados. Apesar da pouca idade as crianças conseguiram identificar as várias partes do corpo e o desafio ficou por conta de executar os movimentos equilibrando-se.
- Giovanna Lima correu apontar para o cartaz da música e dirigiu o grupo na cantoria. Em diferentes momentos as crianças o consultavam, para acompanhar a letra da música, para mostrar algo aos amigos ou apenas para observar.
- Modelagem com massa plástica: proporcionando momentos de livre exploração e momentos dirigidos (imitação), pouco a pouco começaram a surgir cobrinhas, bolinhas etc. e, para a minha surpresa Matheus apresenta ao grupo sua criação: uma foca.

Trabalhamos os textos musicais, obedecendo a uma seqüência: a música de cada animal era ouvida e o cartaz era apresentado. Incentivamos as crianças a observarem as características de cada animal. O estímulo à observação levou as crianças a exporem suas emoções e sensações. Propomos atividades de pesquisa, rodas de conversa, oficinas e brincadeiras previstas em planejamento. O material disponível em sala de aula e a pesquisa sobre os animais foram apresentadas mediante a proposta sugerida pelo texto musical. Todas as atividades foram importantes para a avaliação do que foi assimilado.

Partindo do pressuposto de que é preciso despertar nas crianças a percepção do mundo à sua volta através de uma atitude atenta e cuidadosa, observamos e registramos as seguintes situações:

- as crianças puderam observar as partes do próprio corpo a partir da observação do corpo do outro (o corpo dos animais e o do colega);
- pudemos considerar valores como a amizade e o companheirismo, assim como a afetividade e o comportamento relacional;
- a atividade possibilitou a expressão de sentimentos e emoções;
- trabalhamos a valorização da autoestima através do reconhecimento da identidade;

- criamos condições que possibilitaram o desenvolvimento da autonomia das crianças, permitindo assim escolhas e preferências (de animais, cores, jogos, músicas) e análise comparativa (feio/bonito, forte/fraco, etc.), enfatizando que não existe melhor ou pior, mas diferentes.

Os registros das atividades demonstram o amadurecimento da turma no que se refere aos objetivos propostos: o envolvimento e a participação, a capacidade de expressão, a atenção e a leitura do material (plástico e musical) evoluíram e, de maneira particular, as rodas de conversas comprovaram tal evolução. A documentação (arquivo cronológico dos trabalhos, gravações, fotos) revela a importância do planejamento e o papel da música como instrumento de educação.

AVALIAÇÃO

O trabalho foi amplamente documentado (com fotos, arquivo de produção, gravações e registro de falas dos alunos e observações relativas à constatação dos objetivos alcançados). Ao perseguirmos o planejamento, acompanhamos a evolução das crianças e pudemos notar que:

- houve a incorporação, internalização das situações vivenciadas. “As crianças passaram a usar devidamente palavras como, “licença”, “obrigada”, “me desculpe”, por exemplo, tornando-se verdadeiramente mais cordiais e afetuosas com os amiguinhos.
- as rodas de conversa que inicialmente giravam basicamente no âmbito de perguntas (minhas) e respostas sem uma maior interação entre as crianças e raramente algum comentário sem intervenção direta, passaram a ser mais produtivas e participativas a partir do momento em que passei a retomar os conteúdos e oferecer mais subsídios às crianças. Posso atribuir a conquista a alguns itens: o objeto disparador (estímulo visual), a familiaridade com o assunto e por último as minhas intervenções. Nossa última experiência ficou assim: A conversa hoje foi muito produtiva com a participação de todas as crianças. Levei à roda o livro contendo ilustrações reais sobre os leões, porém antes fiz uma retomada perguntando sobre o vídeo visto anteriormente, do que se lembravam, do que mais gostaram etc.

— Vimos o leão, a leoa, os filhotes. Foi a resposta inicial.

Então sugeri: — Vamos ver se o que tem no livro foi o que vimos no filme?

Observamos as gravuras e o tempo todo as crianças conseguiram estabelecer relação com o vídeo e também com o comportamento e características humanas.

Giovanna Lima observou que o leão tem juba e a leoa não tem – outras crianças também verbalizaram essa observação.

Giovanna Barros observou que o banho do leãozinho “é de língua”.

André disse que o filhote mama no peito o leitinho da mamãe.

Fizeram ainda relação com a maneira que tomamos banho: Patrick imitou como fazemos identificando as partes do corpo e mencionou o uso do chuveiro e do sabonete. Todos o imitaram.

- houve a ampliação do repertório e desenvolvimento da oralidade: por exemplo, a palavra sardinha passou a ser reconhecida como sinônimo de peixe, ou seja, sardinha é um peixe.
- notamos uma evolução no prazer por ouvir e apreciar a música, reconhecendo diferentes ritmos e melodias. Houve, portanto, um exercício que conduz à atenção e à observação, que serão responsáveis pelo aprendizado futuro.
- as crianças passaram a relacionar as músicas com as situações cotidianas, desenvolvendo assim o senso crítico. (ex: ao trabalharmos a música da foca pudemos conversar sobre as coisas que gostamos e nos alegram, bem como as coisas que não gostamos).
- houve a ampliação do conhecimento de mundo através da aquisição de novos saberes: ouvir atentamente ajuda a observar atentamente, a pesquisar atentamente, a desenhar atentamente. A princípio tinham um conhecimento: identificavam animais de penas e bico como passarinhos, ao final do projeto conseguiam diferenciar o que era pato, galinha, galo, coruja e pingüim. A música foi o elemento desencadeante da observação que conduziu os pequeninos a identificar os animais pelo nome, atribuindo-lhes as características biológicas específicas como “botar ovo ou ter filhotes”.
- as crianças aprenderam a participar de atividades em grupo (coletivas), uma vez que foram atraídas e envolvidas no projeto (o comportamento participativo e relacional pôde ser constatado no jogo da memória). O interesse foi extensivo às famílias que passaram a cantarolar as músicas com seus filhos. Um pai (do Matheus) ofereceu-se para vir até o CEI para tocar violão e cantar com as crianças.

Pudemos constatar também uma participação mais ativa em nossas reuniões de pais, com perguntas relacionadas ao desenvolvimento das crianças como um todo, e por falas que confirmavam o progresso de cada criança, como por exemplo: “meu filho está mais falante, ele canta essa música em casa” etc. Concluimos que a música é um excelente objeto de reflexão; aproxima pessoas, alegra, descontra e prepara o ambiente e, certamente possibilita o desenvolvimento da expressividade e a aquisição de novos saberes.

A confecção dos cartazes foi super importante, pois em diferentes momentos as crianças o consultavam, para acompanhar a letra da música, para mostrar algo aos amiguinhos ou apenas para observar.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

“Tocar e Trocar: A inclusão do Amor como Currículo Essencial”

Unidade Educacional:

CEU CEI Vila Curuçá

Responsável:

Rosmari Pereira de Oliveira

INTRODUÇÃO

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Paulo Freire

Em minha trajetória profissional como pedagoga e diretora de Centros de Educação Infantil – antigas creches -, desde o início da década de 90, descobri através das minhas observações, reflexões, pesquisas e, especialmente, através das **minhas mãos**, a importância do toque para o desenvolvimento infantil e para as relações humanas de uma maneira geral. Conforme relato em uma pesquisa de minha autoria (Oliveira, 2000), esse meu interesse pelo tema surgiu quando, ao ingressar no Serviço Público Municipal, atuei como pedagoga em uma creche. Nesta época passei a pesquisar mais profundamente as questões sobre o desenvolvimento infantil, buscando criar novas linguagens cabíveis àquele contexto. Percebia que, no ambiente da creche, o trabalho pedagógico, além de outras implicações didáticas, precisava estar integrado às tarefas da maternagem, nas quais o contato corporal é um aspecto fundamental. Entretanto, dar o colo ou outras formas de interação afetiva, eram consideradas posturas inadequadas pelas educadoras, pois isso, na sua visão, poderia deixar as crianças “mal acostumadas”. Investigando essa temática com o objetivo de refletir sobre essas questões junto à equipe, entrei em contato com o livro “Shantala – Massagem para bebês – Uma arte tradicional”, elaborado pelo médico francês Frédérick Leboyer (1989), o mesmo autor do método e do livro “Parto sem dor”. E dessa forma, iniciei a implantação dessa técnica nos berçários daquela creche.

O convívio com os bebês trouxe-me várias indagações sobre como suprir as suas reais necessidades, tendo em vista as limitações daquela realidade institucional, bem como as especificidades de suas histórias de vida. Aquelas crianças, talvez devido à sua situação de pobreza, à desestrutura de suas famílias, ou, ainda, por permanecerem durante um

período tão extenso separadas de suas mães – doze horas por dia –, experimentavam uma condição básica de extrema carência. Muitas apresentavam dificuldades para aprender a falar, a andar, a controlar seus esfíncteres; outras eram muito inseguras tendo medo de brincar, de tomar banho, de conviver com outras crianças; outros não sorriam; e outras ainda sofriam com o desmame. Ao começar a massagear os bebês que freqüentavam aquele berçário, além de proporcionar-lhes conforto, segurança e prazer, aprendíamos a dialogar com seus corpos. E nenhum deles permanecia indiferente àquele ato. As crianças se transformavam, e, mais do que elas, os adultos mudavam a sua postura, aprendendo a olhá-las, ouvi-las, compreendê-las, conhecê-las e aceitá-las.

Dessa forma ao iniciar minhas atividades no CEU CEI Vila Curuçá, em janeiro de 2004, já trazia comigo esse desejo de dar continuidade à essa prática. Para minha alegria, **outras mãos** se juntaram nessa busca...Em parceria com a Coordenadora Pedagógica Luiza Ana da Silva Reberte, em paralelo aos demais projetos desenvolvidos na Unidade, percebíamos a necessidade de sistematizar uma prática que promovesse esse olhar para a importância do toque, do afeto, das manifestações de carinho, enfim, de garantir em nosso Projeto Pedagógico um lugar de destaque para esse aspecto tão fundamental na constituição dos indivíduos. Já em 2004 realizamos, ainda que timidamente, uma oficina envolvendo pais, professoras e funcionários sobre a técnica de massagem Shantala, porém as exigências do papel que ocupava como diretora, e ainda a limitação de momentos destinados ao planejamento das ações no âmbito do CEI, eram fatores que dificultavam o trabalho e naquela ocasião não pudemos dar continuidade à essa prática. Todavia, apesar das dificuldades continuei nutrindo a esperança de conseguir reunir **“mais mãos”** para transformar esse sonho em realidade.

PRIMEIRA FASE: O CASO DE SÂMIA (2007)

Foi em 2007 que Sâmia - na época com quatro anos de idade - nos mostrou que o caminho se faz caminhando. Ela estava conosco desde o início do ano letivo. Começou a freqüentar o CEI por solicitação da APAE, pois nascera com a Síndrome de Edwards, apresentando deficiências múltiplas (motora e cognitiva) e precisava inserir-se num grupo de crianças para dar início ao seu processo de socialização. O empenho das professoras Fernanda e Silvana Secatto, a busca de alternativas de Luiza – coordenadora pedagógica -, o acolhimento da equipe e das crianças, e, principalmente, a presença comprometida de sua mãe Cleonice, foram aos poucos ampliando as possibilidades de interação com Sâmia. Apesar das suas limitações físicas por ser cadeirante, ter pouca coordenação em seus movimentos, e não ter ainda desenvolvido a sua fala, ela estava a cada dia encontrando formas de se comunicar, demonstrando as suas vontades, os seus medos, as suas preferências etc. Todos nós aprendíamos muito com essa convivência.

Ao final do ano começamos a nos preparar para a o seu encaminhamento para a EMEI. Há muito eu ansiava iniciar com Sâmia alguma forma de intervenção a partir da técnica de massagem Shantala. Eu acreditava que este poderia ser mais um instrumento que iria favorecer o seu desenvolvimento. Na eminência de sua partida, e, abrindo espaço em meio à minha rotina administrativa e em meio à agitada linha do tempo do CEI, propus à

Luiza, às professoras Silvana e Fernanda e à mãe de Sâmia que realizássemos alguns encontros para que eu pudesse transmitir algumas informações e orientações sobre a técnica. Sabia que não haveria tempo hábil para aprofundarmos os estudos, mas ao menos apresentaria este valioso recurso tanto à família quanto às professoras, cabendo a elas continuarem as suas pesquisas. E novamente, **outras mãos** se juntaram à nossa busca.

Nosso primeiro encontro foi realizado na brinquedoteca do CEI, já no **mês de outubro de 2007**. Sâmia também estava presente, mas nesse momento, apenas como observadora. A mãe de Sâmia estava grávida e muito motivada em aprender a técnica. Fizemos a leitura de alguns trechos do livro de Leboyer e treinamos os movimentos em bonecas. Dias depois conseguimos nos reunir novamente. Cleonice que havia ficado com uma apostila, disse que estudou cada detalhe da técnica, mas que não tinha tido coragem de aplicar a massagem sozinha em casa, pois Sâmia sempre rejeitava o seu toque e isso sempre lhe causou muita frustração como mãe. Foi então que num momento que significou para nós uma grande lição de amor e persistência, Cleonice, com o apoio das professoras, e apesar da sua visível dificuldade em mover-se devido ao tamanho da sua barriga – pois já estava nos últimos meses de sua gestação – foi realizando passo-a-passo as manobras da massagem, e Sâmia, foi aos poucos aceitando e participando daquele tão esperado diálogo. Nesse instante pudemos experimentar as mesmas sensações que Leboyer (1989) demonstrou ao relatar como foi o seu primeiro contato com essa massagem na Índia: *“Fiquei mudo. Sorvia, em silêncio, o que presenciava. Parecia um ritual, tão grave e investido de extraordinária dignidade era o ato. Parecia um balé, devido a tanta harmonia e ritmo exato, embora de extrema lentidão. E, como o amor, possuía seu tanto de abandono e ternura”*. Não foi possível realizar todas as manobras da massagem naquele dia, mas certamente um novo momento estava sendo inaugurado na vida de Sâmia e em nossa escola.

Para a felicidade de todos, a equipe de profissionais que acompanhava Sâmia avaliou que seria mais significativo para o seu desenvolvimento, que ela continuasse no CEI por mais um ano. Assim no início de 2008, lá estavam elas, Sâmia e Cleonice (que já havia dado à luz) prontas para uma nova jornada. Dessa vez foi a professora Fátima Viana que juntou **suas mãos** às nossas com muita disponibilidade para oferecer novos desafios à Sâmia. Então, numa tarde de março de 2008, eu e Luiza fomos convidadas pela Prof^a Fátima para uma atividade de massagem com Sâmia e sua mãe. Para nossa surpresa, Cleonice aplicou habilmente todas as manobras e Sâmia demonstrou muito prazer com esse contato. A mãe contou que ela estava mudada e que até começara a fazer carinho nela e nos demais familiares.

E foi assim que Sâmia nos **tocou** e nos impulsionou a definitivamente priorizar a discussão dessa temática em nosso Projeto Político-Pedagógico, já que uma das nossas metas principais é criar no CEI um ambiente harmonioso, acolhedor e que possibilite à criança a construção de saberes. Na mesma ocasião, A Secretaria Municipal de Educação lançou suas diretrizes para a realização de Projetos Especiais de Ação nos Centros de Educação Infantil, então não tivemos dúvidas...Era hora de juntar **muitas outras mãos** e partir para a ação.

SEGUNDA FASE: O PROJETO ESPECIAL DE AÇÃO - PEA “TOCAR E TROCAR: A IMPORTÂNCIA DO TOQUE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL” (2008)

JUSTIFICATIVA

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), as creches passaram a ser consideradas como integrantes da Educação Básica de nosso país. Na rede pública municipal de São Paulo, as creches, atuais Centros de Educação Infantil, foram integradas à Secretaria da Educação em 2001. Nesse sentido, ainda estamos vivendo um momento de transição, no qual temos a desafiadora tarefa de construir uma nova prática no campo da educação infantil, rompendo com o cunho meramente assistencialista, buscando proporcionar condições para o pleno desenvolvimento do aluno, seja nos aspectos físicos, afetivos, cognitivos ou sociais, considerando as especificidades e exigências do trabalho educativo com crianças pequenas.

O CEU CEI Vila Curuçá está inserido no complexo do Centro Educacional Unificado – CEU Vila Curuçá, localizado no Itaim Paulista, um bairro de periferia da zona leste de São Paulo, pertencendo à Diretoria Regional de Educação São Miguel – DRE-MP. No presente ano letivo, estão sendo atendidas 301 crianças na faixa etária de 0 a 4 anos, sendo 70 no Berçário I (0 a 1 ano); 81 no Berçário II (1 a 2 anos); 72 no Mini-Grupo (2 a 3 anos) e 78 no 1º Estágio (3 a 4 anos).

Dessa forma, ao pensar na rotina tão agitada de um Centro de Educação Infantil, os conflitos que envolvem o processo de separação da mãe e do bebê; a história de vida da criança; suas necessidades de cuidados de higiene, alimentação e proteção; suas carências e seus medos; perguntamo-nos: qual a importância do ato de tocar frente ao desenvolvimento infantil?

Com base nas práticas e pesquisas já citadas desenvolvidas pela direção da Unidade na rede municipal de creches com o uso da técnica de massagem Shantala para bebês; considerando ainda a contribuição de diversos autores, como Piaget, Wallon, Gardner, Montagu, Leboyer, entre outros; como também avaliando a significativa experiência vivenciada com a criança Sâmia (portadora de necessidades especiais) com o uso dessa técnica, constatamos que a experiência sensorial tátil é decisiva na formação da criança, tanto no que se refere aos aspectos afetivos como no processo de construção do conhecimento. Evidenciou-se, então, a urgente necessidade de darmos continuidade a essa prática, propiciando essa “linguagem tátil” entre adulto e criança no âmbito do CEI.

Nesse sentido, Shantala, a tradicional arte indiana de massagem infantil divulgada no Ocidente por Frédérick Leboyer, entre outras práticas que envolvem o toque, oferece uma possibilidade concreta de resgatarmos o contato tátil entre criança e adulto, contribuindo para a integração imprescindível entre o ato de cuidar e o de educar.

Dado o caráter delicado e singular dessa temática, o presente Projeto além da reflexão teórica e metodológica, busca estabelecer um campo vivencial, no qual o professor pode, através de suas próprias construções subjetivas, experimentar o significado e a relevância do ato de tocar.

Acreditamos também que, ao deflagrar esse processo que evidencia a importância do toque no contexto escolar, estamos fomentando a construção de relações mais humanizadas e, num âmbito planetário, incentivando - desde a primeira infância - a construção de uma cultura de paz.

OBJETIVOS

- Levar a comunidade escolar a reconhecer o toque como condição essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança; como forma de humanização das relações e como meio de incentivo à uma cultura de paz.
- Exercício e apropriação da técnica de massagem Shantala pelos professores do CEI.
- Sistematização e implantação de atividades que envolvam o uso do toque e da massagem Shantala no planejamento das ações didáticas no CEI.

METAS

1º semestre/2008:

- Fundamentação teórica-vivencial sobre a temática “toque e desenvolvimento infantil”.
- Diagnóstico dos grupos de crianças com relação à temática “toque”, planejamento das intervenções e implementação da Massagem Shantala junto às turmas.

2º semestre/2008:

- Organização de oficina envolvendo mães de alunos, coordenadas por professoras integrantes do PEA.
- Produção de vídeo contendo a técnica de massagem Shantala a partir das práticas desenvolvidas no PEA, como instrumento de registro e de subsídio para a continuidade do projeto.

METODOLOGIA

A metodologia do presente projeto tem como base o seguinte “tripé metodológico”:

- O QUE ME TOCA: encontros vivenciais com o uso de técnicas e dinâmicas de sensibilização.
- DANDO ALGUNS TOQUES: leitura compartilhada, reflexão teórica e produção de textos.
- TOCANDO EM FRENTE: planejamento e avaliação de ações didáticas.

EMBASAMENTO TEÓRICO

- A experiência humana do toque segundo Ashley Montagu;
- Shantala: técnica indiana de massagem para bebês segundo Leboyer
- A teoria da emoção e o “diálogo tônico” segundo Henri Wallon.
- O “período sensório-motor” segundo Jean Piaget.
- O conceito de “inteligência corporal cinestésica” de Howard Gardner.

AVALIAÇÃO

- Registro contínuo e reflexivo durante todas as etapas do Projeto.

ABRANGÊNCIA

- 301 crianças na faixa etária de 0 a 4 anos de idade e suas respectivas famílias
- 24 professoras de educação infantil.

PERIODICIDADE

03 encontros semanais com 01 hora de duração.

ANDAMENTO DO PROJETO

Estamos no mês de julho... Aquilo que começou com um sonho *em minhas mãos*, hoje já conseguiu reunir *muitas outras mãos*: o Grupo I, por mim coordenado, com a participação das professoras, Cláudia, Deise, Elaine Rodrigues, M^a de Fátima Viana, M^a Teresa, Silmara, Vanda; e O Grupo II, coordenado pela Luiza, cujas integrantes são as professoras Ana Lúcia Gambôa, Clara, Elaine Valéria, Elenilza, Eliane, Eliete, Elisabete, Keley, Ivone, Jeanete Marisa, M^a Aparecida Miranda, M^a da Conceição, M^a Edna, Rosália, Selma, Valdeci e Vera Cristina. E ainda *muitas outras mãos* que nos *bastidores* do CEU CEI Vila Curuçá colaboram para a realização do Projeto. Aquilo que aparentemente era uma necessidade especial de apenas uma criança, hoje é reconhecido como uma necessidade básica para todas as crianças, e em última análise para todos nós como pessoas humanas.

Nesse primeiro semestre uma revolução silenciosa tomou conta de nossa escola. Os dois grupos se mostraram motivados, comprometidos e “tocados” com a proposta – como definiu a Prof^a Ana Lúcia: “Esse trabalho está massageando a minha alma!”. Foram cinquenta e um encontros, durante os quais foram realizadas várias vivências envolvendo a questão do toque, a partir das quais as professoras puderam refletir sobre aspectos subjetivos e principalmente sobre a sua própria relação com o toque e com o afeto de uma maneira geral. Nos conhecemos através das mãos; fizemos círculos de toque, experimentamos a leveza usando bexigas para massagear o corpo da colega; brincamos de telefone sem fio tátil, descobrindo como a percepção sensorial tátil está diretamente

ligada às nossas emoções; aprendemos a dar as mãos; a nos tocar; abraçar; manifestar sentimentos e nos acolhermos reciprocamente.

Paralelamente, estudamos a obra completa de Leboyer (1989), verificando, entre outras coisas, como o toque é essencial para a adaptação do bebê ao mundo após o seu nascimento. Fizemos muitas descobertas estudando as idéias de Ashley Montagu (1988), que propõe uma análise antropológica sobre o significado da pele e do tato, delimitando o toque como necessidade básica do ser humano, propondo o conceito de “*mente da pele*”. Da mesma forma que os mamíferos lambem seus filhotes, também nós humanos necessitamos de estimulação tátil para sobreviver, sendo que as experiências táteis ficam gravadas na pele como uma espécie de memória sensorial. Montagu propõe uma reflexão sobre a questão do amor e sobre a importância do afeto na construção de relações saudáveis, nas palavras do autor: “*Amar se aprende amando*”. Essa reflexão, em última análise nos remeteu à relevância dessa temática na fomentação de uma cultura de paz. Sem perder de vista o nosso papel frente ao processo de aprendizagem das crianças, e, partindo da análise da monografia de minha autoria (Oliveira, 2000), visitamos as idéias de Wallon, refletindo sobre a estreita relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo. Experimentamos na pele o conceito de diálogo tônico, e também como as emoções sempre se expressam em manifestações no tônus muscular, além de serem altamente contagiosas. Por fim nos preparamos para o grande encontro com a criança, treinando a massagem Shantala em bonecas, num clima lúdico que nos remeteu à nossa infância e ainda, trocando a massagem entre as colegas.

Aos poucos, aquilo que vivenciávamos em nossos encontros, foi trazendo inspiração e subsídios às professoras, que começaram a propor intervenções junto a seus alunos. Surgiram rodas de carinho, atividades com o toque sutil das bexigas, projetos com “toques de amor”, e finalmente o tão esperado momento: aplicar a massagem Shantala. Foram muitos os questionamentos: Como conseguir no ambiente do CEI a concentração e a harmonia necessárias para a aplicação da massagem? Como apresentar a massagem às crianças maiores; Como agir quando a criança não aceita o toque? Como integrar a massagem aos demais projetos desenvolvidos na Unidade?...E tantas outras dúvidas.

Por trilharmos intencionalmente um caminho *diferente*, nem sempre tivemos a compreensão por parte de todos. Afinal, qual o sentido daquele grupo de mulheres sair caminhando com suas bonecas para cima e para baixo? Como propor uma ação aparentemente tão individualizada num ambiente educacional coletivo? Não seria algo quase *subversivo* aflormos a nossa sensibilidade e nos propormos a relaxar em meio a uma avalanche de situações que naturalmente deveriam provocar estresse em nosso cotidiano? Porém, ao exemplo do que vivenciamos com Sâmia, compreendemos que é caminhando que se faz o caminho! Num dos encontros disse às professoras: “Vocês já estão preparadas! E apesar de sua insegurança inicial, todas aceitaram o desafio de avançar nessa caminhada. E assim, durante o mês de julho, o toque, e, mais especificamente, Shantala tomou os espaços... salas... ambientes... berçários... brinquedotecas... e as crianças e os adultos mergulharam de corpo e alma nesse processo.

Estamos apenas no meio dessa trajetória, e temos ainda muitos desafios a serem conquistados: incluir a técnica de massagem Shantala de forma sistematizada nas matrizes curriculares das turmas de alunos; envolver os pais e a comunidade escolar nessa reflexão e registrar através de um vídeo todo esse processo. A Profª Fátima comparou esse nosso trabalho de formação durante o primeiro semestre como “a preparação terra” e a semeadura de novas idéias e práticas. Porém já estamos começando a colher os primeiros frutos desse trabalho... Certo dia ao término da aplicação da massagem Shantala, a criança Letícia (3 anos) olhou nos olhos da Profª Elenilza e disse “*Eu te amo*”. Esse e muitos outros exemplos nos fazem acreditar que estamos cumprindo nosso papel como educadoras, pois, deliberadamente acreditamos que o amor é o currículo essencial a ser incluído e cultivado em nossas escolas. Não a limitada concepção de que basta amar as crianças pequenas para realizar com elas um bom trabalho educacional, mas sim a crença em um amor fraternal, planetário e ético, que pode mudar vidas e transformar o mundo.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DELMANTO, Suzana. *Toques sutis; uma experiência de vida com o trabalho de Pethö Sándor*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1997.
- GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon; uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente; a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- LEBOYER, Frédérick. *Shantala; uma arte tradicional; massagem para bebês*. 2ª ed. São Paulo: Ground, 1989.
- MONTAGU, Ashley. *Tocar; o significado humano da pele*. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1988.
- OLIVEIRA, Rosmari P. *Conversas com um corpo aprendente; o diálogo com o corpo através do toque numa perspectiva psicopedagógica*. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicopedagogia. Orientadora: Profª Drª Eloísa Quadros Fagali. São Paulo: PUC/SP-COGAE, 2000.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. *Orientações Curriculares para a Educação Infantil*. PMSP, 2008.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Idoso - Legitimando a Melhor Idade”

Unidade Educacional:
EMEI São Lucas

Responsável:
Andréa Carla Aydar de Melo Generoso

RESUMO

O projeto visa o despertar da consciência para a importância e valor do idoso nas nossas vidas, no nosso país, com vistas à sua legitimação e garantia de um espaço mais digno na sociedade.

De plano, insta salientar que o relato abaixo se refere ao projeto desenvolvido durante o ano letivo de 2007, porém, ante a significância dos resultados alcançados, incorporamo-lo à prática docente deste 2008, sem prejuízo de sua adequação às necessidades que demanda a comunidade atual.

JUSTIFICATIVA

Numa sociedade que tem se preenchido e se esgotado na estética, na beleza desenfreada, no poder de consumo, na aparência, no status e na posse, deve haver um grande vazio a ser preenchido pelo amor, pelo respeito, pela fraternidade, por Deus.

Preocupo-me, então, em imaginar como nossas crianças crescerão. Firmadas em que valores, em que exemplos? Basta imaginarmos que todos queremos envelhecer sem ficar velhos, sem registros das marcas do tempo, sem se dar conta da grandeza deixada por cada ser.

Vovós sessentonas com rostinhos e corpinhos de quarentonas!

Nada contra a beleza, mas a favor da figura do velho, do valor do idoso. Tão linda imagem que nos conduz ao tempo vivido, ao empenho dedicado, aos anos trabalhados, aos filhos criados e formados, a uma vida vivida com alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, conquistas e frustrações.

Uma vida que não pode ser camuflada, que não pode ser inobservada, invisibilizada.

Devemos muito aos idosos, sobretudo respeito, admiração, dignidade, atenção, carinho.

É um empenho cidadão reconhecê-los e legitimá-los em seu valor, seu poder, sua grandeza. E que tenhamos a humildade de nos abirmos para aprender com eles, para nos doarmos a eles.

Assim pensando, surgiu a idéia de trabalhar o tema não apenas com o discente de forma lúdica e investigativa, mas também com a comunidade envolvida como forma de sensibilizar o lado humano tão calado em muitos de nós e também de garantir princípios constitucionais fundamentais como a dignidade da pessoa humana e a cidadania.

OBJETIVOS

- despertar o interesse pela questão, a partir da sensibilização afetiva no seio familiar por meio de pesquisas com os idosos vovôs, textos reflexivos, atividades entre as gerações (pais, avós e alunos), rodas de conversa com o retorno das experiências vividas em casa, “bate-papo” com os pais sobre a importância dessa experiência para eles;
- despertar a consciência para a importância e valor do idoso em nossas vidas, reconhecendo o quanto já contribuíram com o nosso país, o quanto fizeram por seus familiares, exemplificando suas conquistas, seu trabalho, legitimando-o nas pequenas ações do dia a dia;
- garantir um espaço de convivência mais digno dentro de casa a partir de um trabalho de conscientização da imprescindibilidade dos valores éticos e morais na formação cidadã, maneira única de legitimar, de fato, a importância do idoso e do ser humano perante a sociedade, envolvendo a criança nas questões cidadãs a partir dos vários temas trabalhados na elaboração de um livro conceitual e de representação do significado que a criança atribuiu ao respeito, afeto, dedicação, atenção, amor, diálogo, saúde, alegria, gratidão, paz, trabalho em equipe, brincar, trabalhar e outros, permeando a incorporação destes valores na rotina diária das crianças, tornando habitual e intrínseca a fraternidade;
- envolver os pais e familiares, como meio de garantir maior aproximação com os filhos e também com a escola, tornando o trabalho mais significativo e real, concreto e possível, especialmente para as crianças, sensibilizando a comunidade com textos, pesquisas, entrevistas e solicitação de tarefas, de tal modo que incorporem o compromisso do trabalho em parceria, executando-o com carinho, prazer e dedicação;
- inserir a questão da saúde do idoso a partir do levantamento de dúvidas trazidas pelos pais e idosos a respeito de doenças, sintomas, tratamentos, métodos preventivos para
- uma vida saudável e outras demandas, com a colaboração de um geriatra para saná-las e orientá-los;

- legitimizar o idoso em nossa sociedade, garantindo-lhe seus direitos “já” conquistados legalmente e um tratamento mais digno, possibilitando a formação de cidadãos nobres, com alicerces fincados no humanismo social que os tornem um exemplo de ser nas ações corriqueiras de reconhecimento deste ente, a partir de um simples cumprimento, uma palavra de afago, um sorriso, um socorro, uma doação, o estender das mãos;
- promover um encontro das gerações num evento final, para esclarecimento do trabalho aos idosos colaboradores e agradecimento a todos os participantes, oportunizando um momento de troca, confraternização e alegria;
- contatar a Comissão do Idoso da OAB e a geriatra que nos auxiliou nos trabalhos a fim de conseguir palestras sobre os respectivos temas na unidade escolar;
- confeccionar uma caixa de segredos do coração contendo valores imprescindíveis a serem divulgados no seio familiar.
- convidar um idoso, pelo menos, para vir contar sua história de vida para as crianças na escola;
- confeccionar uma cartilha com os direitos dos idosos juntamente com as crianças;
- contatar novas opções de vivência da criança com idosos, seja visitando casas especializadas com conhecimento prévio do espaço pelo professor, seja trazendo idosos músicos para tocar e cantar às crianças.

CONTEÚDOS E METODOLOGIA

O projeto foi implantado no início do ano letivo de 2007. A idéia foi passada em reunião aos pais e houve grande aceitação diante da discussão e argumentações que o tema propiciou.

Partindo para a ação, o projeto passou a ocupar no mínimo dois dias da semana com atividades dirigidas, rodas de conversa, coleta de dados trazidos pelas crianças, além de contar com a participação dos pais juntamente com seus filhos no desenvolvimento das propostas enviadas sistematicamente para casa com pesquisas, questionamentos, informações, reflexões, sensibilizações e atividades diversas que iam compondo e enriquecendo uma pasta volante individual do aluno com sua família.

As aulas eram planejadas e replanejadas em consonância com os temas e questões abordadas pelos familiares, garantindo um trabalho de motivação e interesse, além de garantir que tivéssemos uma “mesma linguagem” com as crianças. A cada retorno das pastas, as mesmas eram lidas, analisadas e retornavam com novo encaminhamento.

Foi um processo contínuo de efetiva participação dos pais, familiares, comunidade e amigos, quando necessário.

Desde a pesquisa do significado da palavra idoso, passando por “bate-papos” entre os familiares, questões sobre expectativas e ações concretas para a chegada da avançada

idade, modo de vida de cada família, provocação de maior aproximação com os avós, entrevistas com os mesmos e tudo o que já exposto, os resultados alcançados foram muito significativos em sua grandeza de dignidade humana e cidadania.

Paralelamente ao trabalho do idoso, realizava-se um projeto de valores, abordando princípios e condutas cidadãs que as crianças sugeriam como importantes para um mundo melhor. Estas abordagens eram trabalhadas a partir dos conceitos que possuíam sobre cada valor, enriquecidos com o que de fato significam e representam para nossas relações e, a partir de então, preenchíamos cada página do nosso livro.

Para colocar em prática os conceitos trabalhados em valores, surgiu uma idéia de divulgação dos mesmos entre familiares e amigos e, para tanto, cada criança confeccionou sua caixinha de segredos do coração, com o objetivo de levar, periodicamente para casa, um segredo (um valor) por vez, em forma de ficha, cujo significado e importância deveriam ser espalhados entre os seus. Realizada a atividade, deveriam contar como foi a experiência à classe numa roda de conversa.

De um modo geral contou com materiais e recursos de diversas fontes, como revistas, pesquisa de eventos para o idoso e envio de bilhetes divulgando-os, jornais da 3ª idade, pesquisas e questionários junto às famílias, envolvimento dos membros da Unidade Educacional, textos, poesias, fantoches, dramatizações, músicas, fotos, filmes, cartilhas e manuais da terceira idade, legislação vigente e orientações de especialista da área da saúde para esclarecimento de dúvidas levantadas no decorrer do trabalho, visitas, confecção de painéis, utilização de materiais como a família colchete, relatos, encontro das três gerações em um café da manhã organizado para recepcionar os idosos

participantes dos trabalhos, esclarecendo-os sobre o porquê de se trabalhar tal questão desde a primeira infância.

O trabalho foi traçado de modo a permitir adequações às demandas que, gratificadamente, passaram a ser constantes, enriquecendo e motivando sua continuidade. As questões trabalhadas com a comunidade constam da pasta volante que poderá ser encaminhada se necessário.

AVALIAÇÃO

Contínua, coletiva nos diálogos com os pais, e sistemática, uma vez que as atividades tinham prazo para devolução e análise docente.

O envolvimento ativo e pontual da comunidade se mostrou cada vez mais gratificante, uma vez que a família sensibilizada e motivada, cumpria sua atuação junto ao aluno que notadamente se apresentava mais calmo, concentrado, respeitoso, amigo, fraterno, amoroso, seguro. Também refletiu no respeito aos direitos garantidos aos idosos por lei, de acordo com inúmeros relatos que nos chegavam sobre mudanças de conduta.

Percebi que a classe como um todo incorporou valores cidadãos indispensáveis ao bom andamento de nossa sociedade, de nosso progresso. Isso fez a diferença no grupo.

A cada etapa ocorria uma checagem sobre o que poderia ser incluído na seguinte. Seu término estava previsto para o final do ano letivo, com uma roda de conversa com os pais, inclusive com os avós que quisessem participar, e uma avaliação conjunta sobre o que o projeto propiciou na ação, na reflexão, no cotidiano; quais as riquezas que nos marcaram a alma para darmos continuidade à vida com mais qualidade e significado, reconhecendo-a e legitimando-a.

Porém ocorreu mais e melhor do que eu esperava. Consultei os pais sobre a possibilidade de transformarmos a última reunião em um café da manhã para os idosos e todos que participaram do trabalho e pedi sugestões. Para minha surpresa, a aprovação foi unânime.

No dia marcado cada família trouxe um prato de doce e salgado, uma mãe confeccionou lembrancinhas com flores de papel crepon com chocolate dentro, a editora do Jornal da Terceira Idade doou um jornal e um Manual da Terceira Idade para cada idoso, também conseguimos a doação de CDs com músicas natalinas a todos eles, além também de Cartilhas do Idoso da PMSP.

Enfim, todo o trabalho foi muito prazeroso, gratificante, de resultado efetivo e fechou, graças ao trabalho de parceria, com chave de ouro. Valeu muito o empenho, a dedicação e o esforço de todos! Por esta razão tornou-se um trabalho permanente em minha prática pedagógica e continua a todo vapor.

O grande sonho é não mais nos depararmos com tantas notícias de violência contra a vida, o idoso, a criança. A banalização de tanto desafeto tem tornado o ser humano impotente, insensível, invisível, egoísta.

Que saiamos desta letargia e cegueira que nos engessa e nos coloca como espectadores do caos, sem que saibamos qual a luz possível.

E aceno tentando demonstrar que a grande saída é acreditar que com amor, franqueza e parceria, tudo é possível e que nós, educadores, desde a mais tenra idade, somos a eficaz ferramenta para a transformação. Que façamos desta profissão o grande mastro e nos mostremos capazes e certos de nossa missão. Ainda que trilhemos caminhos longos e tortuosos, passo a passo e sem descanso, tenhamos a certeza de ter semeado boas sementes ao longo da trajetória, preparando um terreno passível e possível de ser fértil e nos devolver bons e saudáveis frutos.

Sejamos intolerantes com o que aos olhos humanos tem se tornado comum. O que é comum presenciarmos, sem que queiramos, não é normal e tem que deixar de ser comum em nossa sociedade. O normal é que vivamos em união, uns pelos outros!

Obs: Não consta parecer da supervisão que acompanhou o trabalho em 2007 e início deste ano letivo, pelo motivo de não mais estar com nossa unidade e a atual estar apenas há dois meses, tempo insuficiente para avaliar o projeto em andamento neste ano, uma vez que as visitas costumam ser mensais.

Mini currículo: Pedagoga, especialista em Didática Geral e Educação Especial; Advogada, especialista em Processo Civil; Professora de Educação Infantil e Fundamental na Rede Municipal de Ensino de São Paulo desde 1988.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Educação para a Diversidade”

Unidade Educacional:
EMEI Professora Theresinha Squinca da Silva – CEU Jambeiro

Responsável:
Silvana Ap. Tobias

APRESENTAÇÃO

Ao estar inserido em uma proposta de elevação cultural, o grupo da EMEI Theresinha Squinca da Silva – CEU Jambeiro, inquietou-se na apropriação dos espaços do CEU por toda a comunidade e pelos quatro anos de criação do CEU, o grupo manifestou o desejo e a compreensão de estar se envolvendo “além dos muros da escola”, mas que se traçasse ações onde a comunidade participasse efetivamente desta apropriação cultural, trazendo para o interior da escola seus talentos e habilidades, e que se realizasse uma reflexão maior com uma problemática do entorno: o meio ambiente. Escolhemos então, “Pedagogia da autonomia”, por traduzir a intenção de desenvolver uma “Educação para a diversidade”, assim contribuindo na melhoria da qualidade de vida do entorno, população tão lutadora e trabalhadora de Guaianazes. Acreditamos assim que o “futuro não é inexorável”. (Freire)

DESENVOLVIMENTO

“Não há docência sem discência”.

Considerando que o sucesso de nossa prática é fruto de uma relação dialética e dialógica, nos propusemos a refletir em um projeto que focasse a diversidade: a diversidade planetária, a cultura da paz e o respeito às diferenças culturais, trazendo à tona a discussão nos ambientes escolares do preconceito e discriminação. Investimos assim, em projetos especiais de ação, que nos proporcionasse formação continuada, selecionando bibliografias centradas na Temática como Edgar Moran, Freire, Cavaleiro para que pudessemos ser capazes de realizar a transposição de nossas crianças e no vínculo com os pais.

“Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa aos direitos dos educandos e exige apreensão da realidade.”

Sobre a diversidade planetária, pensamos em compartilhar “a Carta da Terra” e propor uma alfabetização Ecológica, pensando em nossas crianças como “sementes às gerações futuras”. São crianças, em sua maioria desprovidas de saneamento básico e higiene, que habitam em favelas próximas dos rios, esperamos então cuidar e educar nossas crianças para a melhoria de vida.

“Ensinar é uma especificidade humana”

Para que desenvolvêssemos autoridade, competência e liberdade na condução de nosso fazer pedagógico, pensamos em direcionar ações que proporcionassem às crianças “experiências”, com o cuidar de si, das plantas e alimentos, implicando no testemunho ético do professor, possibilitando às crianças contato com o que ainda não conhecem, apostando na dança, na música, em ritmos culturais diferenciados. Procuramos então parcerias com o SESC (local) mais próximo na doação de 750 mudas e academias do bairro, afro e capoeira, onde conseguimos os cursos com gratuidade.

Sem perdermos a ética e a coerência na prática educativa, buscamos atender com nossas ações os objetivos centrados nas diretrizes de SME: as interações, a organização do espaço e do tempo e a concepção da brincadeira, imprescindível em Educação Infantil.

Nos remetemos a Ética e Coerência na prática educativa, trazendo a necessidade de trabalharmos a ética humana nos primórdios da Educação Infantil, além da preocupação com a situação atual e futuro do planeta.

JUSTIFICATIVA

Em face à necessidade de um maior aprofundamento da questão étnico racial e um maior enriquecimento teórico do docente, buscou-se um projeto que ampliasse a visão sobre a questão étnica racial e a diversidade, focadas em uma formação que abordasse o multiculturalismo.

O MEC divulgou em 10/03/2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico raciais e para o Ensino de História da cultura afro-brasileira e africana, para dar continuidade à LDB – 9394/96 que dispõe sobre a obrigatoriedade da questão afro na Ed. Básica. Nos apontamentos da Lei 10.639/09/01/2003 e nas Diretrizes Curriculares, ressaltam que as condições materiais da escola e da formação dos professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes afros.

Sendo assim, refletimos a necessidade do debate étnico / racial entre os educadores, enquanto espaço de afirmação de identidades. São ações que refletem reivindicações do movimento negro que historicamente denuncia o caráter etnocêntrico dos currículos escolares e levanta a bandeira por uma Educação que respeite as especificidades da população negra e pobres dependem do Sistema Educacional para continuarem galgando a escolarização e profissionalização, no entanto, é profícua a discussão no momento em que instituições não consideram seus atores senão separados de suas contradições,

valores, maneiras próprias de ver e explicar o mundo. Há diversas concepções acerca da negritude, racismo, discriminação e preconceitos, delineando as instituições. O projeto Diversidade – a questão étnico racial trará alguns questionamentos como: Conhecemos a diversidade? Como construir uma escola inclusiva, diante a multiculturalidade? Que relações podemos observar no espaço da educação infantil e como podemos intervir no âmbito das questões afro? O Projeto trará então como objetivo a identificação das crianças na construção de sua identidade racial no âmbito escola, já que este é um espaço que lhes oferece oportunidades de interação com diversos grupos étnico / sócio / raciais. Podemos destacar a questão étnico/racial como um dos ícones do Projeto Pedagógico “Educação para a Diversidade”, já que se destacarão como metas para projeto: O conhecimento da diversidade, bem como a busca pela melhoria da comunidade, enquanto respeito ao bairro, Estado, País e Planeta, nas questões de sustentabilidade, consumo e melhoria das populações. Respeito e valorização do outro, a construção de alteridades.

DIVERSIDADE

“Faz parte do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo, e a utilização de um critério para a recusa do velho. Também está presente no pensar certo, a rejeição a qualquer tipo de discriminação. E quando se ensina a pensar certo, devemos tratar o pensar certo como algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho e a coerência”. (Freire, 2003, pg. 35).

SIGNIFICAÇÃO DO TEMA

A qualidade da Educação na perspectiva do respeito à diversidade, implica enfrentar e encontrar caminhos para superar as desigualdades no acesso a programas de boa qualidade que respeitem os direitos básicos das crianças e de suas famílias, independentemente de sua origem, sem esquecer que, entre esses direitos básicos, inclui o direito ao respeito às suas diversas formas de identidades culturais, étnicas e de gênero.

O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos a inclusão no âmbito educacional, efetivando-se o trabalho pedagógico na diversidade. Atualmente, uma nova ética se impõe, conferindo a todos, uma igualdade de direitos, e assim, uma escola inclusiva vai além do eu, objetivando a nós. O educar, consiste em respeitar as diferenças individuais e parte de um pressuposto da valorização da vida, onde as dificuldades existem, porém não se constituem em impedimento para aprendizagem, sendo a palavra de ordem “equidade”. Todos são capazes, mesmo com as diferenças. Baseada no acesso, no ingresso e permanência em escolas de boa qualidade, a inclusão educacional perpassa pela reflexão e construção de um Projeto Pedagógico que atenda e aprimore as reais necessidades com objetivos direcionados à alteridade, com um olhar que não reduz, mas que traduza um ser e estar no mundo de desigualdades, aprendendo a conviver com as diferenças.

Os sistemas educacionais inclusivos, são sistemas que procuram enfrentar fragmentações, apresentando princípios inclusivo como direito à educação, igualdade de oportunidades,

direito à aprendizagem e a participação. Podemos destacar algumas diretrizes educacionais inclusivas no aspecto avaliação: O conceito de necessidades educacionais foi consagrado no relatório Warnock em 1978. Os conceitos de deficiência e o de desvantagem educacional associados às dificuldades de aprendizagem, ou seja, a presença da deficiências, nem sempre implica em dificuldades de aprendizagens. Esse relatório demonstrou que o impacto educacional provocado pela deficiência depende, sobretudo, do estágio global alcançado pela criança e por outro lado, as dificuldades enfrentadas dependem de estímulos e de apoios que lhe são oferecidos na escola e na família. É importante conhecer as condições individuais de todos os alunos, particularmente, os portadores de necessidades especiais, para se fazer a avaliação. Todo avanço, deve ser considerado. “O que é comum aos nossos olhos, é uma etapa desconhecida para muitos”. Nesse sentido, apesar das inúmeras dificuldades que os sistemas têm enfrentado, a educação inclusiva está em processo, pois temos barreiras: arquitetônicas, sociais e de convívio. Como realizar o acolhimento aos portadores de necessidades educacionais? Como cuidar e educar relacionando-se com crianças e pessoas de uma maneira geral, com necessidades diferenciadas e que utilizam recursos diferentes dos que normalmente conhecemos? Como construir uma escola para todos, considerando a singularidade das crianças por uma pedagogia diferenciada e realizando uma avaliação formativa? Esses questionamentos passam por uma prática reflexiva, que nos possibilite rever o que nos falta enquanto educadores para desenvolvermos habilidades e competências para tal e atualizar a compreensão de como se ensina pela lógica da inclusão.

Para os sistemas constituírem-se em escolas de comunidades acolhedoras é preciso uma cultura de imparcialidade para todos e que se baseie em princípios de igualdade e justiça e dignidade, porém nem sempre os envolvidos nessas comunidades educacionais reconhecem que devemos educar e cuidar a criança como um todo, e é preciso de aceitação e inserção, a ponto de construirmos espaços de alegria, onde os alunos possam conviver desenvolvendo sentimentos saudáveis em relação ao outro, a si mesmo e em relação ao conhecimento.

A diversidade é um verdadeiro desafio, porque o que conhecemos é o modelo classificatório, que sempre pautou a uniformidade, a homogeneidade, gerando a exclusão. A ótica da inclusão, é a da construção da alteridade, pois construímos nossas identidades em contextos e lugares diferenciados. Para Vygotsky, a problemática da diferença não se resume ao mais ou menos. Uma criança surda, não é uma criança menos desenvolvida, mas alguém que se desenvolveu de um modo diferente.

COMO PODEMOS CONSTRUIR E RESPEITAR A CULTURA INFANTIL?

“O que se faz agora com as crianças, é o que elas farão depois com a sociedade.” (Ernest Hemingway).

Na infância, esta temática nos remete a uma leitura do que constitui: as crianças, as suas diferenças, o lugar onde vivem, as coisas que fazem, dentre outras. Normalmente, temos um jeito “adultocêntrico” de racionalizar nossas atitudes, e não consideramos as crianças

e os modos de ser, de se relacionar, nos esquecendo que elas não são meros coadjuvantes, pois não economizam energia no seu dia-a-dia, e assim vão se expressando pelo olhar, pelo choro, pelo toque, pelo corpo, pela fala. Sendo assim, a construção de formas adequadas de acolhimento, de interpretá-las nos retoma à questão da diversidade, como eixo central da cultura infantil. A construção do pensamento que nos leva a respeitar, incentivar as produções culturais nos faz compreender e visualizar a cultura infantil, como produção e criação da linguagem, dos instrumentos de trabalho, das formas de lazer, de música, da dança, dos sistemas de relações sociais, os símbolos, as significações, suas práticas e seus valores (Chauí, 1958:51).

A reflexão dos cotidianos de educação infantil, caminha no sentido de que como podemos ampliar esta diversidade nos espaços coletivos e vencer a homegeneização? Percebemos assim, que o desafio não é só de conhecer a “imagem do outro”, desvencilhando nossos modos de ver da nossa cultura adulta. Pensar a infância partindo dela mesma. Podemos assim citar, alguns trechos do poema de Loris Malaguzzi, ... A criança é feita de cem... A criança tem cem linguagens, mas roubam-lhe noventa e nove. As frases selecionadas tem o propósito de demonstrar que a infância pode ser roubada em seu modo de ser. O criar, o brincar, o sonhar, os estar com o outro, e tudo isso esbarra no “agora não pode” agora não é hora”. As rotinas nas creches e pré-escola nos mostra que todo o dia-a-dia está a mercê de toda uma organização burocrática, de uma sociedade que impõe sua maneira capitalista de ser e que acaba reproduzindo regras e modos de relação pautados na competição. E como fica a criança nestas determinações? Ela cria meios para transgredir o que não dá prazer e o que para ela, não faz sentido. Precisamos nos “alfabetizar” nas múltiplas linguagens das crianças, para podermos pensar numa educação voltada para o seu direito de viver a infância plenamente. Para percebermos o cotidiano infantil é preciso conhecê-lo, para saber que situações mais apresentariam a diversidade, a criação e manifestação cultural das crianças e aproximarmos delas, para ouvi-las. Interpretar o que as crianças fazem nestes momentos, é uma possibilidade de conhecê-las, refletir sobre o planejamento e a organização voltada ao real jeito de ser das crianças, “a escola que tem a cara delas”.

OBJETIVOS

Refletir com toda a comunidade educativa a diversidade planetária e as questões que envolvem o respeito à dignidade, os direitos das crianças, as diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas e de gêneros e encaminhar ações que acentuem a consciência planetária e a cultura da paz.

Propiciar à criança a possibilidade de participar de diversas situações de aprendizagem expressando sua criação através de suas representações afetivas, culturais, imaginativas e cognitivas, reconhecendo a diversidade cultural.

Ampliar o universo cultural, através de desenhos, danças, canções, diversificando-o estrategicamente.

Enriquecer os conhecimentos docentes em relação ao trabalho leitura e escrita, a contação de histórias, parlendas, ampliando o seu repertório da cultura popular.

Refletir a prática nas salas multiambientalizadas e as atividades lúdicas no contexto do mundo letrado, propiciando a criança de espaços com as “marcas das produções artísticas das crianças”, focando as questões afro.

Valorizar a produção artística, desenvolver a sensibilidade e a expressão artística, através dos contatos de produções artísticas e dos colegas.

Promover um espaço de qualidade, onde as condições de permanência seja criativas, dinâmicas, acolhedoras, enriquecendo a formação global da criança e interação com toda comunidade educativa.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Docentes, discentes, servidores e pais parceiros.

ATIVIDADES REALIZADAS

- Fundamentação teórica com respectiva aplicabilidade em sala de aula e avaliação da mesma. (Fev/Março)
- Estudo bibliográfico de referencial teóricos – Oficina e apresentação de relatos, envolvendo os educandos da U.E. e também convidados, para que desenvolvam técnicas de práticas pedagógicas de intervenção em situações do cotidiano que denotem o preconceito e as discriminações (Maio)
- Plantio de árvores e cultivo de mudas.
- Oficinas de danças e música afro (Agosto)
- Seleção e confecção de materiais diversificados com expressão criativa. (Agosto/Set)
- Discussões coletivas das experiências, problemas em busca de soluções (Agosto/Set)
- Mostra Cultural- “valorizando os saberes e fazeres”.
- Pesquisa- Consumidor Responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amparos legais

Diretrizes curriculares do MEC – Resol. Nº 1/17/06/04

Lei 10.639/04

Lei 9394/96

Constituição Federal / 88

Fundamentação Teórica

Bento – Maria Aparecida Silva, Branqueamento e branquitude no Brasil. Ed. Vozes, 2002.
 Bordieu – Pierre, Espaço social e poder simbólico. Ed. Brasiliense, 1990.
 Cavalleiro – Eliane dos Santos – Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito na Ed. Infantil.
 Freire – Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. São Paulo, 1987.
 Freire – Paulo – Pedagogia da Autonomia.
 Gadotti – Moacir, Pensamento Pedagógico Brasileiro. Ed. autêntica, 1998.
 Munanga – Kabengele, O anti racismo no Brasil. Edusp, 1996.
 Saberes e práticas para uma educação inclusiva. Apostilas – Cursão Claretiano, 2007.
 Revista Brasileira da Educação – ANPED – 2007.
 Tese – Cirene. Calixto Beca da Silva. Caminhos para implementação étnico/racial na escola. FEUSP 2007. Referencial de expectativas e orientações didáticas da ed. paulistana - SEM 2007. Ed. inclusiva – Programa – Um arco íris de possibilidades – Marilene Salles, Silvana Aparecida Tobias – Departamento de Cursos e Congressos – Centro de Ed. Infantil Claretiano. 2008.
 Garcia – Edson Gabriel – O jeito de cada um: iguais e diferentes.

TEMPO FUTURO

Criança ou esperança
 Sonho ou fantasia
 Quem dorme ou se levanta
 Achando que o sol brilha todo dia?
 Lembrança da boneca
 Do palhaço, do carrinho,
 Quem roubou, quem levou?
 Ninguém viu, ninguém comprou...
 E novamente se deita,
 E novamente se encanta
 Quem sabe a fada madrinha,
 O mágico de oz
 A bela adormecida
 A fera, a bela
 Pochemons
 Superpoderosas
 Ou quem sabe poderosamente
 Surja nos telhados o fantástico homem aranha
 Com um enorme caixa de surpresas, trazendo
 Todo sonho de criança
 Da bailarina a dança
 A boneca que sorri
 O carrinho importado
 O video game,
 O mp 3, 4, 5, 6
 Mas quem poderá realizar todo sonho de criança:
 O brinquedo, não compra o sonho
 Passa rápido, logo a menina não gostará mais da boneca que sorri
 O videogame ficará ultrapassado

A bailarina enjoará de dançar
Mas quem poderá realizar o tempo de criança
Da criança que pode brincar sorrindo,
Sem fome e sem medo?
Quem pode assegurar o paraíso dos inocentes
Que sejam felizes, que durmam contentes saudáveis e brilhantes?
Não será um super herói, uma bruxa com sua magia,
Mas a mão de deus, tocando o coração dos homens
Para que sintam a leveza da brincadeira, o brilho do sorriso,
Para que pelo menos
Permitam que as crianças sobrevivam, que cresçam e tenham simplesmente o direito de sonhar.
SILVANA

*“Se não posso de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo de outro, negar a quem
sonha o direito de sonhar.” (Freire)*

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

“Tum, Tum, Tum, que barulhinho bom!”

Unidade Educacional:

CEI Parque Sabará

Responsáveis:

**Elza da Costa Carmo, Maria Solene Fernandes,
Mônica Guedes Cunha Scamardi e Roseli Costa Moreira Gomes dos Santos**

PÚBLICO-ALVO

Crianças de 1 ano e 5 meses a 2 anos e 6 meses

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Integrar experiências que envolvam nas vivências, a audição e a percepção de sons, proporcionando o acesso à cultura musical de maneira rica, abrangente, significativa e contextualizada.

Objetivos Específicos

- Iniciar o exercício da apreciação musical.
- Desenvolver a sensibilidade e o gosto pela música.
- Estabelecer contato com pessoas da comunidade.
- Envolver as famílias dos alunos para que compreendam a importância da música e incentivem o permanente contato musical aos filhos.
- Ampliar o conhecimento de mundo através de vivências musicais.
- Estimular a criatividade através de descobertas de sons na utilização de elementos significativos, tais como o próprio corpo, a natureza e o ambiente que nos cerca.
- Conhecer fontes sonoras alternativas, como a construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis (sucatas).

- Integrar a música com as demais linguagens expressivas, como movimento, artes plásticas, artes visuais e literatura infantil.
- Brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais.
- Ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros de fontes e produções diversas, para posterior seletividade.

JUSTIFICATIVA

Planejar e desenvolver este projeto teve como justificativa dar continuidade ao trabalho com a linguagem como forma de expressão buscando uma proximidade com a linguagem musical e com a cultura popular.

A necessidade de ampliar o repertório musical dos alunos e propiciar interações com a comunidade e a escola, justifica a utilização da linguagem musical como instrumento de aquisição de conhecimento e aprendizagem, para o pleno desenvolvimento de nossos alunos.

SÍNTESE INTRODUTÓRIA

Uma das características marcantes na faixa etária de 1 a 2 anos de idade é o desenvolvimento da linguagem. A música surge então como um meio estimulador, pois auxilia na parte fonoaudiológica da criança, que ao ouvir bem, passa a se expressar com maior clareza e estará desenvolvendo seu senso auditivo, o que vem a colaborar diretamente no processo de construção da linguagem.

A música dialoga com a constituição interna do ser humano, desenvolve o neurofisiológico e é eficaz na inteligência.

Os sons que ouvimos, quaisquer que sejam, não passam de ritmos. Uma melodia, a qual possibilita escutar uma nota ou um “tum - tum” do coração, se consolida pela aceleração de mínimas batidas que compõe um som estável. Uma melodia é suficiente para o ouvido humano quando este possa ouvir o som e o silêncio, imprescindível para a composição da música. Não conseguimos ouvir o silêncio, mas ele caminha pelo ar e podemos selecioná-lo, relacionando-o com o som.

Portanto, a junção de sons, ruídos, silêncio, ritmos e melodias formam a música.

A expressão pela música, enquanto ser ouvinte, executante, pensante, brincante, acessa pontos de ligações profundos, nos quais buscamos o sentido de existirmos.

A criação e a manifestação musical são bases dos processos de comunicação, tanto na natureza educativa como na natureza criativa e expressiva.

O cantar, por exemplo, é a expressão mais completa para explicitar a música porque engloba melodia, poesia, rima, tom, silêncio, altura e timbre.

O ser selvagem do ser humano ouve e sente, dança, brinca, medita, cria e executa a música, que faz parte de sua existência e é absolutamente intensa em nosso primeiro contato com o mundo e com o meio.

A relação de uma pessoa com a outra, fazendo-a ser “pessoa” é uma ligação de “nós”, ou seja, é um acontecimento de encontros entre a música e a pessoa.

O fazer junto, mediado pelo ser música entoa o “ser pessoa” de forma deliciosa, agradável e afetiva. Só podemos sentir a música do vento nas árvores, das pétalas caindo, das ondas do mar, se permeados de sensibilidade.

Por meio da linguagem musical, é possível sensibilizar e ensinar a criança a apreciar o belo, a reconhecer várias possibilidades de produzir sons e torná-la curiosa para explorar o universo sonoro do mundo que a cerca.

Vivenciar a música é aprender a pensar e sentir os sons, desenvolvendo vários sentimentos e principalmente a sensibilidade musical. Aprender o que é belo é despertar a curiosidades por um universo sonoro que é amplo e diverso.

A música faz parte do ser humano: somos seres musicais.

“... o mais importante é permitir e estimular a pesquisa de possibilidades para produzir sons em vez de ensinar em modo único”. (Brito, 2003, p.35).

“Música é comunicação e pode ajudar as pessoas a serem mais criativas e comunicativas”. (Ester Freire)

“O petróleo movimenta o mundo, a educação forma seres humanos e a música embala a cidadania”. (Petrobrás, BR).

CONTEXTOS DE EXPERIMENTOS

Linguagem Musical:

A exploração, a expressão e produção do silêncio e de outros sons com a voz, com o corpo, com o entorno e com diversos materiais sonoros, desperta o interesse das crianças pelo espaço escolar.

Escutar obras musicais variadas, prioriza a linguagem musical como instrumento de aquisição de conhecimentos e ampliação do repertório musical.

O exercício da concentração, do senso auditivo, do raciocínio, da sociabilidade e do autoconhecimento, através da exploração dos recursos musicais, oportuniza aos nossos alunos vivências culturais e sociais através da interação

das crianças com novos ambientes, contato com outras pessoas e com diversos instrumentos musicais, desenvolvendo a capacidade de observação, análise e reconhecimento.

A produção e reprodução musical por meio da exploração dos sons e suas qualidades – altura, duração, intensidade e timbre, utilizando instrumentos musicais, brincadeiras ou rodas cantadas, estimulam a vivência do ritmo livre e o gosto pela música.

Linguagem Oral:

O desenvolvimento da linguagem oral por meio da musicalização, da brincadeira cantada, onomatopéia, acompanhamento rítmico e entoação de cantigas do repertório folclórico, auxiliam na ampliação e no enriquecimento do vocabulário.

Linguagem Escrita:

As práticas sociais da escrita são vivenciadas de maneira que nossos alunos tenham contato com letras de músicas e poesias, nomes de objetos sonoros, nomes de instrumentos musicais, literatura infantil, revistas e folhetos, bem como receitas de culinária e recados nos painéis.

Linguagem Corporal:

O desenvolvimento da sensibilidade, da expressão corporal, da coordenação motora ampla por meio da dança, de gestos e marcações rítmicas com as partes do corpo, exercícios motores de equilíbrio, estimula nossos alunos a vencer obstáculos e outros desafios motores.

O reconhecimento das partes do próprio corpo, através de exercícios motores como: andar, correr, subir, descer, rolar, pular, levantar, abaixar, empurrar, puxar, pedalar, escorregar, dançar e balançar, elevar e arremessar, jogar e chutar., propiciam em nossos alunos a aquisição de segurança, auto-estima e desenvoltura.

Linguagem Plástica:

O desenvolvimento de atividades simultâneas ao trabalho musical, relacionadas com a expressão plástica, desenhos, imagens, figuras e gravuras, colagens e modelagem, confecção de objetos sonoros a partir de sucatas, favorece os alunos de vivenciarem experimentos estimulantes e prazerosos tanto na linguagem visual, como na sensorial formando maior seletividade e melhor estética.

Exploração do Espaço :

O desenvolvimento do aprender a conviver, a interagir, dividir e compartilhar, noções espaciais e interação com novos ambientes são pilares essenciais para a socialização dos alunos na unidade escolar.

Linguagem Matemática:

As práticas de brincar com jogos e com noções de números e seqüências envolvendo localização espacial: posições, disposição dos objetos, dimensões, altura, volume, medidas e quantidades propiciam a internalização de noções/ conceitos matemáticos que favorecem o desenvolvimento do raciocínio lógico.

Exploração Tecnológica:

A utilização de recursos tecnológicos como máquina fotográfica, filmadora, microfone, vídeo cassete, aparelho de DVD, como ferramentas atraentes, auxiliando no processo de aprendizagem e na interação do professor com o aluno, promovendo experiências de registros e apreciação dos mesmos.

METODOLOGIA E ETAPAS PROVÁVEIS

Como instrumentos de pesquisas e levantamento de subsídios, preparamos no início do projeto a elaboração de um questionário junto à família, onde perguntamos sobre a cultura musical familiar para um prévio conhecimento das músicas ouvidas antigamente e das músicas que ouvem atualmente.

Tabulamos as informações obtidas, para subsidiar o início do planejamento anual, como: a montagem das atividades didáticas, que farão parte do projeto.

Fizemos um levantamento do conhecimento prévio das crianças, observando e registrando as músicas que mais apreciam e as que já cantam ou que mais gostam de ouvir durante o dia a dia na escola e em casa.

Oferecemos oportunidades às crianças, através de estímulos e da participação ativa e coletiva nas rodas cantadas, nas brincadeiras em geral, nas danças e nos movimentos motores de coordenação e desenvoltura. Assim, podemos

observar as necessidades que as crianças têm de desenvolver a sensibilidade auditiva para socializarem melhor, desde o período de adaptação até os momentos de atividades rotineiras.

A organização do ambiente está sendo voltada para montagem de cantinhos, decorados com painéis, cartazes, álbuns de figuras, caixas de imagens e cenários para atividades diárias, como cortinas ou divisórias de uso diário com fotos, formas e cores variadas, confeccionadas de tecidos e outros materiais propícios.

Elaborar e oferecer cantinhos que dividem o ambiente e favorecem a escolha de materiais, brinquedos ou outros objetos de brincar e explorar os espaços e tempos pelas crianças.

Utilizar estratégias como uso de almofadas, cortinas, tapetes e prateleiras seguros que dividem o espaço com demarcações e pequenos agrupamentos favorecem uma melhor interação além de opções de escolha.

Elaborar cartazes ou painéis com gravuras para ilustrar e ativar a linguagem visual promove também uma maior aquisição de conhecimentos voltada para a oralidade, escrita e socialização.

Oferecer fantoches para representação e imitação ou reprodução de gestos combinados com sons e reprodução de histórias tradicionais e imitações de sons variados, bem como, a utilização do espelho para que as crianças tenham momentos individuais, em duplas, ou coletivamente, desenvolvendo suas capacidades de imitar e criar e recriar.

Proporcionar a criança escutar músicas de diferentes ritmos e utilizar os instrumentos e ou objetos sonoros para produzir ruídos e sons com uso de sucatas, estimulam nossos alunos a apreciar e diferenciar sons diversos e a se tornar mais seletivos.

A interdisciplinaridade em atividades rotineiras de linguagem musical e expressão corporal produzem momentos auxiliares para desenvolver o gosto das crianças por cantigas de roda, folclóricas e de gêneros variados, com a intenção de liberar a expressividade espontânea da criança. Interação, afeto e apego com proximidades e respeito aos gostos e desgostos de cada um.

Teatro e Vídeos:

Propiciar que as crianças possam compartilhar filmes, musicalização, teatrinho com fantoches, histórias contadas, e apresentações musicais de pessoas da comunidade escolar.

Oralidade e Escrita:

Trabalhar com fichas, álbuns de imagens e caixa de imagens para chamar a criança pelo nome e produzir pequenos diálogos durante as rodas de conversa. Incentivar a leitura e a escrita, mostrando diversos livros de histórias, revistas e panfletos, mostrando a escrita e nomeando as figuras.

PRODUTOS COMPARTILHADOS ATÉ O MOMENTO

Registros das atividades do projeto por meio de fotos ou filmagem das crianças atuando nos espaços diversos do ambiente escolar.

Contato com a natureza e com o meio ambiente, passeando pelo parque, proporcionando movimentos e interação, partilhas e colaborações durante os momentos de escuta atenta aos sons da natureza, interno e externo.

Construção de alguns objetos sonoros feitos de sucatas.

PRODUTO FINAL A SER EXECUTADO

Mostra Cultural, onde estarão expostas as atividades plásticas, fotos, objetos sonoros confeccionados pelas crianças e pela comunidade escolar, pinturas, colagens em painéis, vídeos e ou gravações produzidas pelas crianças.

AVALIAÇÃO PARCIAL:

“A música é algo muito significativo para a criança, por estar presente desde os seus primeiros momentos da vida, já que é muito difícil de se imaginar uma criança que não foi embalada, acariciada e afagada ao som das músicas de ninar” (BIAGIONO, GOMES, VISCONTI, 1998, p. 4).

Durante o processo de vivências musicais a avaliação das crianças foi algo subjetivo, pois não é possível medir a sensação e a reação provocada por cada criança.

Através das observações diárias, pudemos perceber um grande desenvolvimento da linguagem oral, principalmente em algumas crianças que não conseguiam se expressar nem por palavras e nem de modo compreensível. Houve um aumento do vocabulário e algumas mudanças no comportamento foram alcançadas.

Notamos que as crianças desenvolveram atitudes de atenção, interesse e já conseguem solucionar pequenos problemas de convivência, melhorando assim os relacionamentos de interação e socialização.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, Teça Alencar, *Música na Educação Infantil*, PEIRÓPOLIS, SÃO PAULO, 2006.
- BRASIL. *Referencial curricular para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PIRES, Maria Cristina de Campos. *O som como linguagem e manifestação da pequena infância: Música? Percussão? Barulho? Ruído?* São Paulo, Tese de Mestrado, Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- RABACA, Carlos Alberto e Maria Regina. *Cantar, pensar, sentir*, PETROBRÁS. SÃO PAULO (SP) – Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Educação Técnica. São Paulo é uma escola – Manual de Brincadeiras/ DOT, 2006.
- SÃO PAULO (SP), Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. São Paulo é uma escola. *Manual de Brincadeiras/ Secretaria de Municipal de Educação*. – São Paulo: SME/ DOT, 2006.
- SÃO PAULO (SP), Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Tempos e espaços para a infância e suas linguagens nos CEIs, Creches e EMELs na Cidade de São Paulo/ Secretaria de Municipal de Educação*. - São Paulo: SME/DOT, 2006.
- SÃO PAULO (SP), Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil/ Secretaria de Municipal de Educação*. – São Paulo: SME/DOT, 2007.
- Materiais Periódicos pesquisados:
- Revista Pátio
- Revista Criar
- Revista do Professor: Música I e Música II
- Oficina Realizada pela professora Maria Cristina de Campos Pires
- O som como linguagem e manifestação da pequena infância
- MÚSICA? PERCUSSÃO? BARULHO? RUÍDO?
- Cds Utilizados:
- Palavra Cantada 10 anos, Partimpim - Adriana Calcanhoto, Abra a Roda Tindolelê, Baby Hits, Pé com pé, Saltimbanco, MBP para crianças Ana Maria Machado, Samba para crianças, Músicas daqui Ritmos do Mundo, Músicas Clássicas
- Dvds Utilizados:
- Palavra Cantada 10 anos, Partimpim - Adriana Calcanhoto, Bebê Mais, Cores e formas, Cocoricó

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Artes Visuais – Questão de Cidadania”

Unidade Educacional:
EMEI Jardim Novo Horizonte Azul

Responsável:
Luciene Barros Veríssimo da Silva

ARTES VISUAIS – QUESTÃO DE CIDADANIA

Com base em questões quase sempre discutidas nos horários de trabalho pedagógico com os professores, por exemplo, como interpretar os desenhos das crianças, como entender ou “ler” uma obra de artes, ou até mesmo como desenvolver a expressividade da criança, e diante da necessidade de realização de um projeto pedagógico na escola que norteasse e atendesse a necessidade premente de acesso à cidadania, o grupo optou desde 2007 em entender melhor questões que envolvessem a linguagem visual. A partir daí desenvolvemos o Projeto “Artes Visuais – Questão de Cidadania”. O Projeto tem como objetivo o aprofundamento teórico na área, a valorização da expressividade da criança, a articulação com o Projeto Pedagógico da Escola, despertar o gosto pelas artes, desenvolver diferentes habilidades em todos os membros da comunidade escolar, professores, alunos funcionários e pais.

Num trabalho sistemático e organizado, estamos abordando as Artes Visuais como linguagem com características próprias, o que requer um investimento por parte dos educadores para que ocorra uma ampliação da aprendizagem das crianças nesta área. Para tanto, sabemos da necessidade de estudos por parte de toda equipe para que possamos aperfeiçoar e compreender melhor as questões acerca do tema, aliando nossa prática, reflexão e avaliação. Centrando-nos na importância das Artes Visuais na Educação Infantil, estamos tomando maior consciência de que através desta linguagem as crianças poderão ampliar o seu repertório de habilidades e também desenvolver sua sensibilidade, imaginação e criatividade, tornando-se, além de apreciadoras, produtoras de arte.

Aliados a nossa própria vontade de melhor desenvolver nosso trabalho em artes, pudemos contar com a parceria da Secretaria Municipal de Educação/DRE/DOT, que ofereceu a nós, Coordenadores Pedagógicos a continuidade ao plano de formação dos CPs da Rede Municipal de Ensino o programa Rede em Rede. Como Coordenadora Pedagógica da EMEI optei pela especialização em Artes Visuais, no qual desde o ano de 2007 venho tendo cursos e oficinas sobre o assunto.

A EMEI Jardim Novo Horizonte Azul atende a crianças de 4 a 6 anos de idade e está inserida num bairro de população de baixa renda. As residências construídas muitas vezes nas áreas de mananciais, portanto construções clandestinas que demonstram a falta de estrutura do local. A carência da população se reflete não só na sala da aula, tendo em vista a necessidade que nossas crianças apresentam no que diz respeito à alimentação e vestuário, mas é perceptível também a necessidade das pessoas em obter acesso à saúde e saneamento básico. O teatro, cinema, visita a Mostras ou Museus não fazem parte do repertório cultural das famílias que preferem visitas a Shopping, atividade mais comum entre eles. Nosso desafio está justamente em modificar este comportamento, e levar pais e alunos ao universo cultural das Artes Visuais. Assim, conteúdos como desenho (criativo e estereótipo), o uso da espacialidade, cor, tempo, a interpretação do desenho infantil e a utilização dos diversos materiais em artes foram alguns dos temas que abordamos para compreender o desenvolvimento infantil em artes.

Neste contexto, o trabalho foi desenvolvido da seguinte maneira: nos horários de jornadas pedagógicas os professores passavam por oficinas e leituras da bibliografia escolhidas nos anos de 2007 e 2008. Percebemos então o quanto os professores têm dificuldades em demonstrar sua própria expressividade, o “medo” de “errar”, a busca pelo belo está impregnada desde sua própria formação. A partir daí e depois de apropriar-se do conteúdo a ser desenvolvido, a sala de aula passava então a ser nosso laboratório de observação e pesquisa com relação a toda a biografia que estávamos lendo durante o projeto. Descobertas e surpresas foram muitas ao longo do processo. A sensação de ser capaz, de produzir e ousar crescia a cada semana em nossos encontros. Nosso objetivo com as crianças era o de principalmente respeitar e compreender sua produção, procurando não a violentar simbolicamente ao observar seu desenho produzido. Podemos dizer que hoje na EMEI não se utiliza mais as velhas expressões, como por exemplo: ...“seu desenho está muito bonito”, ou “vamos agora pintar o sol de amarelo”, pontuando assim a fazer e a criatividade infantil. Além disso, as nomeações, ou a necessidade de que a criança falasse sempre o que desenhou, faziam muitas vezes que a própria criança se negasse a criar, pois depois teria que comentar seu desenho e sabemos que muitas vezes ela desenha pelo simples prazer de desenhar e não necessita de explicações para tanto. Outra mudança significativa e válida de citar seria o separar os desenhos das crianças para pendurar-las nos já conhecidos “varais” de atividades, sem nenhuma preocupação em valorizar a produção infantil, esse procedimento já superado também, aconteceu progressivamente conforme nossos estudos e pesquisas. O envolvimento do Diretor, dos funcionários, como os pais foram paulatinamente envolvidos nas Mostras infantis da escola, marcando presença com suas próprias produções e oficinas de artes. Conquistas como novos espaços para artes e um uso mais freqüente de tintas diversas nas produções das crianças demonstram a grande mudança que nossa escola obteve na linguagem visual. Hoje o guache já não perde mais a data de vencimento, pelo contrário, além do recebido, precisamos sempre repor os estoques. As crianças aprenderam a usar as tintas, a misturar as cores e pintar sem a mesmice de sempre, o lápis de cor ou o giz de cera.

METODOLOGIA

- Roda de conversa sobre os grandes artistas e as próprias criações das crianças;
- Palestras, encontros com os pais e pesquisas;
- Exposição de trabalhos realizados, Oficinas com os pais e crianças;
- Confecção de quadros com diferentes técnicas de pintura e materiais diversificados;
- Reflexão/Questionamento de obras apresentadas;
- Exploração das diversas formas de fazer arte;
- Visitas a Museu, teatro, cinema;
- Contato freqüente com reproduções de obras de vários artistas.

DESCRIÇÃO DAS FASES/ETAPAS: CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO

DESCRIÇÃO DAS FASES / ETAPAS	APRESENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO	AVALIAÇÃO
<p>Fase I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento da Bibliografia e planejamento: Fases, objetivos e metas do Projeto <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da Bibliografia • Estudo de Obras (de acordo com o planejamento da classe) <p>CONTEÚDOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Espacialidade 2. Percepções Sensoriais <p>Fase II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oficinas (Explorando as várias formas de artes) Participação das crianças e dos seus pais <p>CONTEÚDOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Desenho criativo e Estereotipado 2. Cores 3. Tempo <p>Fase III</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da Bibliografia; • Estudo de Obras (de acordo com o planejamento da classe); <p>CONTEÚDOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ordem e Desordem em artes 2. Corpo 3. Tecnologias 	<p>1º SEMESTRE – 2007</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Projeto ao CE • Exposição de trabalhos executados pela equipe docente em jornada de trabalho e em sala de aula. <ul style="list-style-type: none"> • Passeio ao SESI <p>2º BIMESTRE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição de trabalhos das crianças • Mostra e Oficinas com os pais <p>1º SEMESTRE – 2008</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição dos trabalhos das crianças e oficinas com os pais Tema: Técnicas em Artes Visuais <ul style="list-style-type: none"> • Passeio ao Cinema • Avaliação Escrita dos Membros do Conselho de Escola • Apreciação do Portfólio do Projeto <p>Obs. Executamos algumas mostras mais simplificadas nos horários de saída das crianças. Por sala, por período, etc.</p>	<p>Registro dos trabalhos desenvolvidos com as crianças</p> <p>Avaliação do Conselho de Escola</p> <p>Relatórios</p> <p>Fotografias</p> <p>Portfólio</p>

Data: 13/09/2008

- Avaliação Escrita dos Membros do Conselho de Escola

Data: 13/09/2008

- Apreciação do Portfólio docente
- Mostra Cultural

Data: 06/12/08

- Avaliação final do CE

Data: 06/12/08

Os frutos do nosso trabalho já são evidentes. Como Coordenadora Pedagógica na EMEI desde 2005, percebo – e todos os que acompanharam o processo também – que há uma mudança nítida de postura por parte dos professores e das crianças. Os professores já não mais utilizam cópias de desenhos para distribuir para toda a turma e diz que está trabalhando artes. Ousar e criar são verbos já utilizados cotidianamente nas aulas de todos; a utilização de vários materiais nas aulas de artes tornou-se um desafio para cada um deles, enriquecendo cada vez mais as aulas e desenvolvendo melhor a criatividade e expressividade das crianças. Aos poucos os pais vêm compreendendo a importância de contribuir com a formação de seus filhos através da herança cultural que eles mesmos podem passar e conviver com eles. As últimas mostras de arte contaram com a presença efetiva dos pais nas oficinas, ora ensinando, ora aprendendo técnicas que eles mesmos desenvolvem. A escola passou a dispensar os passeios a parques de diversão – tão cansativos e pouco aproveitáveis - e procura agora promover passeios culturais, com o envolvimento dos pais e dos funcionários. Um bom exemplo foi o passeio ao SESI em 2007. Para tanto simulamos uma mostra na EMEI com as peças e produções das próprias crianças, procuramos demonstrar como se comportar e apreciar o passeio cultural. A recepção fria por parte dos pais do ano anterior já era diferente naquela mostra e melhorou muito mais neste ano.

Os programas assistenciais, como o programa do leite, eram a única chance que tínhamos de ver os pais fora dos problemas cotidianos. Durante as mostras na própria EMEI, procurávamos vinculá-la à entrega dos benefícios como forma de atrair a comunidade se não para participar, ao menos para ver. Embora a entrega do leite coincida algumas vezes no mesmo dia da mostra hoje em dia, ninguém tem mais pressa de sair. O número de oficinas aumenta a cada mostra, o aprendizado sofreu melhora significativa e damos à criança e à comunidade um direito que é de todos: a possibilidade de ler, por todos os meios, o mundo e, partir desta leitura, inserir-se de forma autônoma e responsável onde suas escolhas os levar. Documentado em fotos, textos de estudos, pesquisas junto aos pais, o projeto Artes Visuais – Questão de Cidadania muda de forma gradual a perspectiva sombria que paira sobre as comunidades carentes assistidas por escolas públicas. E embora a mudança seja lenta, parece-nos que ela é definitiva.

O Projeto exposto procurou efetivar a formação do educador, a melhoria da prática educativa, levando todos a refletir e discutir a maneira como trabalhamos as Artes Visuais na Educação Infantil. Engajados em compreender a Arte como linguagem simbólica que constrói novas formas de expressão da criança por meio do contato com diferentes materiais, técnicas e informações, possibilitando a ampliação do seu universo cultural, nosso desafio foi a mudança pessoal e profissional. Assim, procuramos trabalhar para que nossas crianças tivessem maiores condições de dominar os diferentes e específicos

códigos desta área, tomando-se então, apreciadores mais conscientes ao longo de suas vidas, exercendo de fato a cidadania voltada para a reflexão, crítica e atuação do meio onde vive, na busca por uma qualidade melhor vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre. P.161-170 e 217 a 226.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. – O Espaço do Desenho: a educação do educador Ed. Loyola, 1987;
- _____, Ana Mae T.B. Recorte e Colagem: Influência de John Dewey no ensino de Arte no Brasil. Cortez, 1982.
- BÉDARD, Nicole – Como interpretar os desenhos das crianças. Ed. Isis, 1998;
- DERDYK, Edith. Formas de Pensar o Desenho. Ed. Scipione, 1989.
- _____, Edith. O Desenho da figura Humana. Ed. Scipione, 1990.
- FERREIRA, Nilda Teves. Cidadania - Uma questão para Educação. Pág.05 – 18, Cap. I. Pág. 219- 230, Cap. VII. Ed. Rio de Janeiro.Nova Fronteira. 1993.
- IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender Arte: Sala de aula e formação de professor. Porto Alegre. Artmed, 2003.
- IGNÁCIO, Renato Keller. Criança Querida – O dia a dia das creches e Jardim de infância. Pág. 62 – 74. Associação Comunitária Monte Azul. Antroposófica. São Paulo, 2001
- LOWENFIELD, Viktor & BRITAIN, W. A criança e sua Arte. Ed. Mestre Jou. São Paulo, 1976;
- MEREDIEU, Florence. O Desenho Infantil. São Paulo, Cultrix, 1974;
- MOREIRA, Ana A. A. O Espaço do Desenho: A educação do Educador. Ed. Loyola, 1987.
- PILLAR, Analice Dutra. Desenho e Construção do Conhecimento na criança. Porto alegre. Artes Médicas, 1995.
- Referencial Curricular de Educação Infantil. V. I, Pág. 75 – 79. V. II, Pág. 21 – 25. V.III, 85 – 93, 95 – 101, 103 – 113. MEC . 1998.
- SME. DOT EI. A rede em rede – a formação continuada na Educação infantil. Mód. Artes Visuais. ASSIS, Zilpa Maria Magalhães, São Paulo, 2007;
- SME. DOT EI. Tempos e espaços na Educação Infantil. 2006. p.69
- SME. DOT. Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a Educação Infantil/Secretaria Municipal de Educação – São Paulo, 2007 (Pág. 129-137)
- SME, DOT EI. A rede em rede. 11º Encontro: As hipóteses do professor sobre o desenho infantil. São Paulo. 2006.
- SME, DOT EI. A rede em rede. 12º Encontro: As Marcas infantis no desenho. São Paulo. 2006.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

“Dorothy Stang – Plantada na Floresta e Semeada na Educação Infantil da Cidade de São Paulo – Uma Singela Homenagem”

Unidade Educacional:

CEI Missionária Dorothy Stang

Responsável:

Rosana Gonzaga Dobre Batista

APRESENTAÇÃO / CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

Este Projeto nasceu de uma necessidade muito simples, porém que nos diferencia do outro e nos torna seres humanos únicos, ou seja, a busca de identidade, que neste caso pode-se traduzir em a busca de um nome para o CEI.

Para um melhor entendimento uma breve contextualização histórica da Unidade será necessária. O CEI Missionária Dorothy Stang, até o mês de Dezembro de 2001, inseria-se na Secretaria de Assistência Social e denominava-se Cei Municipal CIDADE LÍDER. (com o decreto 40.268 de 31/01/2001 a Creche passou a denominar-se CEI, a partir de 01/07/2001).

Foi um período muito complicado para todos nós, visto que estávamos em vias de mudança de Secretaria, período este chamado de transição.

A partir de 01 Janeiro de 2002, migramos para Secretaria Municipal de Educação, período de muitas transformações, é importante ressaltar que, além da mudança de Secretaria o grupo de funcionários também recebeu uma nova Diretora, visto que a mesma removeu-se de outra Unidade, sendo assim a mudança de Secretaria seria um processo complicado para todos, pois todos funcionários e direção teriam que se adaptar a toda situação de mudança, o que Piaget descreve como, mecanismos de: Assimilação, acomodação e equilíbrio (MUSSEN, et al, 1988 p.215).

Enfim, após este processo inicial de estranhamento, algo passou a incomodar, especialmente a mim enquanto diretora da Unidade, pois além da Unidade ter o nome do próprio bairro (Cidade Líder), havia mais duas Unidades Educacionais e dois Postos de Saúde com o mesmo nome “Cidade Líder” diferenciados apenas por números (Líder I e II), desta forma havia transtornos, sendo assim, essa direção trouxe a reflexão ao grupo sobre a necessidade de um nome para o CEI.

Temporariamente o Projeto para mudança do nome permaneceu inerte, pois havíamos realizado uma consulta para mudá-lo em 2003, para CEI Monteiro Lobato, porém foi vetado por haver outro Próprio Municipal com este nome, então o mesmo ficou suspenso e no início de 2006 o assunto foi retomado.

A Unidade passava por algumas intervenções e aguardávamos outra, a cada intervenção tornava-se mais bonita, então retomamos o Projeto com a participação de toda comunidade, a fim de que tudo de fato se tornasse novo.

É comum que as Escolas e outros Próprios Municipais tenham seus nomes indicados pela própria Câmara ou pela própria Secretaria de Educação, mas no caso deste CEI em especial, houve a participação efetiva da comunidade, num processo democrático de apropriação de fato e de direito da Escola Pública.

A Existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987 p. 12).

E assim democraticamente foi realizada uma reunião com funcionários, em seguida com a comunidade para tratarmos sobre o assunto, além disso, houve a elaboração de um folheto explicativo dos motivos pelos quais havia a necessidade da mudança do nome e assim cada pessoa individualmente escreveu livremente o qual ou os quais desejavam, as sugestões foram as mais variadas, algumas de cunho infantil, outras excêntricas, porém três nomes foram mais votados e um destacou-se mais o da Missionária Dorothy Stang, uma funcionária agente de apoio comentou sobre o nome com algumas colegas, porém é importante enfatizar que em nenhum momento foi solicitado à comunidade a indicação deste nome, inclusive algumas pessoas que não se recordavam do nome escreviam coisas do tipo: A freira assassinada na Amazônia, ou a irmã que morreu no Pará, e outros. Ocorre que a Irmã Dorothy havia sido assassinada em 12 de fevereiro de 2005 e todos ficaram consternados com tal brutalidade, exposta na mídia constantemente.

A partir dos três nomes mais solicitados, elaborou-se um resumo da biografia de cada um e uma urna para votação, merecidamente o nome Dorothy Stang venceu praticamente por unanimidade.

A partir da pesquisa da biografia dos três nomes mais votados, a história da Missionária Dorothy Stang, deixou-me instigada e literalmente “ apaixonada “ por tanta dedicação e iniciei uma pesquisa e escrever sua biografia em forma de conto, uma maneira que encontrei para explicar às crianças do CEI quem foi aquela, cuja Unidade carrega um nome tão importante, mas para escrever da maneira como pretendia faltavam detalhes, os quais não encontrava escrito em lugar algum, então passei a pesquisar e procurar contatos que me levassem a conhecer a história da Irmã Dorothy desde seu nascimento, num primeiro momento achei impossível, porém com persistência consegui terminá-lo com a ajuda de seus familiares: duas irmãs, um irmão e algumas Irmãs de Notre Dame, amigas da Missionária Dorothy Stang, através de e-mails, carta, livros e pessoalmente.

Por ocasião do Julgamento de um dos assassinos (outubro/07) fui à Belém (com recursos próprios) e conheci praticamente todas as irmãs de Notre Dame do Brasil e do exterior e o irmão de Dorothy: David Stang, que ficaram imensamente felizes e honrados ao saberem que na Cidade de São Paulo há um Centro de Educação Infantil com o nome da Irmã Dorothy, bem como com o conto, cujo foi autorizado por eles.

No dia 28/07/2006 finalmente foi publicado o Decreto 47.523, mudando o nome da nossa Unidade para CEI Dorothy Stang, faltava o termo Missionária, assim solicitamos a correção, visto que o termo Missionária ou Irmã fazia parte da identidade de Dorothy Stang, desta forma seria um desrespeito para com ela omitir este termo, então no dia 06 de fevereiro de 2007, foi conferida nova redação pelo Decreto 48.122, passando assim nosso CEI a chamar-se CEI Missionária Dorothy Stang.

Neste mesmo ano (Dez/07), houve uma grande festa em comemoração ao Jubileu de Prata, pelos 25 anos da Unidade, bem como pela mudança de nome (entronização do patrono), assim a biografia escrita em forma de conto, culminou numa apresentação teatral realizada pelas crianças do CEI, com a presença da comunidade e de algumas autoridades, inclusive membros da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) , os quais representaram as Irmãs de Notre Dame.

OBJETIVO

O principal objetivo era, introduzir um nome de pessoa honrada ao CEI, com a participação de toda comunidade educativa, através do voto democrático.

JUSTIFICATIVA

Como já exposto na apresentação o CEI foi por muitas vezes confundido com outras Instituições, cujos nomes também eram conhecidos como Cidade Líder, isso gerava uma série de transtornos, tais como recebimento de correspondências e telefonemas indevidos, troca de cargas pelo expediente do NAE, como a DRE era denominada na época, as mães quando chamadas para matricularem seus filhos, não sabiam exatamente a qual unidade dirigir-se já que o CEI vizinho tinha o mesmo nome, sendo assim a mudança de nome era imprescindível, pois os transtornos causavam prejuízos e dificultavam o trabalho, porém a preocupação com o nome que a unidade teria era grande, pois deveria ser um nome respeitado e de alguém que tivesse realizado feitos em vida pela educação ou pela humanidade que o dignificasse, conforme previsto em legislação, sendo toda comunidade educativa informada dos requisitos necessários.

Foi um momento ímpar de aprendizado onde todos tiveram a oportunidade de refletirem sobre os requisitos necessários, afinal os três nomes foram pessoas importantes para a humanidade, mas foi interessante este movimento onde as pessoas avaliaram a biografia de cada um até chegarem à conclusão do melhor nome a ser dado à Unidade, além dos aspectos citados a Unidade não tinha identidade própria, metaforicamente pode-se dizer que o CEI fazia parte de um todo, porém não estávamos legitimados como parte neste

todo, como já citado anteriormente, constantemente éramos confundidos com outras Instituições e com o próprio bairro, ou seja, estávamos fragmentados em nossa identidade social, já que fazíamos parte de várias identidades, desta forma foi necessário a construção de uma, a fim de que a coletividade pudesse ter o sentimento de pertencimento de fato.

A escolha de um nome para uma Unidade Educacional é carregada de muitas expectativas da comunidade, visto que tem um significado importante no inconsciente coletivo e de certo modo referência a identidade daquele grupo em todo seu contexto.

Não há uma separação, mas sim uma articulação, em que os limites, se é que realmente existem, entre o social e o individual se confundem. Para existir *um*, são necessários *dois*, não apenas do ponto de vista da concepção, da genética, da sobrevivência, mas, sobretudo em se tratando do homem ser reconhecido como tal; o homem só se vê como homem se os outros assim o reconhecerem. Sob essa perspectiva, é possível conceber a identidade pessoal como, e ao mesmo tempo, social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias. (LAURENTI; BARROS, 2000).

Considerando os aspectos citados anteriormente, o fato de toda comunidade educativa ter a oportunidade de decidir sobre o nome a ser dado à Unidade Escolar do seu bairro ou na qual trabalha é fundamental, além da construção de identidade, também o é na participação de fato da sociedade na apropriação do bem público, que além de outros fatores, pode culminar num movimento de transformação social daquele local. *A identidade não se apresenta sob a forma de uma entidade que rege o comportamento das pessoas, mas é o próprio comportamento, é ação, é verbo.* (Ibid, 2000).

Considerando que a participação popular é importante na escola, aproveitamos a oportunidade para desenvolver mecanismos de um verdadeiro movimento social em nosso CEI e na criação de uma identidade para aquele local, o que Dejours, 1996, define como: *"é importante que o grupo social tenha reconhecimento na formação da identidade"*. (Apud VASCONCELOS, 2002, p.66).

E assim após toda a movimentação da sociedade local nosso CEI tornou-se CEI MISSIONÁRIA DOROTHY STANG, trazendo de fato a identidade que procurávamos, um novo ânimo, um novo olhar...

ETAPAS / DESENVOLVIMENTO

Primeiramente foi realizada uma reunião de pais e de Conselho para explicar que o nome que tentamos colocar na Unidade anteriormente há aproximadamente 03 anos, não foi possível por existir outro Próprio Municipal com o mesmo, cujo era " Monteiro Lobato ", então seria necessário que outro nome fosse selecionado, após este esclarecimento o processo de votação ocorreu num primeiro momento livremente, ou seja, cada pessoa indicou um ou mais nomes que lhe agradavam em uma tarjeta com as explicações já dialogadas nas Reuniões.

Após a primeira votação três nomes se destacaram, porém o da Irmã Dorothy foi o que apareceu com maior constância, assim foi realizada uma pesquisa sobre a vida dos três mais votados e amplamente divulgadas à toda comunidade educativa interna e externa.

Após a divulgação foi realizada nova votação, assim elaborou-se uma tarjeta onde havia os nomes e breves citações sobre a biografia dos três finalistas: Dorothy Mãe Stang, Karl Heinrich Marx e Johann Sebastian Bach, bem como confeccionou-se uma urna de papelão lacrada que foi aberta somente em Reunião do Conselho Escolar.

Assim num processo de decisão democrática, onde todos tiveram a oportunidade de votar, a Irmã Dorothy tornou-se a Patrona do CEI com vantagem substancial de votos de seus concorrentes. Neste aspecto Gadotti, 2002 destaca: A participação possibilita à população um aprofundamento do seu grau de organização e uma melhor compreensão do Estado, fluindo de maneira mais efetiva no seu funcionamento. (p. 16)

Após a votação foram tomadas as providências quanto aos trâmites legais para autorização e publicação da mudança de CEI Cidade Líder para CEI Missionária Dorothy Stang.

Inicialmente a publicação ocorreu em 28 de julho de 2006 pelo Decreto 47.523, porém faltou o termo Missionária, assim foi solicitado um adendo ao nome da Unidade, então em 06 de fevereiro de 2007 pelo decreto 48122, foi conferida nova redação, passando o CEI finalmente a chamar-se Missionária Dorothy Stang.

Neste ínterim algumas intervenções no prédio foram realizadas e neste mesmo ano a Unidade completaria 25 anos, desta forma seriam preparadas as festividades do Jubileu de Prata, bem como a entronização do Patrono com as merecidas homenagens.

As crianças não participaram efetivamente da votação, devido a tenra idade, porém era e é importante que soubessem e saibam o quão importante foi a Missionária para a Floresta Amazônica e para a humanidade, desta forma decidi escrever a biografia, de forma que as crianças entendessem, surgindo então a idéia de um conto, o qual seriam necessários detalhes da infância da Missionária Dorothy, então após algumas tentativas, finalmente consegui contato com as Irmãs Notre Dame em Belém e nos Estados Unidos, em seguida com duas irmãs e um Irmão de Dorothy, através da Irmã responsável pelo Comitê Dorothy em Belém, após estes contatos fui à Belém, por ocasião do julgamento de um dos assassinos da Missionária, onde conheci David Stang , irmão de Dorothy e algumas Irmãs de Notre Dame que trabalham no Brasil e no exterior, ocasião na qual entreguei em nome do CEI duas placas de metal em homenagem à Irmã Dorothy; aos seus familiares, bem como às Irmãs de Notre Dame, com os seguintes dizeres:

Nosso profundo reconhecimento à Missionária Dorothy Stang, por ter sido uma pessoa digna, corajosa e honrada, apaixonada pela vida, pelos seres humanos e fundamentalmente pela floresta Amazônica, que brilhará no céu como o sol, por ter dedicado toda sua existência ensinando valores como: fé, solidariedade, amor ao próximo e respeito à natureza.

Centro de Educação Infantil Missionária Dorothy Stang/ PMSP. São Paulo, outubro/ 2007

Ao término das intervenções no CEI foram preparadas as comemorações do Jubileu de Prata e entronização do Patrono, foi confeccionada Placa com o novo nome, bem como um mural com o resumo da biografia da Missionária, com uma foto dela quando criança, uma outra com seus pais e irmãos e uma já adulta, bem como um desenho feito por ela após um retiro, cujo David Stang nos presenteou em Belém, e ainda um resumo da carta da terra para crianças.

A biografia em forma de conto foi contada às crianças e algumas professoras prepararam um teatro, cujo foi apresentado na noite das comemorações pelas crianças. Aproximadamente duzentas pessoas participaram, entre comunidade e autoridades, as quais assistiram além do teatro; belos discursos sobre a Missionária, uma apresentação da Banda da Guarda Civil Metropolitana e ainda para fechar à noite, uma serenata com os trovadores urbanos.

RESULTADOS

Os resultados foram além das expectativas, visto que a mudança do nome mobilizou a comunidade efetivamente, além das comemorações da entronização do Patrono, homenagem à Missionária e o Jubileu de Prata, que foram mais bonitas do que imaginávamos e ainda mobilizou-me a procurar muitas pessoas ligadas a Missionária, conhecer detalhes de sua vida, sendo que nosso primeiro objetivo era simplesmente introduzir um nome respeitado ao CEI com a participação de toda comunidade educativa, através do voto.

Além disso, o conto que inspirou a apresentação do teatro nas comemorações, está sendo preparado para ser apresentado novamente por outras crianças do CEI na semana de Educação de Itaquera, a ser realizada em um dos CÉUs da região no mês de Setembro/08, como resultado de outro Projeto dentro do contexto do meio ambiente e desenvolvimento sustentável que está sendo realizado na Unidade por algumas professoras, desta forma é possível dizer que o que parecia somente a busca de uma identidade para o CEI, através da mudança do nome, sutilmente despertou uma consciência ainda maior sobre as questões do meio ambiente e que de uma forma tímida, poderá ser levada às crianças da unidade, à outras crianças, à outras pessoas e a outros espaços, sempre que houver oportunidade.

E por fim, como resultado pessoal, haverá um esforço na tentativa da publicação do conto.

CONCLUSÃO

Este Projeto faz concluir o quanto o nome de uma Unidade Escolar é importante para a reflexão e porque não dizer na contribuição da constituição e/ou reconstituição de certos valores sociais adormecidos, além do sentimento de pertença, da construção de uma identidade coletiva e outras questões sociais, antropológicas e psicológicas envolvidas.

Ao proporcionar uma votação democrática em nosso CEI, permitiu-se à toda comunidade educativa opinar e fazer valer de fato e de direito o seu voto, e que de uma forma dicotômica da usual, ou seja, aquela que costumamos fazer a cada quatro anos, quando votamos e esperamos que nossos candidatos cumpram pelo menos parte daquilo que prometeram; no caso da Missionária Dorothy a situação é inversa, nós é que estamos devendo à ela uma postura ética em relação à natureza, à floresta e ao meio ambiente em geral.

Quando votamos pela mudança do nome da Unidade, foi escolhida uma mulher que não fazia promessas e sim agia de fato e essa é a nossa dívida para com ela, agir de fato em favor do nosso Planeta no intuito de preservá-lo.

Gostaria nesta conclusão de homenagear a Missionária Dorothy Stang, por todos os seus feitos em vida, porém não haveria espaço suficiente, conforme definição no wikipedia, “*homenagem é uma palavra que define retribuição de honra, agradecimento, tornar público com um ato de gratidão algum favor que fora prestado a alguém*”; enfim um reconhecimento pessoal pelos feitos de uma pessoa. Creio que homenagear alguém importante com o nome de uma Escola ou de outro espaço social/ coletivo é o mínimo que se pode fazer em memória daqueles que sacrificaram sua própria existência em prol de outras vidas, assim como fez a Missionária Dorothy Stang, portanto acredito que a melhor maneira de homenageá-la é continuar de alguma forma seu sonho, e que cada um dos seis tiros que extirparam sua preciosa vida, multipliquem-se em sementes de raízes fortes, na luta pela preservação da Floresta e de nossa mãe terra, isso a tornará viva e a deixaria feliz.

“É possível destruir um sonho de um ser humano quando sonha para si, mas é impossível destruir seu sonho quando ele sonha, com e para os outros, o sonho coletivo da transformação.”(FUCONAMS, apud OLIVEIRA, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1987.
- GADOTTI, Moacir.*Escola e Democracia: Um Tema Revisitado*. In: *Autonomia da Escola: Princípios e Propostas*. GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José Eustáquio (orgs) 5ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.
- LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. *Identidade: Questões Conceituais e Contextuais*.In: PSI Revista de Psicologia Social e Institucional. Vol 2 nº 1. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2000. Disponível em URL: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/texto>
- MUSSEN, Paul Henry, et al. *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. 2ª ed. São Paulo: Harbra, 1988.
- OLIVEIRA, Abel Costa de. *Francelmo: Morreu um defensor da vida*. Coalizão Rios Vivos.Ecoa–Ecologia e Ação, 2005.Disponível em <http://www.riosvivos.org.br/canal>
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

VASCONCELOS, Isabella Freitas Gouveia de; VASCONCELOS, Flavio C. *Gestão de Recursos Humanos e Identidade Social: Um Estudo Crítico*. In: RAE Revista de Administração de Empresas. Vol 42 nº 1. São Paulo: FGV. EAESP, 2002. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar>.

WIKIPEDIA. *Homenagem*. Enciclopédia livre. Categoria: Sociedade. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homenagem>

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

“Família – Uma Trajetória de Descobertas e Conquistas Compartilhadas”

Unidade Educacional:

CEI Américo de Souza

Responsáveis:

Cláudia Aparecida Nunes de Moraes, Lúcia Fernandes da Silva, Núbia Regina de Almeida e Silvia da Conceição Alonso

PÚBLICO-ALVO

Projeto desenvolvido no ano de 2007 com um grupo de crianças com faixa-etária de 2 a 3 anos (Mini-Grupo), no Centro de Educação Infantil Américo de Souza. Com um agrupamento de 24 crianças e duas educadoras por período, em parceria com as famílias.

JUSTIFICATIVA

A opção por desenvolvermos um trabalho junto à família partiu de um processo de investigação, onde constatamos que as famílias tinham expectativas, concepções e controvérsias a respeito do trabalho desenvolvido no CEI. Decidimos então investir fortemente nas ações de estreitamento das relações com as famílias.

Acreditamos que essa parceria inicia-se no ato da matrícula, onde temos um contato inicial com os responsáveis – momento em que são solicitadas informações sobre a criança, seus hábitos, sua rotina no ambiente familiar e também as expectativas em relação ao desenvolvimento da criança e o trabalho que a instituição deve realizar. Estes dados quando bem interpretados, nos dão dicas essenciais para um maior conhecimento das crianças e seus familiares.

OBJETIVOS

- Aproximar as famílias envolvendo-as no cotidiano do CEI para que possam conhecer, valorizar e contribuir com o trabalho desenvolvido;
- Acolher bem as famílias e as crianças para criar vínculos de confiança;

- Potencializar o processo de socialização das crianças com atenção aos sentimentos, emoções e suas individualidades (ao respeitar e valorizar os rituais específicos de cada um);
- Aprender com eles – crianças e famílias;
- Dar vez e voz as famílias.

CONTEÚDOS E PROCEDIMENTOS

Trabalho de cooperação, participação e envolvimento.

Desde a inauguração do CEI em 1992 até 2004, enfrentávamos muitos problemas com as famílias que desconheciam completamente nosso trabalho, o contato com as famílias acontecia durante as reuniões de pais, onde os assuntos eram sempre referentes aos pertences das crianças saúde, higiene e comportamento, enfim muitas cobranças, ou em eventos – festas e ainda na hora da entrada, pois na saída, as crianças com exceção dos bebês, eram chamadas por um funcionário que ficava na portaria para controlar a saída e garantir a segurança de “todos”.

A partir da solicitação de avaliações anuais da Unidade junto aos familiares foi possível ter um diagnóstico e assim avançar em nossas práticas ao considerarmos esses registros como subsídios para o replanejamento de nossas metas e ações para o ano seguinte. Refletir sobre as avaliações feitas pelas famílias nos fez repensar e criar estratégias para investirmos nas relações por meio de ações.

A equipe gestora por sua vez nos faz avançar em nossas práticas convidando-nos a refletir e, sobretudo desenvolver ações que possibilitassem a entrada das famílias nos espaços do CEI como forma de aproximação para conhecerem o trabalho e o que é mais importante, trazer essas famílias para interagir e transformar esses espaços. A princípio, tentamos expor o desenvolvimento da criança nos espaços do CEI, essa foi uma estratégia para a divulgação do trabalho e uma forma de valorizar os fazeres infantis. Outro aspecto igualmente importante é o convite às famílias para participarem das atividades de contar história, ou outras habilidades como culinária e artesanato.

Uma das ações efetivas foi repensar a entrada e saída das crianças, os familiares passam então a deixar e retirar as crianças na sala. Começa então um contato das famílias com as educadoras com as crianças e com outras famílias. Podemos destacar como avanço a qualidade nos eventos desenvolvidos no CEI, como os “Encontros de Pais”, que têm como finalidade a troca, normalmente focamos as dificuldades do nosso dia-a-dia para desenvolvermos ações onde as próprias famílias se posicionem apontando possíveis sugestões. Os Encontros são acolhedores e pensados carinhosamente de modo que os participantes sintam-se a vontade para atuarem como protagonistas do processo.

Durante muitos anos nossas reuniões eram sem vida, com pouca participação dos pais. O espaço era somente da educadora que comandava orientando e ensinando. Nosso maior desafio era garantir a frequência desses familiares. A partir de discussões entre as educadoras do agrupamento, da participação nas reuniões pedagógicas – orientadas pela

diretora e coordenadora e muitas vezes com a participação de palestrantes, nos sensibilizamos e passamos a ter um novo olhar para esses momentos junto às famílias.

Conforme Weikart é necessário acolher a criança para criar vínculos de confiança onde se possa perceber e valorizar a participação para a melhoria da qualidade nos nossos trabalhos, trazer a arte familiar ao ambiente de educação e aprender com eles (famílias e crianças), conhecer os interesses da família.

Os Encontros Bimestrais de pais são pensados pela equipe de educadores do agrupamento e apoiados por todos os outros membros da Unidade. São organizados para acolher os participantes de modo que se sintam à vontade para atuarem, pois a ausência das famílias nas reuniões de pais ou a pressa de ir embora, nos fez pensar em intervir de modo a nos questionarmos se houve uma preparação para este momento, se estas famílias se sentiam acolhidas, ou de que forma trataríamos de assuntos complexos (uso de maquiagem, problemas de higiene, brincar de bonecas, mordidas e tapas, entre outros)?

Ao introduzirmos o espaço da beleza, a partir de fortes interesses das crianças por esmaltes, batons, pentes, espelhos, roupas, calçados e fantasias, nos deparamos com problemas quanto a aceitação das famílias. Procuramos estratégias para tratar deste assunto sem imposição, mais ouvindo os depoimentos do que expondo nossos pontos de vista. Sugerimos no nosso terceiro encontro que os familiares escolhessem uma fantasia para participarem do momento de contar história. Escolhemos a obra “O menino que brincava de ser” (Martins, 2000), que trata da relação entre brinquedo e gênero, por meio da história dramatizada com o uso de fantoches para que as famílias discutissem e se posicionassem sobre a necessidade de se tratar com equidade as questões de gênero e brincadeira.

A leitura de Homann e Weikart (2004) “O Envolvimento das Famílias no ambiente de aprendizagem pela acção”, nos fez avaliar, planejar desde o ambiente onde as famílias seriam recepcionadas até a forma como compreendemos as relações que se estabelecem no cotidiano.

Desta forma, preparamos durante os encontros mesas com flores, alimentos, sucos, disponibilizamos cadeiras, poltronas e almofadas; pois assim como as crianças, suas famílias precisam sentir-se acolhidas. Para dar vez e voz às famílias no primeiro encontro convidamos os pais para registrar este momento, e a aceitação foi tamanha que nos demais eles se prontificavam imediatamente para realizar o registro de suas impressões demonstrando entusiasmo e satisfação.

Antes do encontro, Kátia relata: “- O Denner acordou muito cedo, tem comentado sobre este registro com muito orgulho, não via a hora de chegar ao encontro” (Kátia – esposa do Denner)

Registro da ata do 3º Encontro de Pais: maio/2007:

(...) eu, Denner Christian Bilotti, agradeço as educadoras pela oportunidade de relatar o 3º Encontro de Pais e muito feliz seguirei.

Começamos o nosso 3º Encontro de Pais com a Srª Vaniete (mãe do Maicon) apresentando uma linda história e aproveitou para ler e emocionou todos os

pais. A mamãe da Larissa e os pais se posicionaram sobre o texto e a Dona Vanessa salientou que não precisa nem de marido para ser feliz. As mães estão começando a se comunicar, está ficando legal.

Bom encerrando este 3º encontro de pais que por sinal foi um final de tarde muito produtivo para todos nós, mais uma vez relato que estou muito feliz de ter participado e contribuído com a minha boa ação. Com muito carinho encerro este 3º encontro de pais no CEI Américo de Souza.

(Livro de Registro de Encontros com os Pais, 2007: 73).

Essa atuação muda não só a concepção, mas garante a qualidade dos eventos desenvolvidos no CEI, especialmente nos encontros de pais, que deixam de ser somente reuniões com pais, transpondo as dificuldades do cotidiano (roupas e organização da mochila, brinquedos, objetos achados e perdidos, questões de saúde e higiene), que são tratadas agora no dia-a-dia nos horários de entrada e saída das crianças e por meio das agendas, para o envolvimento conjunto das famílias também no processo de avaliação do desenvolvimento da criança, e nas questões educativas, posicionando-se e apontando sugestões, que sejam indicadoras de mudanças, como forma de valorizar a dinâmica positiva que se instituiu entre família e CEI.

AÇÕES DESENVOLVIDAS

Nossos laços se fortalecem a cada encontro de pais, em que eles podem contribuir com sugestões, informações, dicas e mobilizações concretas.

Organizamos da seguinte forma: no primeiro Encontro, ainda no início do período de adaptação das crianças, temos o compromisso de apresentar a rotina do CEI, com os horários de alimentação e de atividades. Para maior segurança e confiança das famílias, apresentamos DVDs e vídeos dos movimentos das crianças no interior do CEI deixando-os a vontade para questionarem, opinarem e assim participarem ativamente dessa rotina. Tentamos sensibilizá-los quanto às dificuldades que enfrentamos no período de adaptação, onde a criança passa por dificuldades e, portanto apresenta reações inesperadas como o choro ou a mordida, desse modo, sugerimos flexibilidade nos horários de entrada e saída das crianças de acordo com suas necessidades, solicitamos pertences, brinquedos ou objetos que lhes transmitam segurança ou que lembrem o ambiente familiar (fotografias de seus familiares, chupeta, pertences da mãe, do pai ou de um responsável, brinquedos de sua preferência, etc.)

Descobrimos que cada criança tem seu tempo e por isso agimos de forma diferente utilizando diversas estratégias dentro desse contexto. O objeto transicional está muito presente nesse período.

Segundo D. W. Winnicott que observou e trabalhou com crianças:

“Quando estamos falando em separação e situações novas a criança experimenta angústias, medo e desamparo, e o “objeto transicional” serve como suporte, um apoio para a criança. Este objeto é escolhido pela criança não é imposto pela mãe e nem por nada externo a ela. Esta passagem deve ser gradual. O papel do educador é ajudar a criança a criar outros interesses

mostrando a criança que não está em situação de perigo ou ameaça para que precise se agarrar a este objeto”. (Winnicott, 1975: 17).

Outra forma de tratar essas questões foi oferecendo o café da manhã na sala nas terças e quintas-feiras – dias planejados para o início da criança no CEI, sempre com previsão de recebermos 3 crianças, essa foi a forma que encontramos para dar maior atenção às crianças e seus familiares. Nestes dias as educadoras da tarde participavam do café, pois nos preocupávamos com as reações das crianças ao acordarem e se depararem com pessoas estranhas. Estas observações foram feitas nos anos anteriores, onde as crianças dormiam com uma educadora e ao acordarem encontravam pessoas estranhas, suas reações eram de choro e desconforto.

No café da manhã, algumas famílias sentiam a necessidade de permanecer na sala por mais tempo e utilizávamos esses momentos para trocarmos informações e oferecer-lhes livros do nosso acervo. Percebemos envolvimento de muitas mães que mesmo após o período de adaptação continuavam contando histórias para as crianças. Essa interação é significativa para nós educadoras e para as crianças que crescem e ampliam suas experiências junto ao grupo.

Impressões dos familiares no livro de ata – a cada Encontro um membro da família se propõe a registrar o Encontro deixando suas impressões.

Doações diversas (rede, confecção de cortinas, tecido) – ao longo do ano contamos com a colaboração das famílias que assim como nós empenharam-se em organizar os espaços do CEI.

Construção coletiva do painel de livros – nossos livros ganharam mais visibilidade após o envolvimento da família ao construírem um porta livros.

Confecção coletiva da capa do caderno de memórias – o caderno de memórias foi elaborado pela equipe e tem a finalidade de apresentar às famílias os projetos desenvolvidos com a criança, junto com os registros escritos e fotográficos está um DVD com fotos das crianças em movimento dentro do CEI, desse modo os familiares que não freqüentam o CEI, têm a possibilidade de conhecer o trabalho. Nesse caderno as famílias expõem suas opiniões, dúvidas, insatisfações e realizações por meio de registros escritos ou fotográficos.

Colaboração na decoração do tampo da mesa do refeitório com fotos das famílias – focando o acolhimento da criança e sua família, encapamos no primeiro encontro de pais as mesas do refeitório com fotografias das crianças junto às famílias.

Disponibilidade em participar de leituras, histórias e contribuição com mensagens – apreciamos as mensagens enviadas pelas famílias e procuramos partilhar com outras pessoas nos Encontros ou enviando pela agenda da criança.

Visita a sala de atividades para diagnóstico – no início do ano partimos da fala de uma mãe “essa sala está fria e sem atrativos” (Eunice – mãe do Davi Moríá) e propusemos à equipe de pais que olhassem para a sala de atividades auxiliando-nos a operar mudanças, esse contato foi fundamental para entendermos as concepções das famílias quanto ao espaço. Isso nos instigou a reformar a sala e introduzirmos objetos de acordo com os

interesses das crianças. Participamos com a mão-de-obra revestindo, retirando a lousa, lixando paredes e pintando.

O espaço transformou-se em um ambiente revelador de identidades, entre decorar a sala para as crianças e oferecer atrativos ou transformá-la em um ambiente desafiador que possibilitasse a construção de conhecimentos, optamos pela segunda alternativa, hoje este ambiente está mais aconchegante e caracteriza uma construção coletiva e mais próxima da realidade das crianças.

Empréstimo de livros que se estendeu também às famílias – muitas crianças queriam levar os livros para casa, assim iniciamos o projeto leitura que levou às famílias diversão, cultura e entretenimento, essa ação possibilitou ainda a inserção de diversos portadores de textos na sala de atividades que muito contribuiu com o projeto desenvolvido sobre os alimentos. As crianças traziam folhetos de mercado que aos poucos subsidiaram o trabalho com rótulos e embalagens. Nesse processo de letramento nossas crianças criavam e recriavam a todo instante, o que nos permitiu a elaboração do cardápio de forma mais ilustrada e atraente.

Flexibilidade para que as crianças trouxessem seus pertences, brinquedos ou objetos de afinidade especial sem especificar um dia – a criança como um ser brincante, brinca aprendendo e aprende brincando, por isso compreendemos que todo dia é dia de brincadeira e passamos a “abrir as portas” do CEI diariamente para que esse brincar acontecesse em todos os momentos.

Compartilhando experiências, a Eunice (mãe do Davi) nos ensinou o processo de confecção do fuxico e com isso multiplicamos com as outras famílias para a construção coletiva de um tapete de histórias – aprendemos diariamente com as crianças e suas famílias. Nesse movimento os saberes são partilhados e aprendemos na interação com o outro.

Falas das crianças sobre o tapete de fuxicos:

Jully Haisla “foi minha mãe que fez”; Ana Paula “é o tapete mágico”; Samira “Vamos colocar lá no cantinho”; Maicon “É pra deitar”; Samira “Vamos levar no pátio”; Ruan “Não, lá no outro pátio”. (Diário de Bordo - 2007- p.188)

Participação da família em encontros de formação e em reuniões pedagógicas (com educadores e gestores em parceria com a família) – uma das metas da Unidade estabelecida pelos servidores é a Integração da Família. Convidamos as famílias para participarem de reuniões pedagógicas ou mesmo nos grupos de formação, essa também foi uma estratégia para melhor conhecerem nosso trabalho, contribuírem com sugestões e manifestarem descontentamentos.

CONQUISTAS

Um clima apoiante do envolvimento familiar

Hoje conseguimos nos sentir bem com as famílias, já percebemos que há qualidade nos nossos diálogos e que estão a vontade para questionarem sobre o trabalho e fazerem observações sobre o desenvolvimento da criança, isso nos fez crescer profissionalmente.

Segundo Hohmann e Weikart: “Sentir-se bem com as famílias das crianças depende do estabelecimento de um clima de apoio no contexto educacional.” (Hohmann e Weikart 2004:104)

Hoje percebemos que passamos por um processo de metamorfose em relação aos nossos olhares quanto à inserção da família no CEI, valorizamos e consideramos seus talentos como essenciais para a qualidade do processo educativo.

Conseguimos maior aproximação da realidade da criança em todos os aspectos do seu desenvolvimento. Acolhemos e envolvemos as crianças e famílias no processo educativo preservando a identidade da criança conhecendo suas culturas, crenças e costumes. Possibilitamos que a família conhecesse e partilhasse do nosso trabalho, criando vínculos, favorecendo o bom relacionamento e a confiança mútua.

Descobrimos e valorizamos as habilidades das famílias. Desenvolvemos ações dentro de um contexto significativo e aprendemos sobre os valores e aspirações que as famílias têm para as suas crianças.

DESAFIOS

Aproximar as famílias foi uma conquista, o nosso próximo desafio é buscar alternativas que ampliem o conhecimento das famílias para melhor compreensão do trabalho e envolver a minoria das famílias que ainda não estão verdadeiramente engajadas.

São muitos os desafios, pois descobrimos que as famílias têm seus tempos, suas dificuldades e formas diferentes de viver, nem sempre participam do modo como esperamos. Aprendemos que suas contribuições acontecem não necessariamente por meio da presença. Compreendemos que qualquer membro da família representa essa comunidade apoiante que aos poucos se envolve e colabora.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Avaliações dos Familiares 2003/2004/2005 – CEI Américo de Souza
Caderno de Memórias Mini Grupo C/D 2007 - CEI Américo de Souza
Diário de Bordo Mini Grupo C/D – 2007 - CEI Américo de Souza
Fichas de Matrículas 2006 - CEI Américo de Souza
HOMAMN, M: Weikart. D - *Educar a Criança*. Lisboa, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian Educação, Dezembro 2004 – 3ª Edição
Livro de Registro de Encontros de Pais – Impressões sobre os registros de Encontros de Pais do Mini – Grupo C/D 2007
MARTINS, Georgina da Costa *O menino que brincava de ser* DCL 2ª Edição – São Paulo, 2000.
WINNICOTT, D. W. – *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975
ZABALZA, M.A - *Qualidade na Educação Infantil*. Artmed, Porto Alegre 1998

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

“Acolhimento e Adaptação – Um Caminho para Paz na Educação Infantil”

Unidade Educacional:

CEI Missionária Dorothy Stang

Responsáveis:

Eliane Prado Freire e Rosana Gonzaga Dobre Batista

INTRODUÇÃO

Este projeto, que na verdade tornou-se um processo dentro da Unidade, teve início em fevereiro de 2003 e aprimorou-se ao longo desses anos.

Inicialmente não havia a intenção de ser um Projeto propriamente e sim ações para amenizar o desajuste interpessoal entre pais e profissionais da Unidade, bem como o choro e insegurança das crianças no período de adaptação.

Eu sinto a flor da pele. Segurança quando você me abraça, quando me beija e me aconchega, quando conta uma estória e canta para mim. Alegria quando você está comigo, olha para mim, brinca comigo. (FRIEDMANN, pg.33)

O Projeto teve início alguns meses após a chegada da nova Direção a Unidade, sendo percebido “um mal estar” entre a comunidade e os profissionais da mesma e a dificuldade de adaptação das crianças. Assim, através do diálogo com o grupo de professores e profissionais em geral, num processo de sensibilização e conscientização dos mesmos, houve a introdução dos pais no processo de adaptação das crianças, com o intuito de que ficassem um período com as mesmas dentro do CEI e participassem efetivamente do processo educativo da rotina. Naquela ocasião não havia Coordenador Pedagógico, sendo assim o processo foi um pouco mais trabalhoso, devido à falta de tempo/ espaço para reuniões semanais com os profissionais, além de certa resistência do grupo em aceitar os pais dentro das salas e da Unidade por tanto tempo.

Após a chegada da Coordenadora, através da formação continuada dos profissionais, houve um avanço ainda maior neste processo e atualmente isso ocorre com mais tranquilidade, embora que, em todas as vezes que um novo professor chega à Unidade, há um estranhamento quanto a este procedimento, mas com o passar do tempo percebem que isso é importante para o conhecimento mais aprofundado sobre a vida das crianças e os costumes das famílias, sendo benéfico ao desenvolvimento do seu trabalho e conseqüentemente para o Projeto Pedagógico da Unidade.

OBJETIVOS

Os objetivos principais são:

- Minimizar o trauma das crianças causado pela separação da família.
- Diminuir o choro das crianças no processo de Adaptação no CEI.
- Estimular o aleitamento materno dentro da Unidade, ao permitir a entrada da mãe quando a mesma quiser amamentar seu filho.
- Apresentar e detalhar o trabalho realizado através de uma reunião de acolhimento com os pais e ou familiares das crianças recém matriculadas, sejam uma, cem ou mais pessoas.
- Diminuir o desajuste interpessoal de alguns membros da Comunidade em relação aos profissionais da Unidade, caso haja.
- Demonstrar a Transparência nas ações do CEI e desmistificar desta forma a imagem distorcida e às vezes errônea do senso comum, que algumas pessoas por vezes têm em relação aos CEIs.
- Proporcionar aconchego às crianças para que sintam segurança ao ficarem na Unidade.
- Proporcionar a interação entre funcionários e comunidade, a fim de que este último sinta segurança e confiança no trabalho realizado.
- Por fim, tornar um ambiente mais harmonioso e tranquilo com o intuito de proporcionar uma verdadeira cultura da PAZ entre todos os envolvidos.

JUSTIFICATIVA

Em virtude da necessidade de uma adaptação mais tranquila às crianças e a diminuição e/ou extinção do desajuste interpessoal, principalmente por parte das famílias em relação aos profissionais da Unidade, optou-se em promover a integração/ aproximação dos familiares com o trabalho educativo do CEI e desta forma trazer aconchego às crianças.

A diminuição dos fatores citados, são fundamentais à segurança das crianças e seus pais e uma relação de confiança entre as partes envolvidas.

O fundamento da segurança é a confiança, sem ela o crescimento posterior repousará em areias movediças afetando todo o desenvolvimento futuro (BRIGGS, p. 72).

METODOLOGIA

No momento da matrícula os pais são atendidos individualmente com tranquilidade e prestam todas as informações necessárias referentes aos seus filhos, tais como fichas cadastrais de endereços e telefones, ficha social e de saúde. No ato da matrícula os pais recebem um folheto explicativo sobre as normas gerais da unidade, e são informados

sobre o esquema de adaptação e convidados a participarem de uma reunião com a Diretora e Coordenadora da unidade, até o presente momento, a partir das próximas reuniões contaremos com a presença da nutricionista.

No dia da reunião há uma conversa com os pais sobre todo o trabalho realizado no CEI, tais como, questões: pedagógicas, burocráticas, nutricionais, saúde, rotina, normativas e demais assuntos que os mesmos quiserem questionar, não há tempo estipulado para o término da reunião, os pais poderão ficar até sanarem quaisquer tipos de dúvidas e ainda são esclarecidos quanto aos horários da Diretora e Coordenadora Pedagógica e orientados a procurá-las em caso de dúvidas, reclamações ou qualquer assunto que queiram abordar, são levados a conhecer todos os professores e demais funcionários, além da visita a todos os espaços da unidade normalmente em funcionamento, são informados ainda que após o período de adaptação eles terão transito livre para entrar na sala(s) e deixar seu(s) filho(s) com a professora, bem como retirá-los da mesma forma, dentro dos horários e critérios estabelecidos pelas normas da Unidade, salvo horários diferenciados por necessidade, a serem combinados com a Direção a fim de não prejudicarem a rotina das crianças e do CEI.

As questões da adaptação são tratadas neste momento, o Projeto/ Processo, consiste na permanência de um membro da família: mãe, pai, avós, tios ou alguém muito próximo à criança dentro da Unidade, bem como nas salas literalmente, em horários pré-acordados e alternados (para que pais e crianças tenham contato com as professoras da manhã e tarde), no mínimo de dois a cinco dias, no processo de adaptação da criança e conseqüentemente das famílias. (Este tempo poderá ser diminuído ou aumentado de acordo, com as necessidades da criança, prioritariamente, bem como de seus familiares).

Alguns pais quando não podem participar deste processo devido ao trabalho, são orientados a mandarem outra pessoa da família ou alguém muito próxima à criança, raramente temos problemas quanto a isso e algumas vezes pai e mãe querem participar juntos e quando possível são atendidos, a fim de que a adaptação seja tranqüila e não torne a rotina do CEI tumultuada, devido ao excesso de pessoas.

Nesta reunião o objetivo é deixar claro à comunidade a transparência nas ações da unidade e desmistificar alguns preconceitos sobre “creche” arraigados em algumas pessoas.

RESULTADOS

Muito positivos, em seis anos de Projeto o índice de reclamações de nossa Unidade na DRE é de 0,27 %, ou seja, 2 pessoas que por razões pessoais não tiveram condições de participarem das reuniões de acolhimento, bem como do processo de adaptação. Além do bom relacionamento, respeitoso e cordial, dos pais com professores, diretor, coordenador pedagógico e demais profissionais.

A comunidade avalia a unidade semestralmente através de um instrumental escrito, desta forma podemos verificar que as mesmas são muito positivas, além das atitudes demonstra

através de atitudes e das avaliações escritas, realizadas semestralmente, que está satisfeita com o trabalho realizado na Unidade.

CONCLUSÃO

Após alguns anos do caminhar deste projeto, percebe-se que houve uma mudança substancial na forma de relacionamento com as famílias, desta maneira pode-se concluir que ao permitir o envolvimento das famílias dentro das salas e no CEI de uma forma geral, no acolhimento e na adaptação das crianças e delas próprias, constituiu-se um novo estilo de participação na unidade, ou seja uma pró - atividade dos atores sociais, que interagem neste local e que nos ajudam paulatinamente a proporcionar a construção e reconstrução de um ambiente gerador de uma instituição pública inovadora, que nos desafia a agir com integralidade, transparência e ética a todo momento e a qualquer hora do dia dentro do CEI.

É possível inferir ainda que, através do envolvimento das famílias no cotidiano da Unidade há a contribuição dessas na desconstrução de teorias e saberes arraigados ao longo do tempo, assim a possibilidade da participação crítica e autônoma nos lança desafios e nos indica caminhos; a Gestão democrática é um deles.

A inserção da comunidade dentro dos espaços da Unidade, acaba por provocar alterações na forma de pensar as concepções de educação, gestão e organização da unidade, difundidas através dos tempos no inconsciente coletivo de todos nós, o que nos leva a refletir sobre qual o papel fundamental da instituição pública enquanto espaço de participação democrática.

Enfim este Projeto traz um novo cenário para nossa Unidade, traz a tona pontos e contrapontos de velhos e novos paradigmas da Gestão e organização da Educação, que nos desafia a exercitar e aprender novas formas de gestar, superar limitações, buscar a paz nas relações e desta forma pensar a unidade através de um olhar diferenciado e porque não dizer novo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069/90. 3ª ed. São Paulo: Saraiva. 1990.
- BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, Brasília, DF. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para educação Infantil*. Brasília:ME/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Crêterios para o atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília: MEC, 1995.
- BRIGGS, Dorothy Corkille, *A Auto – Estima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- FRIEDMANN, Adriana; CRAEMER, Ute. *Caminhos para uma Aliança pela Infância*. São Paulo: Aliança pela Infância, 2003.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Cuidar da vida lendo o mundo”

Unidade Educacional:
CEU EMEI Navegantes

Responsável:
Paulo Gonçalo dos Santos

OBJETIVOS

O Projeto “*Cuidar da Vida Lendo*” o Mundo foi elaborado a partir do entendimento de que a Leitura e a Escrita representam muito mais do que comunicar-se ou reconhecer símbolos, a leitura e a escrita são os principais elementos de inserção social no mundo. Por meio da leitura e da escrita a criança passa a ter acesso à cultura letrada de sua comunidade, e é por meio da leitura e da escrita, também, que o universo de informações se expande e ultrapassa os limites da escola, dando às crianças autonomia para ler o mundo que a cerca.

Paulo Freire (1970; 1979) nos fez entender o poder revolucionário da leitura e da escrita, ao afirmar que “ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la”. Essas idéias do educador brasileiro suscitaram as discussões acerca da concepção de “leitura do mundo”, que ultrapassa a simples decodificação de símbolos e abarca o componente político e social da leitura e da escrita, na medida em que o sujeito letrado adquire condições de atuar na sociedade de modo consciente e transformador. Paulo Freire acreditava que a leitura e a escrita se tornam instrumentos indispensáveis para a organização do pensamento reflexivo, desenvolvendo, assim, a consciência crítica dos sujeitos.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se em uma experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação (Carta de Paulo Freire aos Professores).

A partir das discussões de Paulo Freire, surgiu no cenário educacional o conceito de letramento, como resultado de uma necessidade de se ampliar o conceito de alfabetização, que não contemplava todos os fenômenos relacionados à aquisição da

leitura e da escrita. O termo alfabetização corresponde somente à decodificação de códigos e signos, descontextualizada e estanque. Por esse motivo, um novo termo foi criado, assim, o conceito de Letramento passou a se desenvolver referindo-se ao processo de inserção da criança no mundo letrado, compreendendo a leitura de mundo que a criança já possui ao ingressar na escola e a possibilidade de ampliação dessa leitura a partir do reconhecimento dos sinais gráficos que representam os sons (palavras) com as quais os sujeitos se comunicam.

Assim, o trabalho desenvolvido na EMEI CEU Navegantes tem como foco promover o desenvolvimento da leitura e da escrita como prática social desencadeadora de todas as outras aprendizagens.

DESCRIÇÃO DO PROJETO INFORMANDO QUANTO À METODOLOGIA UTILIZADA

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta.

E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para nos implicam “reescrever” o mundo.

Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo.

A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação

do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo.

A metodologia que norteia todo o trabalho da EMEI CEU Navegantes se apóia nos princípios teóricos discutidos e se pauta em uma prática voltada para a pesquisa e descoberta das crianças. As atividades se organizam em Oficinas, tendo como fundamento a experiência prática das crianças em cada uma das áreas de ensino.

Centrado na pesquisa realizada pelas crianças, com o acompanhamento do professor, a oficina é planejada minuciosamente, mas é totalmente flexível às descobertas e interesses das crianças. O Professor planeja sempre tendo em mente um objetivo educacional a ser atingido ciente, também, da função social, às vezes oculta, das atividades desenvolvidas. Trata-se, portanto, de um espaço interativo destinado ao desenvolvimento de conhecimentos, de habilidades e de competências, sob orientação de um professor mediador que traz dicas e propostas específicas para o trabalho das crianças.

A partir de atividades propostas pelo professor, as crianças produzem, acompanham a produção dos colegas, trocam comentários entre si e, o professor comenta a produção das crianças e elabora materiais de apoio para ajudá-las a se aprimorar cada vez mais. Portanto, cabe ao professor definir as características da oficina, propor tarefas para orientar o trabalho das crianças, comentar a produção feita, além de oferecer dicas que auxiliem sua produção. Considerando estas atribuições, o professor tem uma dupla característica: conhecer bem os processos do que está produzindo e; ter facilidade para uso das ferramentas necessárias.

As Características básicas de nossas Oficinas são:

O foco desloca-se do conteúdo transmitido para a experiência compartilhada.

É centrada na interação dos participantes entre si, e entre o professor.

Objetiva desenvolver conhecimentos científicos, habilidades e ampliar competências e potencialidades.

É sempre realizada através de atividades práticas, em grupo ou individuais.

É uma vivência rica e prazerosa.

Apóia-se em discussões realizadas pelo grupo com a finalidade de avaliar e direcionar o trabalho.

O cotidiano na EMEI CEU Navegantes se organiza em torno de elementos da rotina diária voltados para o desenvolvimento de conhecimentos científicos, para o desenvolvimento de habilidades físicas e corporais e, para a livre expressão das emoções. A rotina diária tem como elementos os seguintes momentos:

- Roda de Conversa e Roda de Leitura
- Rodas de Conversas e Leituras aos Sábados com pais e responsáveis.
- Brincadeiras
- Oficina de Meio ambiente (reciclagem)
- Oficina de Cultura

A organização das Oficinas parte dos princípios estabelecidos por Paulo Freire acerca do Círculo de Cultura. Para esse educador o Círculo de Cultura se constitui em uma prática educacional em que o professor, metaforicamente colocado no círculo na mesma posição dos alunos, assume verdadeiramente o papel de co-construtor da aprendizagem, contrário à posição de detentor do saber. Desse modo, assume-se uma posição de educação libertadora voltada para a descoberta e autonomia das crianças.

O Círculo de Cultura se organiza em torno da idéia de aprendizado coletivo, e não individual, no verdadeiro exercício da leitura do mundo. No Círculo de Cultura, ensino e aprendizagem se constituem de forma indissociável, em que se desvelam modos próprios, coletivos e populares, de pensar e de atuar no mundo, e é por meio da coletividade que a individualidade de cada um vai se tecendo.

O Círculo de Cultura tem como objetivo desencadear o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita por meio de discussões e debates sobre questões relacionadas ao cotidiano infantil. São trazidos a tona temas desde conhecimentos sistematizados até questões referentes à prática social para o exercício da cidadania, voltado para a participação política, mesmo que nos primeiros anos de vida.

AVALIAÇÃO DO SUPERVISOR ESCOLAR

Desde que acompanho através da Supervisão o trabalho da EMEI CEU Navegantes pude perceber o compromisso com a comunidade escolar, e o respeito ao tempo das crianças.

O primeiro semestre letivo de 2008 me mostrou claramente como a escola se inspira no pensamento do Professor Paulo Freire, é nítida a busca pela transformação do espaço escolar, e é visível que o sonho de ter uma escola pública de qualidade e sobretudo FELIZ está dentro do trabalho desenvolvido por esta Unidade de Ensino.

Em anexo sugeri que enviasse meu termo de visita, escrito após assistir ao encerramento dos trabalhos em julho do corrente ano, a participação da comunidade e o resgate de valores ficou explicitado, para terem idéia foram 600 pais assistindo a apresentação que fazia um resgate de canções das diversas regiões do Brasil.

O pensamento do Professor Paulo Freire continua vivo e se faz presente no cotidiano escolar desta comunidade da periferia de São Paulo.

Altemira M^a Batista Marcilio, Supervisor Escolar

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“O Brincar, Cantar e Dançar Ensinam os Pequenos”

Unidade Educacional:
CEI Raquel Zumbano Altman

Responsável:
Adriana de Almeida Passos

Objetivo

Todas as ações têm por objetivo não só o cuidar como também o educar. O ideal é que a criança aprenda brincando e o papel de todos os educadores é o de viabilizar sempre o desenvolvimento da criança para que esta cresça bem e com capacidade para enfrentar novas situações e de oportunizar à criança, através do brincar, das diversas linguagens expressivas e artísticas, elaborar e construir sua identidade pessoal, grupal e cultural, de forma eficaz, feliz e com experiências significativas.

DESENVOLVIMENTO

Fase 1 – Apresentação no Teatro do CEU V. Atlântica

Fase 2 – Festa do Dia das Mães: participação de grupo de violeiras

Fase 3 – Ateliê: onde a criança se desenvolve brincando

Fase 4 – Café com música: começando bem o dia

Fase 5 – Teatro: Interpretando a história da Chapeuzinho Vermelho

Desde agosto do ano de 2007 o CEI Raquel Zumbano Altman vem trabalhando com as crianças por meio de brincadeiras, linguagem musical e corporal (canto e dança), teatro, do envolvimento dos pais nas festas da unidade, considerando o desenvolvimento das crianças até mesmo nos momentos de descontração, estimulando a leitura enquanto elas brincam.

Todos os funcionários se envolveram em diversas atividades, principalmente nas encenações teatrais do CEI e na apresentação da festa de encerramento em dezembro passado no Teatro do CEU V. Atlântica com o tema Monteiro Lobato.

Fase 1 – Apresentação no palco do Teatro CEU V. Atlântica

Em todo o segundo semestre de 2007 as professoras e demais servidores se empenharam para preparar a festa de encerramento no mês de dezembro.

Inicialmente foi pensado no tema Monteiro Lobato, o qual foi aceito pela maioria dos funcionários. O local escolhido para a nossa apresentação foi o Teatro do CEU V. Atlântica.

Contamos com a excelente estrutura do referido teatro e com a animação das crianças e pais durante a fase de elaboração e de ensaio dos pequenos.

O corpo docente se responsabilizou pelas interpretações dos alunos, cada grupo desde o berçário apresentou-se com as músicas temas do Sítio do Pica-Pau Amarelo, interpretando as personagens: Emília, Visconde de Sabugosa, Saci, Tia Anastácia, Pedrinho e Narizinho, D. Benta.

A abertura foi com a vovó D. Benta contando histórias para os bebês (os berçários). Em seguida foram se apresentando os Mini-grupos e Estágios dançando e interpretando cada grupo personagens diferentes de Monteiro Lobato.

Encerramos com os funcionários e crianças no palco com a música Lindo Balão Azul (ao final da música caíram balões coloridos do alto do palco). Ver anexo: filme em DVD.

Metodologia: Uso da linguagem corporal

Utilização da música e da dança propiciando às crianças uma possibilidade maior de contato com a linguagem oral e de expressão corporal à medida em que elas repetem os movimentos ensinados pela professora enquanto dançam, dando-lhes “progressivo reconhecimento do próprio corpo e das diferentes sensações e ritmos que produzem.” (Referencial Curricular Nacional/MEC Vol.2, p. 29)

Ao dançar elas “aprendem sobre o mundo, sobre si mesmas e comunicam-se pela linguagem corporal”, ao mesmo tempo em que ganham noção de espaço e interagem socialmente. (Referencial Curricular Nacional/MEC Vol. 2, p. 25).

Fase 2 – Festa do Dia das Mães e o grupo de violeiras

Nesta festa de comemoração ao dia das Mães contamos com a participação da comunidade e dos funcionários. Contamos também com a presença especial de um grupo de senhoras que tocaram violão e cantaram em homenagem às mães.

A linguagem musical é sempre utilizada, pois mexe com o imaginário e o emocional não só das crianças como com o dos adultos. Ver anexo: fotos em CD-R.

Metodologia: Construção de Vínculos

Utilizando-se novamente a música, nas festas abertas à comunidade, a criança interage e brinca com quem ela estabelece uma forte relação afetiva (a construção de vínculos), além dos pais ela se relaciona com “o outro” que são as outras crianças, as professoras e demais funcionários, os familiares de seus amiguinhos, expandindo seus campos de ação e “garantindo acesso a um grande conjunto de informações que este outro lhes proporciona.” (Referencial Curricular Nacional/MEC – Vol. 2, p. 17)

Fase 3 – Ateliê: onde a criança se desenvolve brincando

O objetivo da montagem do Ateliê é fazer com que a criança aprenda brincando, ou melhor, vivendo um faz-de-conta.

Neste espaço, montado pelo corpo docente, as crianças se divertem numa mini-casa com direito à sala-de-estar, cozinha, dormitório e escritório, juntamente com o Cantinho da Leitura, o mini-mercado, a oficina com ferramentas de conserto e a arara com as fantasias. Ver anexo: filme em CD-R, Vídeo Ateliê.

Metodologia: Vivendo o faz-de-conta

No Cantinho da Leitura estimula-se o contato e manuseio dos livros incentivando à leitura e despertando a curiosidade natural da criança.

Na mini-casa elas podem interagir brincando de “mamãe, papai e filhinho”, ou seja, viver um mundo de faz-de-conta, inclusive no Cantinho das Fantasias onde fica a arara com fantasias penduradas próxima ao espelho, além do mini-mercado e da oficina

onde elas vivenciam o faz-de-conta das compras no mercado e dos consertos com as ferramentas de brinquedo.

“Brincar constitui-se em uma atividade interna das crianças, baseada na imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira.” (Referencial Curricular Nacional/MEC – Vol. 2, p. 23). E é isto que as crianças vêm aprendendo neste CEI ao demonstrarem ser capazes de escolher e explorar diferentes brinquedos e espaços, o interesse em interagir com o outro e vivenciando as regras de convívio social.

Fase 4 – Café com música: começando bem o dia

Neste primeiro semestre realizou-se o trabalho com música durante o café-da-manhã com os alunos.

Uma de nossas professoras alegra o início do dia cantando e tocando violão, no refeitório, com as crianças a partir de 2 anos e corpo docente participando todos os dias desta pequena festividade. Ver anexo: filme em CD-R, Vídeo café com música.

Metodologia: Soltando a imaginação através da música/linguagem

Além de trabalhar novamente com a construção de vínculos (interagindo com o outro), através da linguagem a criança tem “acesso a outras realidades, sem passar necessariamente pela experiência concreta”. (Referencial Curricular Nacional/MEC – Vol. 2, p. 24).

O repertório musical infantil é uma fonte enorme de informações culturais, as quais somam-se à sua vida cotidianamente.

E é na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, possibilitando formas diversas de compreender o real e adquirindo valores crenças e conhecimentos, inclusive através da música que pode levá-las a mundos distantes e imaginários.

Nesta atividade elas participam acompanhando a professora em seus gestos e praticando a linguagem ao cantarem, ou interagindo entre si.

Fase 5 – Teatro: Interpretando a história da Chapeuzinho Vermelho

Durante o 1º semestre de 2008 todo corpo docente realizou um processo de “contação de histórias” e os alunos elegeram a “Chapeuzinho Vermelho”. A partir daí, as professoras providenciaram as vestes para o teatro, o cenário e as mesmas interpretaram as personagens da história infantil.

Anteriormente à apresentação, cada personagem “visitou” as crianças em dias diferentes, percorreram todo o CEI brincando e distribuindo pequenas guloseimas a elas. Vieram a vovó, o lobo mau, a mãe da Chapeuzinho, o caçador e finalmente a Chapeuzinho Vermelho.

No dia da apresentação os funcionários montaram o cenário, as crianças ficaram sentadas no refeitório onde foi interpretada a peça. Ver anexo: fotos em CD-R

Metodologia: A linguagem teatral

O teatro é outra forma de interação social com as crianças, construindo vínculos e reportando o aluno ao mundo do faz-de-conta. Eles desenvolvem a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Cria-se um cenário no qual as crianças aprendem não só a imitar a vida, como também a transformá-la.

No faz-de-conta elas “enriquecem sua identidade, pois experimentam outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens.” (Referencial Curricular Nacional/MEC – Vol. 2, p. 23).

RESULTADO

Os resultados alcançados foram excelentes, visto que nossas crianças vêm progredindo, cada vez mais, desenvolvendo sua identidade e ganhando maior autonomia, ao demonstrarem que são capazes de elaborar e colocar em prática suas fantasias e conhecimentos e até mesmo de solucionar pequenos problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral - organizadoras – *Territórios da Infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas* – Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Vol. 2 – Formação Pessoal e Social* – Brasília: MEC/SEF, 1998.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Biblioteca Itinerante – Leve esta idéia para casa”

Unidade Educacional:
CEI Penha

Responsáveis:
Luzia Silva de Almeida, Rosana Auricchio e Zelinda Rodrigues Franco

JUSTIFICATIVA

O projeto teve como meta transpor os muros do Centro de Educação Infantil Penha, através do acervo literário enviado pela Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo em 2007.

Envolvida no mundo de fantasia, a família juntamente com a escola incentivaria o hábito da leitura através das diversas atividades pedagógicas propostas pela Biblioteca Itinerante.

O objetivo maior era garantir o acesso das crianças aos livros para que a partir da leitura pudessemos formar cidadãos proativos e críticos, que através da ação/reflexão/ação conseguissem transformar a sociedade derrubando barreiras e quebrando paradigmas.

OBJETIVOS

- Desenvolver a oralidade através da contagem de história.
- Formar futuros leitores, conscientes e críticos de sua realidade para transformar a sociedade em que vivem.
- Aproximar pais e filhos através de uma atividade lúdica e prazerosa – a leitura.

DESENVOLVIMENTO

No início do ano de 2007, foram recebidos três exemplares de cada livro doados pela Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo. Após a separação dos títulos e sua catalogação, os mesmos foram distribuídos entre as turmas chamadas de módulos, a biblioteca e a sala da coordenação.

A Biblioteca Itinerante surgiu da discussão de três profissionais da unidade que atuavam em diferentes áreas do CEI, sendo uma professora readaptada, uma professora volante e uma agente de apoio readaptada. A biblioteca visava atender a necessidade das famílias cujo poder aquisitivo era baixo, não tendo acesso a leitura por ter outras prioridades. Ainda hoje, no Brasil o valor dos livros é elevado e não no orçamento familiar. O CEI atendia uma demanda de crianças de uma a cinco anos.

Fichas de empréstimo iguais às de uma biblioteca foram confeccionadas e distribuídas à comunidade. As profissionais explicaram o projeto, a importância da leitura, da conservação e da devolução dos livros para as famílias participarem ativamente deste movimento.

O trabalho foi individualizado e minucioso, através de conversas, exposição de livros, cartazes e folhetos para que cada família tirasse as dúvidas em relação ao funcionamento da biblioteca.

A biblioteca foi montada na entrada do CEI. As profissionais envolvidas convidaram os pais para conhecê-la e incentivaram a retirada dos livros.

O movimento de empréstimos cresceu com o passar do tempo. Pensaram, então, em atividades diferenciadas ligadas a leitura e a linguagem, já que a oralidade é muito explorada na Educação Infantil. Além do empréstimo, a biblioteca proporcionava o manuseio correto do livro, a descrição de personagens, a exploração do cenário, o ambiente literário e a transmissão de valores éticos.

A criação de um jornal na unidade pelas profissionais da Biblioteca Itinerante foi utilizado como meio de comunicação entre as professoras e os pais, divulgando as atividades desenvolvidas no dia e os livros que complementavam o conteúdo.

Os livros novos foram mostrados através de uma atividade que utilizava uma pista pintada na área externa do CEI, sinais de trânsito e os pais e as crianças como carros. No farol vermelho conheciam e manuseavam o livro e no verde andavam normalmente até outro livro para que pudessem escolher a próxima leitura.

Outra forma de apresentar os livros foi à utilização de uma caixa de história confeccionada por uma professora e usada pelos pais que ao terem contato com as crianças, perceberam a importância do projeto através da participação e da curiosidade das mesmas.

Para o Berçário menor foi utilizada uma iluminação especial para que a caixa ficasse em foco. As atenções estavam voltadas para os personagens e para os contadores que mudavam a entonação de voz de acordo com o personagem e a situação vivenciada no texto.

Através da parceria com a Escola João XXIII, possibilitamos a visita dos alunos do 4º ano para contar histórias utilizando caixas confeccionadas por eles. O encontro foi de extrema importância para ambas as partes, pois os pequenos conheceram novas crianças leitoras, novos livros e novos personagens. Os alunos da escola privada tiveram a oportunidade de conhecer um novo espaço literário, pequenos leitores e futuros contadores de histórias.

As crianças familiarizadas com a biblioteca, hoje têm autonomia na escolha dos títulos. Os livros afixados em varais na altura dos pequenos leitores são escolhidos e levados à mesa de empréstimo, onde os pais assinam a ficha de retirada dos mesmos.

A conservação dos livros e os prazos de devolução são respeitados na maioria das vezes.

Os pais tornaram-se contadores de histórias e as crianças estão desenvolvendo o hábito da leitura. A criança chega ao CEI descrevendo o livro e o momento em que a família contou a história. Algumas crianças já manifestam o desejo de contar suas próprias histórias e outras recontam a sua maneira o livro que levaram para casa.

Outra atividade desenvolvida pela biblioteca foi a Maleta Literária. Após a leitura do livro, a família faz um comentário sobre a história e registra a reação da criança diante do livro. Alguns livros estão bem cotados entre os pequenos, outros são descartados, pois não estimulam a leitura por não apresentar gravuras coloridas ou chamativas para a faixa etária trabalhada.

Dando continuidade ao projeto em 2008, a biblioteca foi divulgada para as novas famílias pelas profissionais idealizadoras da mesma e por agentes multiplicadores, funcionários e pais da unidade que adotaram este projeto.

Os profissionais do CEI Penha aderiram ao projeto de diferentes formas tais como: a caracterização de personagens para contar novas histórias, a interpretação de diferentes personagens, através de histórias cantadas e histórias texturizadas.

O livro *Bruxa, Bruxa, venha na minha festa*, tem como curiosidade a repetição de frases. A criança não precisa estar alfabetizada para poder ler o livro. Além deste fator, o livro apresenta personagens místicos como o unicórnio, o dragão, o pirata, que começam a fazer parte do vocabulário e do universo literário da criança.

O livro *O Ursinho Apavorado* através da imitação dos sons dos animais leva a criança a aproximar-se de personagens até o momento amedrontador como, por exemplo, o leão e o gorila.

A história cantada e a história texturizada trazem o livro à realidade da criança no momento em que ela toca objetos que fazem parte de seu cotidiano e canta músicas com vocabulário conhecido e significativo.

A partir do momento que a criança nomeia o livro, ela identifica-o, torna-se íntima. A linguagem possibilita a compreensão, a criação e o controle sobre si e sobre o mundo.

Estas diferentes maneiras de contar histórias envolveram os pequenos que ao serem chamados para recontá-las não têm dificuldade, principalmente as crianças que apresentam algum problema na fala, integrando-se assim as demais crianças.

Este é um projeto dinâmico, interativo e que junto à comunidade espera continuar a desenvolver o gosto pela leitura.

DEPOIMENTOS

Seguem alguns relatos de leitores assíduos (crianças e pais) e de professores que ajudam a avaliar e reavaliar o projeto assim como também a nossa prática pedagógica.

“Contar a história Bruxa, Bruxa, foi bem legal. Gosto de contar e recontar as histórias. Fantasiada de bruxa, percebi que despertei nas crianças maior interesse e curiosidade. Algumas ficaram com medo, outras tocaram na roupa e algumas colocaram o chapéu. O interesse e o brilho nos olhos dos pequenos é que vale a pena!” **Creide Pereira Soares – Professora de Educação Infantil**

*“Dando continuidade ao Projeto da Biblioteca Itinerante, nos organizamos para contar uma história temática, saindo do “era uma vez”, príncipes, fadas e bruxas. A mesma tinha vida própria, onde as crianças experimentaram vários tipos de texturas e formas, ampliando assim seus conhecimentos de percepção (duro-mole, macio-áspero, fino...). Foi algo prazeroso para eles, percebemos a curiosidade em tocar nas texturas. Os instigamos a dizer o que sentiam em relação a algumas formas, as diferenças e demos a oportunidade de uma aprendizagem real. Os berçários sorriam e alguns começaram a colocar a mãozinha nas texturas com os olhinhos brilhantes. Nosso objetivo maior com este projeto é ampliar o vocabulário das crianças, a percepção, a concentração e acima de tudo ‘Amor pela Leitura’”. **Marizilda de Almeida Carlos David– Professora de Educação Infantil***

“Vou tentar contar a vocês como foi que adentrei no visionário mundo da leitura aqui no CEI Penha através do Projeto da Biblioteca Itinerante. Já havia ouvido algo sobre o projeto, através da professora Rosana Auricchio. Ela me contava em detalhes... mil detalhes, como havia se iniciado, os idealizadores (do qual a própria professora faz parte), os primeiros entraves, dificuldades, o receio dos pais perante algo novo e as crianças... ah, as crianças... De conversa em conversa, é óbvio que eu já estava maravilhado, quando surgiu da própria professora o convite para que eu integrasse o quadro de colaboradores do projeto. De pronto aceitei, mesmo com um pouco de receio, até porque eu era um funcionário (servidor) novo no CEI e os pais pouco sabiam sobre mim. Mas, como todo desafio causa medo e excitação, dentro de mim, o espírito Quixoteano falava mais alto. Como disse antes, a aceitação dos pais através do receio foi o ponto mais intrigante. Poucos vinham procurar os livros, outros não vinham, mesmo com a insistência dos filhos. Mas essa barreira durou pouco e os pais passaram a frequentar a biblioteca e levar seus filhos para escolherem os livros. Isso é algo fascinante. Pais e filhos almejando conhecimento juntos, mesmo que para o resto do mundo, isto não seja algo de muita importância nos dias de hoje. Mas não para mim, não para um espírito de conhecimento. E as crianças... ah, as crianças. O que dizer de pares de olhos furtivos e brilhantes como estrelas que buscam uma nova galáxia, a cada capa desconhecida, querendo observar cada universo em forma de folhas, letras... Pobre dos pais que não as auxiliarem em sua jornada rumo ao continente perdido da leitura. Eles brigam, ou melhor, lutam em busca desse tesouro escondido dentro das páginas. O mérito não será só meu e nem o almejo, mas sim daqueles que criaram novos universos para que os pequenos Dons Quixotes pudessem desbravar... E quanto a mim, continuarei aqui, nesse trabalho divinamente fantástico,

assim como Sancho, sendo um colaborador, ou melhor, um fiel escudeiro.” **Douglas Vieira da Silva – Auxiliar Técnico de Educação**

“Vejo a história como uma rica fonte de entretenimento, que leva distração, divertimento, conhecimento, uma viagem de imaginação e cultura. Contando histórias, sinto aguçar a curiosidade das crianças na descoberta de como é o mundo e para que servem as coisas.”

Aparecida Paranhos Mioni Cazorla – Professora de Educação Infantil

“Sempre achei muito importante a leitura e o conto de fadas para a imaginação infantil. Nós sempre compramos e fazemos leitura de livros para a Beatriz. No começo ela somente ouvia e algumas vezes nem mesmo esperava terminar a leitura. Hoje não só ouve como também interpreta a história. O empréstimo de livros feito pelo CEI é bom, pois a cada semana ela tem uma nova história para ouvir e interpretar. Hoje ela não está mais no CEI Penha, mas continua emprestando livros no CEI e em bibliotecas públicas. A leitura é sempre muito importante na educação das crianças. É onde a criança mergulha em sua imaginação. Parabéns a todos os educadores pelo incentivo da leitura, onde os pais também podem compartilhar esta hora tão preciosa.” **Ivani Perez Ferreira – Avó da Beatriz Fernandes**

“Em minha opinião, a melhor coisa que o CEI tem é a Biblioteca, para as mães poderem ajudar no desenvolvimento das crianças. Não são somente os educadores, mas as mães e os pais devem ajudar, para que nunca falte educação para seus filhos. Ao ler em casa, a Gabrielli fala: - Mamãe, papai, a ‘Bibi’ conta história para vocês. Ela nos conta a história do livro escolhido por ela e vai contar para os colegas da escolinha (CEI).” **Maria Evaneide Gomes da Silva – Mãe da Gabrielli Gomes**

“Sou Luzia, mãe do Danillo, aluno do CEI Penha, desde 2007. Logo que o Danillo entrou na escolinha, teve seu primeiro contato com os livros através dos trabalhos das professoras. Foi paixão a primeira vista! Com a criação da biblioteca nos fins de semana, ficou fácil continuar em casa o trabalho de incentivo a leitura (nem sempre temos condições de comprar livros ou ir até uma biblioteca pública). Até o Caio, meu filho de onze anos, está sendo beneficiado com os livros. Observando o desenvolvimento do Danillo, percebi que ele aprendeu a falar cedo. Sempre teve muita facilidade em se expressar. Nessa época nós morávamos longe da escola, então, íamos lendo no ônibus. Ele sempre ficou muito atento aos detalhes das ilustrações. Neste ano de 2008, a escola continua com a Biblioteca, e tem sido uma maravilha! Quando os livros estão expostos na entrada da escola, ele solta minha mão e sai correndo para escolher os livros, quer levar vários! Em casa, várias vezes tenho que parar o que estou fazendo e sentar com ele no tapete ou no sofá para ‘tontá’ uma ‘itólia’. O Caio está sempre presente nesses momentos. O Danillo pede para eu ler, depois pede para o Caio, sempre repetindo as mesmas frases: ‘Cuidado com o Livro’; ‘Não pode ragá nem sujá, senão a Rosana não empresta’; ‘O Livro é de todos da icolá’; ‘Agora é a minha vez, pode começar?’. Ele conta as histórias sempre com o livro virado pra frente, para que possamos ver melhor as ilustrações. O legal é que ao final de cada história, ele aumenta, inventa, cria e canta. O Danillo é apaixonado por livros, mas, o que mais gostou foi: O Urso Apavorado, Chapeuzinho Vermelho, A Casa que João Construiu e O Sitio da Ninoca. Quero aproveitar para parabenizar o CEI por esta iniciativa que muito tem

ajudado no desenvolvimento das crianças. Parabéns, CEI Penha!” Luzia Francisca da Silva – Mãe do Danilo

“Sem sombras de dúvida, uma excelente chance para que nossas crianças tenham acesso à leitura, pois o desenvolvimento de uma criança que tem o hábito da leitura desde a mais tenra idade é muito mais significativo. Outro fator é levar em conta os preços dos livros que não cabem no orçamento da maioria das famílias. Queira Deus que a Biblioteca Itinerante continue cada vez mais forte com incentivo por parte de todos. Tenho a certeza que nossos filhos ficarão muito gratos no futuro.” Ailton Aparecido Avanzo – Pai do João Artur

AVALIAÇÃO

Após um ano e meio da aplicação do projeto é claro o vínculo formado entre a criança, a família e o CEI, no tocante ao hábito da leitura. O acervo literário favoreceu a inclusão do livro no cotidiano familiar.

A família percebeu a organização realizada pela Biblioteca Itinerante para incentivar e estimular o empréstimo de livros e toda a relação que a criança tem com a literatura.

O estímulo das professoras no empréstimo dos livros foi de fundamental importância. As professoras levavam as crianças na biblioteca e exploravam as histórias de diversas maneiras.

A partir da linguagem, a criança vivencia experiências que transcendem sua própria realidade. Falar não é apenas emitir sons, é um ato prático que abre a porta da realidade para darmos sentido as coisas.

A Biblioteca Itinerante nasceu de uma autoria restrita. Hoje contamos com a presença de agentes multiplicadores e de mini leitores que darão continuidade ao projeto, pois perceberam a importância da leitura em nossa sociedade, já que a linguagem é um processo de humanização, uma característica humana.

Como diria o escritor Monteiro Lobato “Um país se faz com homens e livros” e é desta forma que acreditamos numa transformação social através do conhecimento e não da violência, através de seres humanos éticos, pois a ética, segundo Paulo Freire está diretamente ligada à Educação.

BIBLIOGRAFIA

Orientações Curriculares, Proposição de Experiências de Aprendizagem para a Educação Infantil- Secretaria Municipal de Educação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Questão Educacional – Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência.

Revista Direcional – várias edições.

Revista Nova Escola – várias edições.

Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Hoffman, Jussara. Avaliação Mediadora – uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: Mediação; 1998.

Antunes, Celso. Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma nova escola de qualidade. São Paulo. Vozes.

Ferreiro, Emília. Cultura Escrita e Educação. Porto Alegre. Artmed 2201.

Diversos livros da Literatura Infantil.

Druce, Arden. Bruxa, Bruxa, venha na minha festa. Brinque-Book.

Faulkner, Keit. O Ursinho Apavorado. Companhia das Letrinhas.

Veja e Toque, Donald. Editora Manole Ltda.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
“Urbanização e Moradia”

Unidade Educacional:
EMEF Dr. Hélio Tavares

Responsável:
Maria de Lourdes Silva Bitencurt

JUSTIFICATIVA

No distrito de Itaim Paulista, local onde está inserida a EMEF Dr. Hélio Tavares, existe um grande núcleo de povoamento denominado: Conjunto Encosta Norte, com infra-estrutura precária, poucas áreas de lazer, pouco planejamento imobiliário e com o crescente uso dos popularmente chamados “puxadinhos” - na sua maioria, edificações construídas sem seguir qualquer projeto previamente concebido.

O projeto foi desenvolvido com a intenção de que os alunos percebessem como o acelerado processo de urbanização necessita de um planejamento imobiliário para que haja ordem entre sociedade e natureza e também interação entre esses elementos. A partir do entendimento de como ocorreu e ocorre o desenvolvimento e crescimento das cidades, percebeu-se a importância que elas passaram a ter na vida das pessoas.

Neste sentido, o presente trabalho procurou mostrar aos alunos a intenção de prever ações para seu futuro em uma busca de projetos arquitetônicos, ainda que de plantas populares, mas que venham contemplar melhores meios de organização e ocupação dos espaços, visando à transformação da paisagem atual e objetivando melhores condições de vida para todos. Afinal, a parca situação financeira não deve justificar a falta de planejamento nem um estudo mais apurado sobre os elementos que possam proporcionar uma melhoria significativa de moradia e de estética da paisagem local.

Para que os alunos se percebessem como participantes desse processo de transformação do espaço que ocupam, foi construída uma cidade fictícia denominada “Cercadinho”. Cada aluno projetou e construiu sua própria casa mediante estudo dos conteúdos propostos para as 6^{as} séries.

Os alunos apresentaram várias propostas de modelos de plantas de casas populares, das quais, apenas duas foram escolhidas, após uma criteriosa seleção. As casas foram construídas com palitos de sorvete em sala de aula sob minha orientação, acompanhamento e avaliação.

OBJETIVOS

Como objetivo geral, tivemos:

- Entendimento de organização e planejamento urbano e imobiliário, proporcionando subsídios para a transformação do espaço por eles ocupado.

Quanto aos objetivos específicos:

- Desenvolver a percepção visual do local onde vivem e estudam;
- Entender o processo de formação das cidades, identificando-as como fenômenos urbanos;
- Transmitir referências espaciais para o deslocamento e ambientação do educando, dando a ele uma visão consciente e crítica de seu espaço;
- Melhorar a compreensão de equivalência e de medidas proporcionais (escala numérica e gráfica);
- Despertar o espírito crítico através da leitura de obras visuais.

CONTEÚDOS

- Escala;
- Paisagem;
- Planta cartográfica; croqui e maquete.
- Formação de uma cidade;
- Dinâmica das metrópoles;
- Infra-estrutura de uma cidade.

METODOLOGIA

- Observação da paisagem local;
- Registro de como o espaço vivido foi organizado;
- Levantamento do conhecimento prévio sobre paisagem;
- Discussão sobre planejamento urbano e imobiliário;
- Apresentação de uma planta de casa planejada,
- Apresentação de uma casinha planejada feita com palitos de sorvetes;

Mostrei a eles uma casinha de palitos de sorvete, por mim confeccionada para aguçar-lhes a vontade de fazer e obter também uma casinha que pudesse ser confeccionada por eles mesmos. Desta forma, fiz surgir o questionamento: Como poderíamos confeccionar a nossa própria casa? Teríamos dificuldades de representá-la tal qual ela é? Poderíamos fazer casas como as já existentes em nosso bairro? O resultado da observação do local e da paisagem mostrou-nos a necessidade de reorganização, para uma projeção que melhorasse a ocupação dos espaços e de criarmos daí a possibilidade de projetarmos com as casinhas, uma vila, um bairro ou até mesmo uma cidade.

Para que meus alunos pudessem confeccionar casinhas (idéia que já havia conseguido estimular), reconhecer os espaços por elas ocupado e a sua organização, iniciei o trabalho

dos conteúdos: Urbanização e escala e desenvolvimento e planeamento habitacional de uma cidade. Trabalhamos então, com muito entusiasmo, a escala, seguido a planta de uma casa como atividade prática. Em seguida essa casa, antes somente projetada no papel, foi construída com palitos de sorvete.

- O material selecionado que usamos para a confecção das casinhas foi: palitos de sorvete, cola de madeira, tinta para madeira, acetato, papel contacto, uso de material reciclável conseguidos pelos próprios alunos, alguns fornecidos por mim e outros que usamos do material pedagógico.
- Em seguida, foram desenvolvidos os conteúdos: Formação de uma cidade e o que é necessário para a formação de uma cidade. Nessa etapa, surgiram vários questionamentos por parte dos alunos. Tais como: - Quem asfalta as ruas? – Quem coloca os postes de iluminação e quem dá nomes às ruas, avenidas, praças, escolas etc., Nesse ponto, achei por bem propor uma relação do que é necessário para que haja uma boa infra-estrutura nas cidades. Com a produção textual feita pelos alunos sob minha orientação, foi coletivamente consagrado que na cidade os recursos básicos deveriam constar: posto de saúde, prefeitura, escolas, posto policial, mercados, hospitais, feiras-livres, bancos, cartórios, entre outros.
- Nas aulas seguintes, de posse do material já descrito, iniciamos cada um de nós, inclusive eu, Prof^a. Lourdes, uma casinha, juntamente com os alunos, para que eu fosse explicando a eles, passo a passo, todo o processo de construção a partir da noção de proporcionalidade. Ou seja: a confecção da base da casinha, a organização dos cômodos, a estrutura das paredes, portas e janelas, piso e telhado, pintura da casa, jardins, portões, muros e até mesmo, cerquinhas. Tudo de palitos de sorvete. Foi daí que surgiu o nome de “Município de Cercadinho”.

AVALIAÇÃO

Considerou-se alcançado o objetivo geral e específico percebendo-se que o aluno conseguiu se situar, frente a uma compreensão mais profunda da realidade que o cerca e desenvolvendo uma postura solidária, participativa e crítica. Com relação aos conteúdos trabalhados, houve um grande interesse, partindo de uma atividade lúdica, que foi avaliada durante todo o processo do trabalho, desde a construção da casinha, até a formação da cidade por meio dos temas debatidos na sala de aula.

Acredito que houve interação, sociabilização, compromisso, houve também a percepção de vários comportamentos e atitudes observados e valorizados como critérios avaliativos: participação dos alunos nas atividades individuais e de grupo, o cumprimento dos compromissos assumidos, o interesse pelos novos conteúdos da área, a compreensão do conhecimento como algo socialmente construído e patrimônio de todos, o relacionamento com o grupo, o respeito às diferenças entre pessoas e grupos sociais diferentes e a valorização da pluralidade cultural com repúdio à desigualdade e à discriminação, entre outros, facilitando assim, a aproximação entre docente e discente.

Todos os itens da avaliação foram previamente discutidos com a classe, explicitados claramente para que todos se comprometessem com os objetivos traçados.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO ‘URBANIZAÇÃO E MORADIA’

O momento culminante deste Projeto foi a exposição da maquete totalmente terminada, para os alunos e comunidade do Conjunto Encosta Norte e arredores. O “Município de Cercadinho” pôde ser conhecido por inúmeras pessoas através da Feira Cultural da EMEF Dr. Héllio Tavares, ocorrida em novembro de 2007.

BIBLIOGRAFIA

Trilhas da Geografia: Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira ed. Scipione 6ª série 1ª edição-2001

PCNs –Parâmetros Curriculares Nacionais -Volume V - Geografia 5ª a 8ª séries (6ª série)

Revista Nova Escola, maio, 2007.

Revista Nova Escola, junho, 2007.

Dicionário Aurélio, Rio de Janeiro. J.E.M.M., EDITORES, Ltda.

Atlas Geográfico – Maria Hellena Simielli – ed. Ática

Geografia – Novo Ensino Médio – Lúcia Marina e Tércio - ed.Ática 1ª edição 2002 conteúdo 23.

Revista Arquitetura e Construção – ano 9 nº. 4 – Editora Abril/93.

AUTO AVALIAÇÃO

Eu, Maria de Lourdes Silva Bitencurt, 50 anos, sou Professora de Geografia na Rede Municipal de Ensino há 18 anos e sempre gostei do lúdico. Neste momento (2008), já estou planejando um Projeto cujo título é: “Para gostar de Geografia”. Nele, meus alunos terão oportunidades de não somente contemplar os objetivos afins, alcançando as expectativas de aprendizagem, de maneira prazerosa bem como a responsabilidade, o compromisso e os desafios que estarão presentes no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Urbanização e Moradia, teve a participação da diretora Sra. Sandra, os professores: Eliete de Portuques, Marco Antonio de Ciências, Rivaldo de Matemática e Sr. Orodias – Inspetor de Alunos. As fotos da exposição da maquete poderei enviá-las à revista Nova Escola.

“Fico imaginando o prazer que terá o meu aluno em ver nas páginas da revista Nova Escola a foto da sua casinha na maquete deste Projeto. Caro colega leitor, o preço do sorriso deste aluno, é de valor incalculável”.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Informações:

CCI.1 - Equipe de Eventos

Viaduto Jacareí, 100 - Anexo - Sala 217 Bela Vista - SP - CEP: 01319-900

Telefones: 3396-4239 / 3396-4311

www.saopaulo.sp.leg.br / premiopaulofreire@saopaulo.sp.leg.br